

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Batista Pereira: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: **O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: **As idíias de Alberto Torres** (síntese com índice remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: **Raça e Assimilação** — 3.ª edição (aumentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: **Segunda Vingem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo** (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay.
- 6 — Batista Pereira: **Vultos e episódios do Brasil**.
- 7 — Batista Pereira: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos e colhido).
- 8 — Oliveira Vianna: **Populações Meridionais do Brasil** — 3.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: **Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pinco). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: **Evolução do Povo Brasileiro** — 2.ª edição (ilustrada).
- 11 — Luis da Camara Cascudo: **O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Vol. ilustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: **A margem da Historia do Brasil**.
- 14 — Pedro Calmon: **Historia da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: **Da Regencia á queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: **A Organização Nacional**.
- 17 — Alberto Torres: **O Problema Nacional Brasileiro**.
- 18 — Visconde de Taunay: **Pedro II**.
- 19 — Afonso de E. Taunay: **Visitantes do Brasil Colonial** (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: **Mauá** (com tres illustrações fóra do texto).
- 21 — Batista Pereira: **Pelo Brasil Maior**.
- 22 — E. Roquete Pinto: **Ensaios de Antropologia Brasileira**.
- 23 — Evaristo de Moraes: **A escravidão africana no Brasil**.
- 24 — Pandiá Calogeras: **Problemas de Administração**.
- 25 — Mario Marroquim: **Á lingua do Nordeste**.
- 26 — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas**.
- 27 — Alfredo Elis Junior: **Populações Paulistas**.
- 28 — General Couto de Magalhães: **Viajem ao Araguaia** — 3.ª edição.
- 29 — Josué de Castro: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: **O Brasil na crise actual**.
- 32 — C. de Melo-Leitão: **Visitantes do Primeiro Imperio** — Ed. ilustrada. (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: **Meteorologia Brasileira**.
- 34 — Anyone Costa: **Introdução á Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada.
- 35 — A. J. Sampaio: **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada.
- 36 — Alfredo Elis Junior: **O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano** — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: **Primeiros Povoadores do Brasil** — (Ed. ilustrada).
- 38 — Rui Barbosa: **Mocidade e Exilio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
- 39 — E. Roquete Pinto: **Rondonia** — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
- 40 — Pedro Calmon: **Historia Social do Brasil** — 1.º Tomo — **Espirito da Sociedade Colonial** — 2.ª edição.
- 41 — Jose-Maria Belo: **A intelligencia do Brasil**.
- 42 — Pandiá Calogeras: **Formação Histórica do Brasil** — 2.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).
- 43 — A. Saboia Lima: **Alberto Torres e sua obra**.
- 44 — Estevão Pinto: **Os indigenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — Basilio de Magalhães: **Expansão Geografica do Brasil Colonial**.
- 46 — Renato Mendonça: **A influencia africana no português do Brasil** — Ed. ilustrada.
- 47 — Manoel Bonfim: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Mauá.
- 48 — Urbino Vianna: **Bandeiras e sertanistas baianos**.
- 49 — Gustavo Barroso: **Historia Militar do Brasil** — Ed. ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: **Projeção Continental do Brasil** — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Otavio de Freitas: **Doenças africanas no Brasil**.
- 52 — General Couto de Magalhães: **O selvagem** — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.

- 53 — A. J. de Sampaio: **Biogeografia dinamica.**
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — **Calogeras.**
- 55 — Hildebrando Accioly: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.**
- 56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefacio e notas de Gastão Penhalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Vale: **Elementos do Folclore musical Brasileiro.**
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem à Provincia de Santa Catarina (1820)** — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.**
- 60 — Emilio Rivasseau: **A vida dos Indios Guaicurus** — Edição ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, comentadas por Max Fleiuss)** — Edição ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: **O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.
- 63 — Raimundo Moraes: **Na Planicie Amazonica** — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: **Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarcal rural no Brasil** — Edição ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: **Silva Jardim.**
- 66 — Primitivo Moneir: **A Instrução e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853** — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: **Problemas de Governo** — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goaz** — 1.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: **Através da Historia Naval Brasileira.**
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: **Conceito da Civilização Brasileira.**
- 71 — F. C. Hoehne — **Botânica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI** — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — **Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo"** — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira: **Machado de Assis — (Estudo Critico-Biografico)** — Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — **Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...)** — 2.ª edição.
- 75 — Afonso A. de Freitas: **Vocabulario Nhêngatú (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo)** — Língua Tupi-guarani.
- 76 — Gustavo Barroso: **Historia secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicção de Pedro I" — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Melo-Leitão: **Zoologia do Brasil** — Edição ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiás** — 2.º tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: **O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua atuação na politica nacional — 1810-1889.**
- 80 — Osvaldo R. Cabral: **Santa Catarina** — Edição ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio** — Frei Caneca — Edição ilustrada.
- 82 — C. de Melo-Leitão: **O Brasil Visto Pelos Ingleses.**
- 83 — Pedro Calmon: **Historia Social do Brasil** — 2.º tomo — **Espírito da Sociedade Imperial.**
- 84 — Orlando M. Carvalho: **Problemas Fundamentais do Municipio** — Edição ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinhu: **Cotegipe e seu Tempo** — Ed. ilustrada.
- 86 — Aurelia Pinheiro: **A' Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.
- 87 — Primitivo Moneir: **A Instrução e o Imperio — (Subsidios para a História da Educação no Brasil)** — 2.º volume — **Reforma do ensino — 1854-1888.**
- 88 — Helio Lobo: **Um Varão da República: Fernando Lobo.**
- 89 — Carone' A. Laurival de Moura: **As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**
- 90 — Alfredo Ellis Junior: **A Evolução Econômica Paulista e suas Causas** — Edição ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: **O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.**
- 92 — Almirante Antonio Alves Camara: **Excursão Sobre as Construções Navais Indigenas do Brasil** — 2.ª edição ilustrada.
- 93 — Septim Leite: **Páginas de História do Brasil.**
- 94 — Salomão de Vasconcelos: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independência** — Edição ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: **Viagem no Brasil 1865-1866** — Trad. de Edgar Sussokind de Mendonça.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: **A Politica que Couvem ao Brasil.**
- 97 — Lima Figueiredo: **Oeste Paranaense** — Edição Ilustrada.

Oeste Paranaense

1398

Série 5.^a

BRASILIANA

Vol. 97

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

LIMA FIGUEIREDO

O ÉSTE PARANAENSE

EDIÇÃO ILUSTRADA



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE



INDICE

- I — Paranaguá — Escalando a Serra do Mar —
Um rio patriota — Planalto Curitibano — A
cidade sorriso — O segundo degrau da es-
cada. A princesa dos Campos gerais. A
caminho de Imbituva. O vil metal. “Miss”
Imbituva. O barbaquá. Rio dos Patos. A
viagem ousada de ALEIXO GARCIA. Fun-
dação de Vila Rica. O baú de bronze. O
cobre. Prudentópolis 18
- II — O “édredon”. O terceiro degrau: — a Serra
Esperança. Planalto Guarapuavano. Desas-
tre sem vítimas. Um polaco gentil. Na Ca-
pital do sertão paranaense. Baile mixto de
americanismo e antiguidade. A descoberta
dos campos de Guarapuava. Marcha desas-
trosa do Coronel AFONSO BOTELHO. Fun-
dação de Guarapuava em 1819. Origem do
nome da cidade. Capão do Atalaia 24
- III — No “arizona” guarapuavano. Um banho de-
sastrado. Campos deshabitados. Da Serra
do Retiro ao Rio Cavernôso. O pinheiro.
Colonias polacas. A bela povoação de La-
ranjeiras. Carne de papagaio com gosto de

laranja. Um picoto animado: PRESTES x GETULIO. As carroças "polacas" estragam a estrada. Serras. Índios degenerados. Rios que sobem e descem de vereda. Acampamento num caminhão. Na hora da onça beber água. Caçada de préa, com luz elétrica. Roncador. Catanduvás 35

IV - Vegetação. Ofideos com frio. Regime das chuvas na região. Na picada PRESTES. Costume de caçadores. Nas margens do Floriano. "Jupará" e "reviro". Recriando o pique. Um acampamento apressado. Vegetação. Gente miserável. Diário. Remédio contra tosse. Um momento difícil. Jacutingas e urús. Nas barrancas do Iguassú. A caçada de um tigre. A crissimma nos barra o caminho. Frio intenso. Na fronteira argentina. Mel excelente. Na serra azul. Pedras em profusão. Uma vara de porcos. Uma geada fortíssima. Sem fogo. Cupido e as onças 47

V - A marcha ousada de CABEÇA DE VACA. Um grilo camarada. Nas cataratas do Iguassu. A diplomacia vence a ousadia. Chuva de raios. Noite escura. Visagem. Na rua da amargura — "Non bay peligro" "Terêrê". Devastando a mata. Uma pagina de TAUNAY. Salto Canigoá. Matando a fome num laranjal. Deus dá o frio... No Salto do Leão. Ultimo arranco. Uma complicação na maquina celestial. Na casa de JOÃO CORRÊA. Regime dos ventos 66

- VI -- De Benjamin á Foz do Iguassú. A opinião de TAUNAY sobre a imigração. Paranáy: — terra privilegiada. A cidade da Foz do Iguassú. Colonias militares. Um homem de maus bofes. O progresso introduzido pelo padre Monsenhor GUILHERME MARIA. Falta de bons hoteis. Bailaricos. Saltos de Santa Maria do Iguassú. Porto Aguirre. Turismo. Visitando os Saltos. Garganta do Diabo. Dados numericos. Vitoria, Niagara e Paulo Afonso. Sintese da descrição do Iguassú. Marco das três fronteiras. Porto Bertoni 82
- VII -- No tranquinho do burro... Bela-Vista. Tacurupucú. Um romance triste. Passo Cué. Porto Ipiranga. Uma morte estúpida. O fatal "antecipo". O velorio. O "sereno". Em Sete de Setembro. A sésta. Em Santa Helena. Uma prosa agradável. O pinhão. Lope-y. Britania. Doze de Outubro. Uma farra. Don ALICA. Um monstro 100
- VIII -- Porto Mendes. Telegrafo errado... Estrada de ferro liliputiana. Guaíra. A Mate Larangeiras. Os saltos admiraveis. Andorinhas espertas. Dados numericos. Na margem matogrossense. Um ornitologo alemão trabalhando para os Estados-Unidos. O rio politico 113
- IX -- Os jesuitas. As voltas com uma inundação. Fundação de Vila Rica e Ciudad Real. Viagem dos missionarios até o Paranapanema. Lenda de um indio que resuscitou. Bravuras de TAIÁOBÁ. Fundações do Tibagí. Con-

	versão de TAIÁOBÁ. Comendo a carne do sacristão. Apogeu do estado teocratico . . .	125
X	Fundação de S. Paulo. MANOEL PRETO. Viagem de Don LUIZ CÉSPEDES através do Brasil. ANTONIO RAPÔSO TAVARES. Destruição das reduções do Tibagi. MANSILLA e MACÊTA, heróis do cumprimento do dever. Encomiendas - Destruição de S. Inacio e Lorêto. Ocupação de Ciudad Real e Vila Rica. Raias livres	134
XI --	Viagem de NESTOR BORBA aos saltos das Sete Quédas. Vestígios dos antigos colonizadores. Organização da Empreza Mate Larrancira. Desvio da importação da herba do Paraguai para o Paraná	143
XII --	O hotel. Conversa "après diner". Costumes guaiárensens. A herba-mate. Um esculpio entendido em mineralogia. A instrução no sertão paranaense. O Itararé e sua lenda indígena. Um escossês que tinha medo de baratas	148
XIII --	Itenerarios que irradiam de Guaíra. A extração da madeira. Fumo forte. A ^a caça de um veado pelo magnetismo. Miseria e imundicie. Vinho de morango bravo. M'Bôpicuá — Ruinas de Santa Cruz. Indios desconfiados. Vigilia. Uma quasi tragedia. Nas barrancas do Piquerí. Consultando EDMUNDO MERCER	157
XIV --	Um problema. A docilidade do incola. Forragem de folha de palmeira — A luta com os mosquitos — Nuvens de borboletas —	

	Rancho Pensamento — Em sinhá ANNA COITO — Em campo Mourão — Uma cêra de herva mate. Invasão paulista . . .	170
XV	— Historia singela de uma picada. No divisor de aguas. Carinhos de urtiga — Otimo observatorio. Um enterro extravagante — Massiço do Pitanga — Novamente de automovel — O xaxim — Reservas da Patria — A falta de uma estrada de ferro. Como entendo a politica	177
XVI	— As duas vias de comunicações penetrantes. Hulha branca — Candoy — Algodão — Trigo. Estradas transversais — Um milagre — A rodovia São João. Barracão. A victoria do Barão do Rio Branco e a justiça de GOVER CLEVELAND	184
XVII	— O asceta JOÃO MARIA. O “santo” JOSÉ MARIA atiça os animos dos jagunços no Contestado. A morte heroica do Capitão JOÃO GUALBERTO nos Campos de Iraní. Campanha do Contestado	193

I

Paranaguá — Escalando a Serra do Mar —
Um rio patriota — Planalto Curitibano — A
cidade sorriso — O segundo degrau da escada.
A princesa dos Campos Gerais. A caminho
de Imbituva. O vil metal. “Miss” Imbituva.
O barbaquá. Rio dos Patos. A viagem ou-
sada de ALEIXO GARCIA. Fundação de
Vila Rica. O baú de bronze. O cobre.
Prudentopolis.

Manhã clara, sol radiante. O “Itaquera” avança
caturrando... Ao longe, como um prolongado beijo
dos dois infinitos — céu e mar — se descortina uma
alvinitente praia.

De aspecto puramente selvagem, de ilhas ver-
dejantes e praias bellissimas, é constituida a sala de
visitas do Paraná — o pôrto de Paranaguá.

O convés em alvorço apresenta uma feição
alegre, onde os passageiros, satisfeitos com a via-
gem, aguardam a hora de atracação.

Pontes gentis avançam pelo mar a dentro, afim
de receber os passageiros que chegam. Automoveis
correm céleres para a cidade histórica, onde os por-

tugueses, sempre desconfiados de seus vizinhos hespanhóis, fizeram construir um fôrte

Falta ainda a Paranaguá um pouco de conforto, pois os hotéis, si bem que bons e higienicos, não satisfazem plenamente os preceitos modernos de comodidade.

Tem inicio em Paranaguá a obra portentosa de ANDRÉ REBOUÇAS, o homem-símbolo da engenharia nacional.

A estrada de ferro que liga o porto a Curitiba, galgando a alcantilada Serra do Mar, é um verdadeiro ninho de belezas e emoções. O trem escala a montanha pela sua encosta. No fundo das ravinas, rolam cristalinas aguas, ornamentando as fragas e atenuando a coloração monotona da folhagem, em busca do mar que lá longe se confunde com o céu...

De chôfre, escuridão profunda: o trem penetra num tunel, para sair na vertente oposta da serra. E, logo ao deixá-lo, se vê na frente uma outra abertura, em a qual penetrará o gigante de ferro que, resfolegando, galga o viaduto enorme que liga os dois tuneis por cima de bellissimo vale.

Aquele que ama as belezas naturais, não pôde desconhecer essa obra de concepção prodigiosa que elevou ao galarim da fama o engenheiro, autor de traçado tão singular, após ter o governo brasileiro recorrido, sem resultado, a varios técnicos estrangeiros.

O observador fica com a imaginação em suspenso e, para cada lado que volte sua cabeça, verá com pinceladas fortes um quadro magistralmente esboçado pela mão divina.

De emoção em emoção, a montanha vai sendo vencida, á medida que o trem se aproxima da cidade sorriso — Curitiba, que está situada no terraço curitibano, onde nasce o Iguassú e o seu afluente, o Negro.

O Iguassú é o tipo do rio que ama verdadeiramente o territorio em que nasce. Tem suas cabeceiras nas proximidades da Serra do Mar. Seria natural que a torrente despenhasse pela serra abaixo em procura do Oceano; mas o Iguassú tem o seu coração enterrado no Paraná, sulca o terreno para Oéste, luta com montanhas e só deixa de fertilizar as plagas dos pinhais quando a terra se acaba, confundindo suas aguas com as do Paraná.

Curitiba é uma bela cidade. Ruas largas, edificios majestosos, bom comercio, passeios admiraveis.

Sua rua mais frequentada é a 15 de Novembro, onde á tarde muita gente se reúne para o "footing".

Um friozinho agradável tempera o ambiente. As casas de chá se enchem de lindas paranaenses, quasi todas lourinhas e com as faces belas de um rosado natural.

De vez em quando se ouve uma conversa em alemão, em polaco ou em italiano, falada por essas

graciosas meninas, que são o resultado do caldeamento do sangue dessas raças com o nosso.

O terraço de Curitiba é constituído de rochas predevonianas, apresentando, nas proximidades da cidade, ondulações que variam a altitude de 900 a 950 metros. O planalto para Léste sóbe cêrca de 400 metros acima do nivel da planície, exhibindo fórmias dentadas, para descambar abruptamente para o Oceano, constituindo a Serra do Mar.

Entre as bacias do Iguassú e do Ribeira do Iguape, o terraço se eleva a uma altitude de cêrca de 1.000 metros.

O efeito de erosão causado pela ação das aguas do Ribeira do Iguape quebrou completamente o modelado do terreno, transformando a planície em um terreno de feição montanhosa.

Para o ocidente o terreno vai pouco a pouco se elevando, até formar o segundo degrau da escada que fórma o territorio paranaense. Êste degrau é mais um declive do que um resalto e é constituído pela Serrinha.

A linha ferrea acompanha esta marcha para Oêste até Ponta Grossa, onde se bifurca para o Norte e para o Sul. Para o Norte ela busca o territorio dos bandeirantes; para o Sul procura os pagos gaúchos, ligando os dois por um grande amplexo de ferro.

Ponta Grossa, a princesa coroada dos Campos Gerais, está magnificamente situada no planalto dêste nome, numa altitude de 982 metros. Seu ter-

reno é constituído de rochas devonianas e permeanas, que jazem em camadas horizontais, ligeiramente inclinadas para o terraço anterior. A região seria uma planície perfeita, si não fosse esculpida pelos rios que, cavando grotões altíssimos, galgaram o segundo planalto.

Esta cidade é a segunda do Estado. São lindos seus campos, que ao longe se perdem de vista; suas ruas bem calçadas, seu commercio e seu grande movimento, encantam de subito o viajante que lá chega.

Constitue Ponta Grossa, pela sua situação, a zona principal de atração dos produtos do Oéste paranaense.

A parte noroéste da cidade é conhecida por Nova Russia, muito populosa e com largas avenidas.

Daí partem duas estradas cognominadas pelas denominações de Nova e Velha, que vão para a cidade de Imbituva. A segunda dá passagem a qualquer veículo, sendo muito frequentada pelas "carroças polacas"; a primeira, ultimamente construída, só é transitada por automoveis, salvo depois do seu entroncamento com a estrada Teixeira Soares-Imbituva.

O nosso caminhão "Chevrolet", apesar de vir com uma tonelada e meia, alcançou o rio Tibagí com uma hora de viagem.

Êste rio nasce nas proximidades da Fazenda da Boiada, no Municipio de Ponta Grossa, corre em direção noroéste e desemboca, depois de 530 kms. de

curso, no Paranapanema, apresentando uma largura de 250 metros e uma profundidade no talvégue de 2m.,50.

Muitos faiscadores procuram o ouro e o diamante no vale do Tibagí, sem conseguir resultados compensadores.

Não se pôde dizer que falte ao Paraná a mola do mundo — o ouro. A quantidade encontrada é tão pequena que não seduz os afoitos industriais do rico metal.

O ouro antolhado até agora, assim como o diamante, são resultado da destruição de jazidas primitivas e se misturam no terreno de aluvião arrastado pelos cursos dagua.

Atravessamos o Tibagí numa solida balsa e prosseguimos nossa róta em demanda de Santo Antonio de Imbituva, perlustrando um terreno bom, coberto por lindo campo e pinhal ralo.

Os viajantes costumam fazer de Imbituva o ponto de almoço. Quem viaja, principalmente em região fria, fica com o apetite aguçado, na ansia de adquirir as calorias reconfortadoras.

No hotel, que escolhemos para a refeição, residia "Miss" Imbituva. Tive curiosidade de vê-la. A mais linda imbituvense merece o titulo. Tipo "mignon", muito clara e rosada, apresenta perene sorriso numa mimosa boquinha de labios rubros e dentes de perola. O seu nome é o completo antonimo do seu sêr: — Nêgra — nome áspero, porém contemplan-

do-se a formosa imbituvense, chega-se a achá-lo lindo, lindíssimo...

Sua vivacidade e intelligencia fazem daquele lindo corpo de boneca, qualquer coisa de celestial...

Deixemos a formosa "Miss" e vamos vêr a cidade.

Coroando uma elevação, Imbituva domina o horizonte em todos os quadrantes; o rio do mesmo nome fornece-lhe o indispensavel elemento e depois segue para reunir-se ao Tibagí, nas proximidades do povoado de Conchas.

O seu commercio é bom, constituido, principalmente, pelo "ilex paraguaiensis".

Continuamos a nossa viagem, atravessando lindos hervais, para nos determos na Serra da Ribeira, "divortium aquarum" Tibagí-Ivaí. Saltamos para ajudar com nossas diminutas forças os "cavalos" cançados do nosso "Chevrolet". A serra foi galgada com facilidade, permitindo-nos atravessar o arroio Monjolinho logo depois.

Ao atravessar êste arroio que corre para o Ivaí, afluente do Paraná, tivemos o nosso primeiro acidente de viagem: um pneumatico furado.

Parada obrigatoria para o reparo. Aproveitei o tempo, visitando as instalações do herval de Monjolinho.

Vi o barbaquá, casa onde a herva mate é sêca pela fumaça. Fazem uma galeria subterranea atravessando toda a casa, tendo no centro uma abertura

por onde deve sair a fumaça produzida por duas fogueiras acêsas nas extremidades da galeria. No chão da casa são fincados paus curvos, formando cavalêtes, em fôrma de um enorme tatú, onde a herva, em mólhos, é colocada para secar.

Depois de sêca, a herva é triturada no cilindro e finalmente peneirada.

A peneiragem era feita por meio de uma peneira cilíndrica, movida por uma engrenagem acionada pela força de um muar.

Minha visita foi interrompida pelo grito do motorista, que acabava de concertar o auto.

Partimos sem mais novidades até o rio dos Patos. Este rio, que no local de passagem tem cêrca de 60 metros de largura, perde o seu nome para aparecer o do Ivaí — fêio — em guaraní.

Quando explorado pelo Coronel AFONSO BOTELHO DE SAMPAIO E SOUSA, o rio Ivaí recebeu o nome de S. Luiz, em homenagem a D. JUIZ ANTONIO BOTELHO MOURÃO, governador de São Paulo. Esta nova denominação, como sôe sempre acontecer, não vingou, continuando o nome indígena.

O mais importante tributario do Ivaí é o Corumbataí, quer sob o ponto de vista historico, quer geografico.

No pontal de sua margem esquerda outróra se ergueu florescente fundação castelhana, com o nome de Vila Rica e, ao longo do seu acidentado curso, existiram Arcangeles e São Tomé.

Enquanto o nosso caminhão atravessa o rio dos Patos sôbre uma balsa, vamos reviver fatos históricos.

Afirmam os historiadores hespanhóis que a 16 de Agosto de 1501 saíu de Lisbôa uma armada sob o comando de ANDRÉ GONÇALVES, para explorar as costas do Brasil e implantar a posse do territorio para a corôa portugüesa.

Chegado que foi ao Brasil, ANDRÉ GONÇALVES despachou o destemido e heroico ALEIXO GARCIA, para a audaciosa empreza de explorar o interior da nossa patria.

Partiu ALEIXO GARCIA com uma pequena escolta, do litoral paulista, atravessou os campos de Piratininga, passou pelo lugar onde hoje se ergue Itapetininga, transpôs as aguas dos rios das Cinzas e do Tibagí, cruzou o sertão bruto entre o Tibagí e o Ivaí, vencendo êste ultimo perto da confluencia do Corumbataí, seguiu em demanda ao vale do Piquerí e descendo-o, foi transpor o Paraná perto das Sete Quédas.

O tempora! o mores! Hoje cruzamos quasi o mesmo itinerario do historico ALEIXO GARCIA, gozando as delicias da paisagem e de um ar sem igual, comodamente recostado na almofada de um auto...

O nosso auto-caminhão já passou, porém o Ivaí nos tráz tantas reminiscencias historicas que sentimos saudades em deixá-lo rolando adscrito ao

seu perfil de equilíbrio, sem que digamos mais alguma coisa do seu passado.

Em 1576 foi estabelecida por MELGAREJO uma fundação que tomou o nome de Vila Rica e floresceu na confluência do Corumbataí com o Ivaí.

Pensavam os aventureiros que se iam tornar riquíssimos com os cristais encontrados, que julgavam pedras preciosas de alto valôr. NICOLAS COLMAN, inglês ambicioso, amotinou seus companheiros e resolveu partir para a Hespanha com seus tesouros.

A insurreição foi abafada e o castigo mais pesado que os revoltosos sofreram foi... o desengano.

É voz corrente no Estado do Paraná que em Vila Rica existe um baú de bronze com o tesouro dos jesuitas. Acha-se amarrado na extremidade de uma grossa corrente, mergulhado no pôço de uma cachoeira.

Falam também em enormes sinos de bronze deixados pelos religiosos. Tudo é fantasia. As únicas cousas que atestam a presença dos hespanhóis naquela paragem, são as laranjeiras dôces e o rastro endurecido deixado no chão.

Afirmam que na antiga redução de Vila Rica os jesuitas fundiram um sino com o proprio còbre extraído da região.

Esta lenda fez com que a região fosse varias vezes visitada por estudiosos e, si bem que não seja verdadeira, contribuiu para que fosse explorado todo o "far-west" paranaense.

Um dos exploradores da região foi o engenheiro KELLER, que averiguou no Ivaí ocorrência de c6bre nativo.

O Dr. EUZEBIO DE OLIVEIRA, que tambem estudou a regi6o, sentenciam:

“A pequena quantidade de metal e sua irregular distribui6o na rocha excluem a id6a de uma explora6o industrial nas regi6es em que sua ocorrencia tem sido assinalada at6 hoje. O c6bre apresenta-se em quartzo calcedonico, em palhetas ou em nodulos”.

Continuemos a nossa viagem subindo fraca rampa, afim de descortinarmos a linda cidade de Prudentopolis, caracterizada pelo numero de suas igrejas.

Descemos, chegando ao Hotel Poretz, onde nos hospedamos, as 19 horas. Este hotelzinho, si bem que de madeira construido, apresenta conforto e dentro dele se encontra uma higiene absoluta.

A cidade tem algum comercio, 6 iluminada a eletricidade e est6 ligada por estrada de rodagem a estaa6o de Irat6. Tem na herva a sua principal fonte de renda.

Sua alegre e rosada popula6o 6 afavel e hospitaleira. O sangue polaco, rut6no e alem6o circula nas veias d6ste p6vo, dando uma impress6o diferente do Brasil que se v6 em outras plagas.

II

O “édredon”. O terceiro degrau: — a Serra Esperança. Planalto Guarapuavano. Desastre sem vitimas. Um polaco gentil. Na Capital do sertão paranaense. Baile mixto de americanismo e antiguidade. A descoberta dos campos de Guarapuava. Marcha desastrosa do Coronel AFONSO BOTELHO. Fundação de Guarapuava em 1819. Origem do nome da cidade. Capão do Atalaia.

Um magnifico “édredon” de penas de ganso prendia-me ao leito, abrigando-me do friozinho matutino. A custo consegui desvencilhar-me do bem estar comodativo, para prosseguir a viagem.

As colonias de polacos circunvizinhas criam em quantidade os belos palmipedes, com o fito unico de obter a macia pena com que enchem os acolchoados.

De Prudentopolis já se avista a Serra Esperança, que constitue o degrau para o terceiro planalto paranaense.

Destacado da serra, exhibindo a fórmula de um chapéu napoleonico, vê-se o sêrro Morungaba, coberto de vegetação rala.

A subida da serra foi feita em zigzague e com muita dificuldade. O esforço é compensado pelo colossal panorama que deslumbra a vista do mais exigente excursionista: — a beleza da cascata “Véu de Noiva”, que alvinitente se despenha em busca do vale do Ivaí; a imponencia do sêrro Morungaba; o prateado serpeante dos rios; o pontilhado das casas nas matas e a larga lista vermelha da estrada fascinam, encantam, estasiam!

Ao atingirmos a crista topografica da serra, o meu aneroide acusava 1.280 metros de altitude. Estavamos no ponto mais alto da escada paranaense: no planalto guarapuavano.

“O ultimo terraço ocupa mais da metade do territorio do Estado e é um verdadeiro planalto que com elevação quasi uniforme de 1.200 metros na sua margem oriental se inclina para oéste até ao rio Paraná.”

“A sua feição topografica mais saliente é a grande escarpa frequentemente ponteadada por macissos destacados de cume achatado (mêsas, môrros de chapéu, cuscuseiros) com que termina a léste desde as margens do rio Grande, Minas Gerais, até ao Rio Grande do Sul.”

“Esta escarpa atravessa em linha sinuosa todo o Estado de São Paulo, constituindo as ser-

ras de Itaquirí (1), Botucatú, Fartura e continúa pelo Estado do Paraná, passando em Santo Antonio da Platina e indo formar a serra da Esperança entre os rios Tibagi e Iguassú e continuando ao sul dêste pela Serra do Espigão, que na altura das cabeceiras do Canoinhas toma o nome de Serra Geral.”

“Esta segue em rumo sul, aproximando-se da costa, até ficar muito proxima desta nos limites do Rio Grande do Sul. Neste Estado ela passa ao norte de Porto Alegre e toma rumo de leste-oêste, indo morrer a oêste de Santa Maria da Bôca do Monte, com o nome de Serra do Botucaraí.”

“Na maior parte dêste longo trajeto a escarpa se eleva de 200 a 300 metros acima do nivel dos terrenos fronteiriços, mas na região das cabeceiras do rio Tubarão, em Santa Catarina, o seu cume atinge a altitude maxima de 1.300 metros, e em virtude dêste aumento e do abaixamento da Serra do Mar ou Cordilheira Maritima, ela aqui se apresenta com imponencia igual á da Serra do Mar.”

“Os estudos geologicos e topograficos, mesmo os de simples reconhecimento, até agora efetuados no territorio ocupado por êste terço nos Estados de Paraná e Santa Catarina abrangem somente a sua parte oriental sobre

(1) Itaquirí -- pedra meúda.

uma área bem inferior á metade da totalidade da sua extensão. Para as suas partes oriental e ocidental só temos os escassos dados colhidos por varias explorações fluviais nos rios Uruguai e Paraná e nos tributarios dêste ultimo, Paranapanema, Ivaí e Iguassú. Êstes revelam que em todo o seu percurso através do terraço, os rios mencionados correm sobre leitos constituídos quasi exclusivamente pelas rochas eruptivas que na parte examinada geologicamente, caracterizam tanto os fundos dos vales como os altos intermediarios. O rio Paraná, entre a foz do Tietê e a do Iguassú, corre entre as cótas 270 a 150 metros sobre rochas que são identicas com as que afloram na margem oriental do terraço entre as cótas de 1.100 a 1.300 metros.”

“Nesta conclusão ha, porém, uma ressalva importante a fazer, visto haver probabilidade de existencia nas partes inexploradas do territorio de um outro terraço, constituído pela Formação de Baurú, que na parte paulista e mineira da bacia do Paraná tem sido reconhecida com uma extensão e importancia geologica e topografica comparavel com as do terraço constituído pela formação triassica.”

“Êste terraço é banhado pelos rios Paranapanema e seus tributarios: Itararé, Cinzas e Tibagí; Ivaí, Piquerí, Iguassú e Uruguai, que, com exceção do antipenultimo e do ultimo, en-

tram nele com seus leitos deprimidos de cêrca de 100 ou mais metros, abaixo do nivel geral do terraço, de modo que dividem o terraço em diversos blocos.”

“Os blocos assim definidos apresentam em cima grandes planicies mais ou menos onduladas, geralmente cobertas de florestas. Fazem, porém, exceção os blocos entre os rios Iguassú e Ivaí e entre aquele e o Uruguai, onde ha extensos campos.”

“Grande parte dêste terraço é ainda um sertão pouco penetravel, motivo por que somos levados a limitar êste trabalho a um esboço muito sucinto de suas feições topograficas e geologicas.”

“As declividades dos vales secundarios dêste terraço são muito fortes, de sorte que ha muitas encostas altas e escarpadas que são conhecidas pelo nome de serras, como Taquarí, Verde, Cantú, Cavernoso, S. João, Apucarana, etc.”

“Os rios que confluem no rio Paraná têm declividades mais suaves no primeiro e segundo terraço do planalto; ha, entretanto, alguns saltos notaveis como o Caiacanga, no Iguassú; Vicente Machado, no Iapó; Visconde do Rio Branco, no rio dos Patos.”

“A declividade dêsses rios é profundamente modificada no terceiro terraço, onde são

abundantes os saltos e as corredeiras. São quasi todos dos tipos rapidos e lageados, de sorte que a navegação nestes rios só é possível nas proximidades de suas barras no rio Paraná.”

“Estes saltos constituem uma reserva de energia de primeira ordem, que será opportunamente aproveitada. Há muitos rios que nascem no terceiro terraço e descem para o segundo por meio de saltos de grande altura, como sejam: S. Francisco, Barra Grande, etc. Estes saltos têm fórma de anfiteatro e quasi sempre são constituídos de rochas eruptivas triassicas (2).”

O cenário está descrito magistralmente por competente mestre; vamos á representação que é a nossa peregrinação através do extenso planalto guarapuavano.

No momento em que dilatavamos a nossa imaginação lendo no livro da Natureza, desabou forte aguaceiro. Não pudemos maldizer a nossa sorte, porque as torneiras celestes só foram abertas depois que já estávamos no alto da elevação.

O motorista acorrentou o carro e seguimos viagem com o coração na mão. O sólo escorregadio fazia o caminhão dansar incomodativo can-can.

(2) Dr. EUZEBIO PAULO DE OLIVEIRA — “Geologia e Recursos Minerais do Estado do Paraná.

Subimos uma elevação denominada Serrinha do Góes e, ao descermos para o rio das Mortes, uma violenta derrapagem levou-nos para um córte pronunciado do terreno. O auto tombou; uma das rodas trazeiras ficou completamente esmagada e nós fomos projetados, em verdadeira grandeza, no chão lamacento do grotão. Rara felicidade não haver vítimas a lamentar.

Estavamos ali procurando resolver o problema que se apresentava, quando surge o proprietario do Hotel Poretz, o dono do "édredon" que me agazalhou esta noite.

O senhor Poretz, como bom polaco e excelente hoteleiro, sabe ser gentil com os itinerantes e convidou-me para viajar no seu fordéco até Guarapuava.

Na iminencia de ficar ali suportando um frio intenso, resolvi não contrariar o amavel polonês.

Atravessamos o rio das Mortes que com o das Pedras formam o Jordão, afluente do Iguassú.

Logo depois o fordinho entrava chocalhando na Capital do sertão paranaense — Guarapuava — onde o progresso caminha lentamente, quasi imperceptivel.

As suas ruas são largas, mas infelizmente não calçadas, de modo que com o tempo chuvoso o transeunte tem que vencer atoleiros, carregando nos calçados grossas camadas de lama vermelha.

A agua utilizada é retirada de poços ou dos arroios que correm nas proximidades da cidade.

Cincoenta por cento das suas casas são de madeira, caiadas e apresentando o tradicional sotão das "isbas" européas. As de alvenaria são acachapadas, de aspecto desagradavel e triste.

Uma só igreja catolica vi em Guarapuava. Fica no centro da cidade, no meio de vasta praça dominando todas as edificações. Sua imponente silhuêta é de longe divisada pelo viajante que se aproxima.

Ha um edificio de dois andares onde funcionam a Prefeitura, a Camara Municipal, a Cadêia Publica, a Delegacia de Policia, a Junta de Alistamento Militar e o Tribunal do Juři. É um enorme casarão sem divisões apropriadas, onde impera a desordem e a balburdia. No andar terreo, oferecendo um quadro impressionantemente triste á pessoa que entra, notavam-se as cadêias humidas e infectas, em as quais os degenerados definham sem ar, sem luz, sem calôr: braços inermes, enquanto as ruas vivem esburacadas e cheias de vegetação.

Dando um tom alegre á cidade se destaca o "Club Guaira", excelentemente edificado na rua principal, com vastos salões bem ventilados e asseados.

Assisti a um baile. Pelas cronicas que li do Rio de Janeiro antigo, revi o passado carioca nos salões do "Guaira". Matronas respeitabilissimas cercavam o salão. Uma mocinha ao ser solicitada para a dansa, primeiramente olhava sua mãe, afim de receber sua aprovação, pronunciada por um gesto

de cabeça ou o desconcertante “não”. Havia, porém, rapazes e senhoritas que eram francamente da folia: deixavam o poeirento preconceito para o lado e á americana se divertiam a valêr, jogando as pernas e o corpo, na cadencia desconcertante do “foxtrot”. Serviam de motivo ao cochicho e de assunto para empalhar o tempo durante a semana monotona que se ia viver naquela cidade sem vida.

Emquanto não temos condução para prosseguir a viagem, vamos reviver paginas do passado que sempre interessam a todos que amam a terra em que vivem.

Na conquista da terra, lutas gigantescas foram travadas entre as duas nações ibericas. Evitando o avanço castelhano, D. LUIZ ANTONIO DE SOUZA MOURÃO, Governador de São Paulo, arquitetou um plano de defêsa: construía, nas barrancas do Paraná, a fortaleza de Iguatemi, ao mesmo tempo que fazia partir de Curitiba uma força rumo ao poente.

A terra seria desbravada por suas extremidades.

A 8 de Setembro de 1771, o Tenente CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA, chefiando uma expedição, descobriu os campos de Guarapuava, em cuja região campeava valente tribu selvagem, que soube vender com sangue o terreno fertilissimo que possuía.

XAVIER DE ALMEIDA deu rebate da alviçeira nova, continuando sua entrada, rasgando caminho em busca do Paraná.

Em Curitiba aprestam luzidia força policial, que sob o comando do Coronel AFONSO BOTELHO marchou para Guarapuava. Durante um mês a tropa se movimentou, sofrendo as agruras da caminhada em terras inhospitas, de molde que, quando, em 8 de Janeiro de 1772, teve que enfrentar os incolas, fugiu desordenadamente, deixando alguns combatentes tombados no campo da luta. Quando o físico se abate é necessario que o moral o alevante. NAPOLEÃO, na sua primeira campanha, levou á vitoria uma tropa faminta e maltrapilha. Sua centelha guerreira iluminou-lhe a tropa, conduzindo-a ás cidades italianas que representavam, depois dos sofrimentos na travessia dos Alpes, a terra da promessa que tanto almejavam. Além do genio do Chefe, a tropa sabia que na vitoria estava a fortuna.

Aqui, que poderiam esperar os soldados do Coronel BOTELHO?

Somente mais sofrimento, novas caminhadas em lutas frequentes com o gentío. A valentia chucra do bandeirante teve a sua época, cujo ciclo numa aureola de gloria ha muito se fechára.

Esta derrota entregou os campos de Guarapuava aos indigenas, por mais 37 annos.

Em consequencia de uma determinação de D. JOÃO VI, foi novamente tentada a conquista dos opulentos campos. Sob o comando militar do Coronel DIÓGO PINTO PORTUGAL e espirital do

padre FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA, partiu uma tropa forte de 200 homens.

No dia 1.º de Agosto de 1809 essa expedição acampava na orla dos campos, organizando-se num capão que ainda hoje existe. Esse capão era a sentinela do comando, pelo que recebeu o nome de Atalaia.

Os autoctones, insuflados pela vitória anterior, não deram guarida aos militares e de emboscada em emboscada os iam sacrificando.

O local se prestava á tática guerreira do incola e por isso resolveram os comandantes mudar o acampamento, para o lugar aprazível em que se acha a actual cidade que visitamos.

Foi essa mudança efectuada no dia 9 de Dezembro de 1819. São decorridos mais de cento e quatorze annos e, si representassemos o progresso adquirido por Guarapuava como uma extensão, acharíamos uma velocidade tão pequena que não erraríamos si a comparassemos com a do jabotí.

De inicio, êsses campos se denominavam de **guáira**, nome da valente tribu que os habitava; em seguida á conquista, o nome foi mudado para Guarapuava, em virtude dos lóbos ariscos que existiam na região e cujas peles alcançavam preços convidativos. A morfogenia de Guarapuava é "guará" (lôbo) e "puáva" (arisco, feroz)

O viajante que chegar a Guarapuava deve dar um saltinho até ao historico capão do "Atalaia", que fica no caminho de Palmeirinha.

III

No “arisona” guarapuavano. Um banho desastrado. Campos deshabitados. Da Serra do Retiro ao Rio Cavernôso. O pinheiro. Colonias polacas. A bela povoação de Laranjeiras. Carne de papagaio com gosto de laranja. Um pleito animado: PRESTES x GETULIO. As carroças “polacas” estragam a estrada. Serras. Indios degenerados. Rios que sobem e descem de verêda. Acampamento num caminhão. Na hora da onça beber agua. Caçada de préa, com luz electrica. Roncador. Catanduvás.

Depois de uma semana de espera convenci-me de que o melhor era contratar outro caminhão. Entrei em negocio com o senhor ANTONIO VAZ, o mais profundo conhecedor da estrada. A carga foi “baldeada” no ponto do desastre e fagueiramente partimos gozando a dôce aragem dos campos guarapuavanos.

O pasto que impéra é a “barba de bóde”. O belo “arisona” paranaense apresenta a coloração verde

palha e é salpicado aqui, ali e além por frondosos capões de um verde-escuro que dão uma nota alegre ao espectador que contempla a paisagem. Verdadeiras dádivas do Creadôr, são estes capões, onde os animais vão em procura da agua; os cavalos refugiam-se do rigôr dos raios abrasadores do sol e os vacuns, nos dias de tormenta e aguaceiro, encontram neles um abrigo.

Ao lado dos lindos capões, geralmente se erguem as casas das fazendas.

Depois de 20 quilometros de percurso, chegamos ao rio Coitinho, que rôla docemente suas aguas brancas de encontro ás negras pedras que constituem o seu leito.

Fram duas horas. Sól fortissimo. Uma poeira vermelha tingia nossos corpos. Um banho não seria máo...

Incontinente nos despintos e mergulhamos naquella agua fria e agradável. Subito um carroceiro grita desesperadamente da ponte:

— Saia daí, môço!

Obedeci e perguntei-lhe porque êle me chamava atenção de modo tão nervoso. Respondeu-me que ninguem tomava banho no Coitinho, visto servir êle de escoadouro ao hospital de morféticos que fica logo a montante.

Fiquei estupefacto. Não sabia como agir. Afinal, fiz nervosamente uma fricção de alcool em todo

o corpo e... confiei na bondade e sabedoria do Grande Mestre.

No lugar denominado Três Pinheiros termina a zona de campo e começa a mata.

Os campos de Guarapuava apresentam uma área de cêrca de 14.060 km.2 e apesar disto não encontramos muito gado na região percorrida.

Indaguei e soube que outróra os campos eram habitados mui densamente pelo gado franqueiro, que é muito manso e leiteiró, apresentando, porém, pouca carne.

Com a abolição da escravatura os braços escassearam e o gado ficou no campo sem trato. Uma companhia frigorifica resolveu adquirir quasi todo o gado existente, matando-o sem regra.

A ultima pá de cal na pecuaria do municipio foi a revolução de 1924 e 1925. Hodiernamente os campos se acham infestados de hervas daninhas e os fazendeiros, nas proximidades de suas fazendas, criam pequena quantidade de cabeças de gado procurando melhorar o tipo cruzando-o com o zebú.

Dista Três Pinheiros de Guarapuava cêrca de 60 kms. percorridos em bôa estrada. Dêsse logarejo começa o terreno a movimentar-se, constituindo o divisor Jordão-Cavernôso, denominado "Serra do Retiro". Subímo-la e bem no alto encontramos o arrôio Bôca Apertada, com quatro metros de largura. Acompanhando a estrada que segue a meia encosta, o Bôca Apertada corre barulhosamente no

fundo da ravina, até se precipitar no rio Cavernôso. Este rio é atravessado por meio de uma balsa confeccionada com seis canoas, permitindo o transporte de uma viatura com 100 arrôbas de carga.

A cavaleiro da estrada existe um grupo de casas muito bem arrumadas e limpas.

O elemento preponderante da mata é o pinheiro.

As serras, cobertas com o característico vegetal, oferecem um aspecto garrido e interessante.

O pinheiro nôvo faz lembrar-nos incontinentemente uma arvore de natal: — apresenta a fôrma conica. Com o tempo os galhos inferiores vão definhando até cair, enquanto os superiores vão engrossando.

Afirmam que um pinheiro bom de córte deve ter mais de cem anos.

Representa a “*araucaria brasiliensis*” para aquele pôvo, tudo: a casa e o proprio agasalho. As habitações são, em geral, cobertas de taboinhas de pinho e as suas paredes construídas com lascas do mesmo páu. Durante o inverno é á beira do fôgo que o caboclo quasi nú se aquece, enquanto o nó de pinho se queima. Na época do pinhão muitas familias têm nele seu unico alimento.

Do rio Cavernôso galga-se o “*divortium aquarum*” e daí se desce para o Cantagalo (seu afluente), onde aparece uma restinga de campo.

De Cantagalo para frente a estrada apresenta fortes gibosidades. Sôbe-se e desce-se constante-

mente, para transpôr pequenos cursos d'agua e seus divisores.

Em Virmond e Amola Faca ha colonias de polacos que se empregam no amanho da terra.

No Gavião ha um parreiral que prova sobejamente a fertilidade do sólo. Em oito anos o seu proprietario organizou-o, vicejando hoje mais de doze mil videiras das de melhor qualidade.

Depois de se vadear o rio Crim, começa-se a percorrer o esguio campo d'as Laranjeiras, em cujo povoado o viajero que se aproxima descortina bellissimo panorama.

Na entrada do povoado funciona uma serraria a vapor e enormes pilhas de taboas de pinho aguardam transporte; ao longo da estrada que sóbe, encontram-se muitas casas, inclusive umas poucas de comercio.

Atestando a fé catolica, ali se ergue um modesto templo, que é uma artistica capelinha.

A principal preocupação do povo que habita Laranjeiras e as colonias Virmond e Amola Faca é a agricultura. Cultivam o milho, o feijão, o fumo e a mandioca em grande escala e em menor porção a cana de açúcar com que fabricam perigosa aguardente e excelente rapadura.

Dedicam-se tambem á fruticultura com sucesso, colhendo lindos pecegos, enormes abacaxis, bananas, laranjas, pêras e maçãs.

Ha alguns criadores de gado vacum, cavalari e muar, mas a exportação de suinos constitue uma das maiores fontes de renda. Muitos fazendeiros intensificaram a criação de porcos, pela facilidade de engordá-los com o otimo alimento que é o pinhão.

Alcandorada numa coxilha, a povoação se ergue numa altitude de 780 metros, onde se gosa magnifico clima.

De Junho a Agosto, fortes geadas costumam cair, prejudicando uns e auxiliando outros lavradores.

Disseminadas pelos campos, as laranjeiras silvestres, frondosas e verdejantes, formam grandes capões ou grupos extensos nas matas adjacentes ao povoado. A laranja é amarga, ou melhor agri-dôce, conhecida pelo nome de "apipú".

Nos meses de Junho a Setembro os galhos se envergam com o peso dos frutos que, pontilhando de amarelo o verde escuro da arvore, apresentam um alegre auri-verde que encanta o espectador.

Em bandos barulheutos, os papagaios e maracanãs procuram os laranjais, esvoaçando com grande alarido, quando alguem se aproxima deles.

Experimentei meu "colt", fazendo um disparo. Tiro feliz: cafu um papagaio praguejando. Ordenci que o cozinhassem. Meu motorista, que é excelente cozinheiro, respondeu-me que a sua carne era muito dura. Retruquei-lhe que na mata havia muita lenha e o serviço foi feito. Após duas horas de fôgo

intenso, consegui mastigar as duras fibras do pobre trepador, porém tive que desistir do intento, porque o gosto da sua carne era... de laranja amarga.

Ainda enfeitando os campos se encontram palmeiras anãs, que em cachos produzem lindos côcos.

Ha na região gostosos jaboritís que se assemelham ás jaboticabas, porém muito mais ricos em glicose.

Em palestra com as pessoas mais representativas da localidade, pude saber que o Distrito de Laranjeiras possui cêrca de 22.380 habitantes, assim discriminados:

Nacionais	17.500
Indigenas	2.500
Polacos	1.200
Russos.	800
Italianos	200
Alemães	100
Austriacos.	80

Entre os nacionais contamos os filhos dos estrangeiros que venceram na luta pelo pão de cada dia, naquella rica região. A influencia do elemento extranho foi eficaz, obtendo-se um tipo fórte, ordeiro e inteligente.

O movimento do povoado era desusado. Caminhões e automoveis chegavam e partiam aos gritos, tremulando bandeiras vermelhas e azul e brancas.

Aos grupos, cabeclos enfeitados com lenços das mesmas côres, discutiam politica, afirmando os vermelhos, entre os quais vi alguns polacos, que o DR. JULIO PRESTES não podia ser Presidente da Republica, porquanto havia entrado numa igreja a cavallo. Os azues, bafejados pela politica local, com folhetos e figuras, desmentiam os seus adversarios em discussões calorosas.

Subito um foguete estourava ruidosamente no ar, annunciando a chegada de mais um grupo de cor-religionarios.

Os chefões providenciando pouso e alimentação para o pessoal, tomavam afanosamente decisões e davam ordens, afim de que o pleito corresse sem incidentes e lutas.

Em tudo isto pude vêr como havia sido preparada aquela bôa gente, progressiva e trabalhadora, pelos cabos eleitorais, geralmente individuos sem escrupulos e sem profissão.

De Laranjeiras para frente o máu estado de conservação da estrada impossibilita o trafego em tempo chuvoso.

As carroças cognominadas “polacas” são verdadeiras facas no leito da estrada. As chapas de trilho das suas rodas são finissimas e o pêso que transportam muito grande.

Às vezes uma roda se quebra e o carroceiro inconscientemente amarra um pau inclinado para traz, que vai rasgando a plataforma da via.

Os afluentes do rio Iguassú cavaram profundas depressões no terreno, de modo que o perfil da estrada pôde ser representado por uma perfeita senoide.

Quem viajar por obrigação, achará aquillo um inferno, todavia, para o turista, o contacto demorado com a natureza é um prazer e em cada incidente de viagem êle encontra motivo para tirar um ensinamento.

Depois de transposto o rio Chagú, encontra-se a serra do mesmo nome, cuja subida é penosissima, principalmente para caminhões. Apesar do declive geral ser de 4,2 %, pois se sóbe 156 metros em 3.700 metros de percurso, parcialmente se encontra rampa com mais de 10 %. Ao atingir-se o alto da serra, ha uma curva apertadissima e com o chão escoregado representa fortissima declividade.

Descemos para a Fazenda do Chagú, hoje abandonada, de onde parte a picada Valerio, que vai a Catanduvás, pelo sul da estrada que vamos percorrer.

O terreno continúa muito movimentado, oferecendo oportunidades para se contemplar as paisagens.

No lugar denominado Cobras habitam nove familias de indios Coroados, que têm por chefe o "capitão" JOSÉ PEREIRA.

Os seus toldos não apresentam o minimo conforto. São geralmente constituídos por dois para-

ventos oblíquos, armados com ramagens. Outros são organizados por taboas de pinheiro lascadas a machado.

Socorri com generos e medicamentos varios aborigenes que sofriam horrivelmente de gripe e disenteria.

Nada plantam e trabalham somente quando acossados pela fome.

Com qualquer dinheiro que conseguem, vão a pé até Laranjeiras gastar em cachaça. Embriagam-se completamente, cometendo as maiores ignominias possiveis, alugando suas filhas e esposas para degenerados saciarem seus instintos bestiais.

Quem conhece o plano de elevação moral em que vive o selvagem em plena selva, não pôde ficar contente em saber desta infeliz consequencia do contacto entre o incola e o civilizado. A sífilis, verdadeiro polvo que suga a humanidade, lança incontinenti seu tentaculo sobre os autoctones, no primeiro encontro com o civilizado.

Os maxima e minima do perfil são obtidos nas serras da União, da Jacutinga, do Guaraní, do Medeiros, do Polaco, da Isolina e nos rios Guaraní, Medeiros, Bormann, Belarmino e Isolina.

Todos os rios atravessados são filetes dagua facilmente vadeaveis sobre fortes leitos de seixos rolados. Apesar disso as pontes que os transpõem ficam oito a nove metros acima do leito, causando admiração aos viajantes. Com uma bôa chuvarada

esses cursos d'agua crescem assustadoramente, rolando com impetuosidade. Os habitantes costumam dizer que esses rios de regime torrencial sobem e descem de verêda.

Por termos perdido muito tempo durante a viagem, tivemos que viajar á noite para fazer nosso simples acampamento no rio Isolina. Organizavamos uma fogueira com nó de pinho, onde cozinhavamos, ao mesmo tempo que gostosamente espantavamos o frio. No caminhão instalavamos duas camas de campanha, onde dormiamos eu e o motorista e sob o caminhão entregavam-se a Morfeu os três outros companheiros da minha comitiva.

A nossa viagem noturna não correu normalmente.

Estando a ponte do Guaraní muito estragada, o motorista resolveu atravessar o rio no váu. Chegamos justamente na hora da "onça beber agua"... Um enorme felino encarou com surpresa os faróis do nosso auto. O OTAVIO não sabia se parava o carro, ou se lhe imprimia velocidade. Dei dois disparos com o meu "Colt", nada. O tigre nos ameaçava, com o olhar ofuscante, completamente imóvel. Quando porém resolveu caminhar na nossa direção, o OTAVIO apagou os faróis e saiu numa disparada louca, fazendo com que o ilustre habitante das matas fugisse medrosamente...

Enquanto o fogo estava aceso, aproveitamos a oportunidade para caçar préas. Munidos de uma

lanterna elétrica e de um cacête percorriamos as moitas, focalizando a luz sobre os lindos roedores que, impassíveis, esperavam a paulada.

Mal a alvorada começou a repintar a terra com raios de luz, iniciamos a nossa viagem, passando pelos povoados de Pouso Alegre, Formigas, Adelaide e Roncador. Neste último lugar paramos para quebrar o jejum, conseguindo um café. Entabola-mos conversa com um polaco que se achava na estrada e nos pedira uma condução até Catanduva. Êsse bom homem nos forneceu a agradável rubiacea e bom leite. Durante êsse pequeno almoço aconteceu um fato que deveras me encabulou. Servia-nos uma senhora de voz rouquenha. Um dos meus companheiros resolveu perguntar-lhe si o lugar tinha o nome de Roncador por sua causa. A pilheria não agradou a dona da casa. Mas felizmente não houve nada de mais, porque o bom polaco achou graça na brincadeira.

Minutos depois chegavamos a Catanduvás que, antes da revolução de 1924, era muito florescente. Foi aqui o principal cênario dêste flagelo de sangue. Agora a povoaçãozinha que contem cêrca de duzentas almas, vai aos poucos reparando-se dos efeitos daquela desgraça.

IV

Vegetação. Ofideos com frio. Regime das chuvas na região. Na picada PRESTES. Costume de caçadores. Nas margens do Floriano. “Jupará” e “reviro”. Reavivando o pique. Um acampamento apressado. Vegetação. Gente miseravel. Diário. Remedio contra tosse. Um momento difficil. Jacutingas e urús. Nas barrancas do Iguassú. A caçada de um tigre. A crissiuma nos barra o caminho. Frio intenso. Na fronteira argentina. Mel excelente. Na serra azul. Pedras em profusão. Uma vara de porcos. Uma geada fortissima. Sem fôgo. Cupido e as onças.

A linha telegrafica que desde Guarapuava vinha acompanhando mais ou menos a estrada, toma rumo completamente diverso, pois que a rodovia procura evitar as grandes elevações que ella atravessa.

Nos arredores de Catanduvas algumas familias polacas se estabeleceram, dando uma feição de progresso ao longinquo povoado.

A estrada agora é boa, corre na linha de cumiada do divisor Piquerí-Iguassú.

A vegetação é pujante e constituída em andares, predominando o esguio e alto pinheiro que domina sobranceiro toda a mata e sombreia o sólo, onde vicejam a herva mate, a crissiuma, algumas mirtaceas, lourineas, taquarussús, trepadeiras e cipós.

Aquecendo-se no caminho encontrámos varias cobras que fugiam espavoridas ao sentir o barulho do motor. Soube que a herpetologia é rica, quer nos campos quer nas matas, sendo frequentes as vitimas causadas pelo veneno dos ofideos.

Encontram-se cobras sururucú, cascavel, jararacussú e urutú, sendo esta ultima em grande quantidade.

Passamos por Central-y, Cascavel, bifurcação da estrada que vai para Lope-y e fomos pernoitar na Central Barth.

O arrendatario da propriedade, Snr. JACOB BLENNER, nos recebeu muito bem, oferecendo-nos um galpão para pouso.

Uma chuva copiosa regou a terra a noite toda, acarretando um frio incomodativo.

Segundo MARTONE, de todos os fenomenos meteorologicos, aquele cujas variações locais têm maior influencia na superficie do globo é sem contestação a chuva. Da quantidade e do regime das precipitações dependem a decomposição mais ou menos rapida das rochas, a formação do modelado do

terreno, o regime dos cursos d'agua, a erosão e a sedimentação, assim como as diversas fórmãs da vegetação e como consequencia os caractéres da fauna. A atividade humana sente os efeitos e a propria vida economica é afetada pelas variações das precipitações, favorecendo ou compromettendo as colheitas.

As chuvas começam em Novembro, atingem o seu maximo em Janeiro, quando chove diariamente, decrescem em Fevereiro e quasi não existem em Março.

Os agricultores acabam de queimar os seus campos já tostados pelas geadas nos meses de Junho, Julho e Agosto; semeiam em Setembro, de modo que o vegetal cresça na época das chuvas.

De Barth, a rodovia segue por uma linha sêca até Benjamin, onde a picada da linha telegrafica se entronca na estrada principal.

Aí, em Benjamin, uma turma de seis homens esperava-me com cargueiros e cavalos, pois era meu intento varar a mata para Barracão, na fronteira Argentina, seguindo o itinerario de LUIZ CARLOS PRESTES. Chefiava a turma o senhor JOÃO CORRÊIA, a qual era constituida pelos paraguaio CORNELIO e JOSÉ, pelo alagoano MOTA, um menino, FERNANDO, que servia de cozinheiro e um rapaz catarinense, MANUEL BRASIL. Seguimos pela picada telegrafica até a bôca da picada PRESTES, por onde nos intrometemos. O caminho está ainda aberto, notando-se vestigios de caçadores. A zona

que atravessámos é muito infestada de tigres. Algumas vezes os caçadores são obrigados a dormir na mata. Para isso constroem altos giraus, onde com menos perigo passam a noite.

O caçador procura os animais em lugares argilo-salitrosos, de côr parda, geralmente á beira dos rios, denominados “barreiros”, onde os bichos vêm beber agua e tirar do barro o sal necessario á sua alimentação.

Ao chegar num enorme pedregal existente no rio Floriano, notamos que a picada se fechara e por isso resolvemos organizar o nosso bivaque.

Excursionei nas margens do Floriano. O rio corre por um apertado canal, apresentando na sua margem direita uma extensa pedraria, onde com a enchente o Floriano expande livremente a sua furia. Aquelas pedras são o resultado do trabalho mecanico da agua sobre a rocha durante seculos.

Para o jantar o cozinheiro, que era paraguaio, organizara um “jupará”, mistura de feijão, carne, abobora, batatas, etc. Era um pitu que me tinham reservado. Não gostei do angú...

A noite foi frigidissima. O MOTA, muito espiritoso, como todo nortista, contou casos e anedotas, enquanto a cuia de chimarrão corria de mão em mão. Uma enorme fogueira ardeu a noite toda, aquecendo os companheiros que adormeceram ao seu lado.

De madrugada o JOÃO CORRÊIA, como excelente capataz, acôrdou o cosinheiro. Aquele pôvo, de manhã, costuma comer o "reviro", que é feito com farinha de trigo (que os proprios brasileiros tratam de arina), e sêbo de gado. Depois de duas horas de bater com uma colher de páu na panela, o "reviro" apresenta o aspecto de uma farofa. Sem o "reviro" o paraguaio perde o animo.

Os mateiros iam na vanguarda, reavivando o pique que, aberto em 1925, se fechara completamente.

O tempo nos ameaçava com uma chuvarada e o tecto verde e grandioso que nos cobria, fornecia um ambiente escuro e desagradavel, dando-nos a impressão de uma proxima tempestade.

Os meus homens iam na frente derrubando o espesso taquaral, onde o pique dos revolucionarios constantemente era perdido, para descanzarem onde o pique atravessa a floresta espessa, composta de arvores altas. Em consecuencia do taquaral, caminhavamos muito lentamente, ao passo que na vegetação alta e grossa o nosso serviço ia muito mais ligeiro, por se descobrir, no meio do mato baixo, o rastro deixado pelos soldados de Prestes.

Ao meio-dia desabou tremendo aguaceiro. Os meus mateiros cerraram fileiras em torno dos cargueiros e em poucos minutos o nosso acampamento se achava levantado e a carga resguardada.

Na azafama de erguer-se rapidamente o nosso pouso, um enorme urutú-dourado, com cêrca de dois metros, saltou sobre o mateiro JOSÉ, que habilmente conseguiu exterminá-la com o seu afiadíssimo facão. Causou surpresa a presença do ofideo, por estarmos no mês de Junho e já com algum frio, motivo pelo qual os mateiros trabalhavam descuidadamente.

A mata que cercava o nosso acampamento era alta, notando-se pela quantidade o duro ou farinha sêca que se esfarinha sob a ação do machado sem se lascar, o tarumã e a cerejeira. Formando um fôfo tapete verde, com altura de cêrca de cincoenta centímetros, se desenvolvia extenso cutingal, onde vicejava a cutinga, especie de capim com folhas largas, que são aproveitadas pelos tropeiros para palha de cigarros.

Mandei três homens continuarem a descoberta do pique para a frente, enquanto os outros reforçavam uma pinguela sobre um tremedal.

Alguns dos homens que me acompanhavam eram tão miseráveis que só tinham a roupa molhada que lhes cobria o corpo e apesar de eu saber que no mato o homem deve ter o coração duro, comovi-me daquela desgraçada gente e reparti o que tinha, tendo de antemão a certeza de que êles não reconheceriam o meu gesto de caridade.

Na selva, o chefe si quizer vencer, não ri, não tem dó e procura sempre ter mais conforto do que

os outros, poupando sua energia o mais que puder, sem que isso chegue a chamar atenção dos seus homens.

Vou recorrer ao meu diário, afim de que nenhum fato passe desapercibido:

15 de Junho:

Os animais de carga amanheceram completamente de lombo inchado e mesmo assim tive que consentir que fossem encangalhados para não atrazar minha marcha.

Quasi não encontravamos vestigio da antiga picada e para nós constituia alegria o encontrar um colmo de taquara cortado ou um tronco abatido pelos revolucionarios, que nos indicasse o caminho. Esses vestigios ás vezes rareavam, o que motivava a turma da vanguarda ir em busca de uma elevação, onde a mata é mais limpa, cortando enormes tabocais, aqui e ali.

A minha vanguarda era constituída pelo capitaz JOÃO CORRÊIA, o CORNELIO e o MOTA, que eram verdadeiras "féras" em busca do antigo rastro, embrenhando-se no matagal destemeradamente.

De perda em perda chegamos ás 18 horas a uma pequena sanga, onde pitangueiras e cerejeiras ostentavam seus portes alegres, ao lado de enormes açoita-cavalos, altos e tortuosos.

O caboclo aproveita a casca do açoita-cavalo como remedio contra a tosse.

16 de Junho:

Ao clarear o dia, a turma da abertura da picada iniciou o seu serviço. Só pude partir levantando o caminho às nove horas, devido á fuga dos animais que só foram encontrados muito tarde, depois de mil peripecias. Fiquei com o meu pessoal completamente dividido: na frente, o MOTA, o CORNELIO e o JOÃO CORRÊIA; comigo, o FERNANDO e em procura dos animais, o JOSÉ e o BRASIL, habilissimo tropeiro.

Subito encontrei na mata tanto pique que não acertei com o rumo dos vanguardeiros. Voltei para a picada méstra, aguardando a chegada dos tropeiros.

A noite descia... Dezoito horas... O FERNANDO desarmado e eu com um "Colt", cujas balas para um tigre representam confeti jogados por mimosas mãos.

Estavamos procurando um lugar para passar a noite, sem alimento e sem fôgo, quando o badalar do cincerro alegremente nos anunciava a proxima chegada da tropa. Demos varios tiros, esperando que os nossos companheiros de vanguarda nos ouvissem, mas tudo em vão: êles dormiram destemerosamente isolados na imensidão da mata.

17 de Junho:

Logo de manhã o MOTA apareceu faminto. Êle e os companheiros haviam dormido na barranca

do Floriano, persuadidos erradamente de que eu fizesse avançar a turma mesmo durante a noite.

Pudemos hoje, durante a nossa viagem, caçar algumas jacutingas, que pelo seu tamanho e qualidade da carne constituem excelente caça. Achei encantador o bando dos urús. O urú é um passaro cinzento, mais ou menos do tamanho de um pombo comum e costuma andar aos bandos, formando uma verdadeira orquestra, tendo por maestro o seu chefe. E' interessante o concerto. Depois de uma revoada, pousam todos em altos galhos; o chefe canta em primeiro lugar e em seguida seus companheiros fazem o estribilho.

19 de Junho:

As 7 horas iniciamos o nosso itinerario, galgando pedregosa elevação, que recebeu o nome de Monte das Pedras; em seguida descemo-la para subir novo môro, que demanda para um rio denominado Bocaiuva.

Eram 12 horas quando fizemos um alto para o almoço. Pela quantidade de arreios velhos já apodrecidos e muitas ossadas de animais, verifiquei que êste local fôra outróra um grande acampamento.

De chôfre, ouvimos gritos e tiros: — era o desejado encontro das duas turmas. Prosseguimos, para organizar o nosso acampamento na barranca do Iguassú, ao lado dos companheiros.

Tendo que atravessar o Iguassú, mandei uma turma remontar o rio e reavivar a picada em sentido contrario ao nosso. A turma era constituída pelos paraguaios AYALA, LUCIO, JOÃO e ABRAHÃO, que subiram o rio em oito dias, fazendo grande esforço, em virtude das inumeras corredeiras que venceram.

O nosso percurso feito na picada foi de 46 quilometros.

20 de Junho:

Desde cêdo que começamos a transpor o Iguassú. Transportamos primeiramente a carga e após os animais, dois a dois. Para a travessia dos animais apoiavamos os seus quixos na beira da chalana e aí os mantinhamos vigorosamente. Os muares quasi não deram trabalho, pois nadavam bem; porém os cavallares enfraquecidos com a parca alimentação que tiveram, ficaram estarecidos, dando uma trabalhira infernal, ao par do perigo em que punham de naufragar a embarcação.

Numa viagem que fizemos ao porto de partida, encontramos enorme tigre farejando uma carne de veado que estava secando num girau. O momento foi de rapida comoção. O feroz animal desceu para o rio Floriano, sendo incontinente cercado pelos lados e retaguarda pelos meus mateiros.

A féra se preocupou com o mateiro JOÃO e para êle se dirigiu, no momento justo em que AYALA descarregava certo tiro de rifle na sua testa.

O tiro foi tão forte que a fêra caiu como um passarinho, morrendo instantaneamente. A carne do felino foi xarqueada. Mandei cozinhar a sua cabeça para trazê-la como troféu, porém o abalo causado pelo tiro fez cair todos os dentes da fêra.

Para obter-se o esqueleto de algum animal, de maneira que os ossos fiquem claros, costumam cozinhá-lo com cinzas ou colocá-lo na abertura de algum formigueiro.

Medi trigonometricamente a largura do Iguasú, encontrando 533 metros.

21 de Junho:

As sete horas encetamos o serviço. Na ancia de aumentar o rendimento diario, ordenei que os mateiros continuassem o pique para frente. Cumpriram as ordens a contragosto e não regressaram ao acampamento, o que me trouxe, durante a noite, grandes preocupações. Era o inicio do pagamento ao meu gesto de caridade, fornecendo-lhes as minhas proprias roupas.

A vegetação por nós atravessada hoje é alta e pujante, destacando-se o cédro, o tarumã, o açoita-cavalo, o rabo de bugio, o louro com suas flôres, em umbela, amarelo picrico, perfumando o ambiente; a cajarâna, onde aos bandos os papagaios veem saborear seus frutos.

22 de Junho:

Hoje quasi não andamos em virtude da grande quantidade de crissiuma que encontramos, que nos barrou completamente o caminho. Esta gramínea, também conhecida pelo nome de taquarinha ou taquarembó, lasca de uma tal maneira que constitue afiadíssima faca, produzindo perigosos talhos. É mistér cortá-la com muito cuidado.

As vezes ela embaraça tanto que fórma um verdadeiro “pelêgo”, como dizem os paraguaios, obrigando-nos a abatê-la pelo pé e recalcar sua ramagem.

24 de Junho:

Contornamos uma ingreme serra e ao descê-la vadeamos um arrôio, que recebeu o nome de S. João, em homenagem ao santo do dia.

Constantemente os mateiros perdiam a antiga picada e se gastava um tempo imenso para encontrá-la. Resolvi, então, seguir um rumo que me levasse ao rio Santo Antonio, que faz a nossa divisa com a Republica Argentina.

25 de Junho:

O trabalho rendia pouco, já pelo frio intenso que suportavamos, menos cinco gráus centigrados durante esta madrugada, já pelo cerrado crissiumal. Os trabalhadores muitas vezes eram obrigados a se acercarem do fogo, tiritando de frio.

Notei grande desfalque nos generos. Os mateiros acordavam com frio durante a noite e, para matar o tempo, cozinhavam como se fosse de dia, desfalcando crimosamente o que dispunhamos para viver no mato. Já não tínhamos farinha e açúcar...

Por mais que procurássemos não foi encontrada nenhuma caça.

O nosso serviço de hoje foi estafante. Vencemos uma serra muito ingreme, do alto da qual descortinávamos uma cordilheira correndo na direção Este-Oéste.

No sopé da serra corria um rio, que recebeu o nome de "Iporâterahy", por ser muito bonito o local por onde divaga. As suas margens acham-se cheias de leziras.

Descemos êsse rio caminhando pelo seu leito, fazendo de quando em vez exercicios de saltos e natação para vencermos os troncos atravessados e os poços mais fundos.

Com dois quilometros atingimos o rio fronteiriço.

A nossa volta foi felicissima, pois tivemos a sorte de caçar um tatú e um veado, apesar do frio que fazia. Fiquei contristado ao ver abrir os animais: ambos estavam em estado de prenhez, tendo o tatú três filhinhos que ainda foram retirados com vida. A carne dos animais neste estado é melhor, por não possuir máu cheiro.

26 de Junho:

Acompanhamos o Santo Antonio pela margem direita, que é muito acidentada, o que nos esfalfava em subidas e descidas.

27 de Junho:

Com a escassês dos generos, escalei um melador-caçador, que mostrou ótima aptidão para a primeira das funções. Diariamente tínhamos mel que variava do fino jataí ao da borá ou vorá, sujo e de mau gosto. Muitas vezes nos deliciavamos com o mel da abelha européa, que o caboclo trata de "oropa" e em outras ocasiões nos contentavamos com os enxâmes da tubuna, da arapuá e da nhumbuca.

Nas proximidades do nosso acampamento encontramos duas gordas veieiras, que foram habilmente abertas com o machado.

Frequentemente eram obrigados a derrubar grossa arvore, para retirar o mel que se achava na sua extremidade.

Ao escurecer só nos sentiamos bem ao pé do fogo, onde nos aqueciamos, fugindo aos efeitos dos rigores do inverno.

28 de Junho:

De longe avistavamos uma serra que bordava o horizonte dum tom azulado. Os meus mateiros denominaram-na Serra Azul. Buscavam-na, como si

lá encontrassem a famosa lampada de Aladin, que nos guiasse ao caminho certo.

Chegamos ás suas fraldas. A subida foi complicadissima, em virtude da grande quantidade de enormes blocos de pedras que estavam em equilibrio instavel, esperando o sôpro da nossa respiração para desabarem, entregues francamente á ação da gravidade.

Apesar de tomarmos todas as precauções, dois animais escorregaram, caíndo num profundo grotão, de onde não pudemos retirá-los.

Chegamos enfim ao alto mais cansados do que lutador de box no fim da refréga.

A desilusão nos assaltou quando pisamos a cumiada da serra: pensavamos encontrar extenso planalto mas, logo em seguida ao plano da vertente, uma contra-vertente alcantiladissima, semeada de pedras.

Não tivemos nem o consôlo de contemplar o horizonte, pois a mata cerrada concentrava a nossa visão somente naquele tracto de serra.

Como uma tropa vencida que marcha em retirada, descemos em procura duma sanga, onde pudessemos armar o acampamento...

29 de Junho:

A nossa alimentação minguava cada vez mais. Os mateiros comiam o palmito, que é conhecido pelos paraguaios como "pindó", mesmo crú.

Alguns, tendo abusado do mel, sofreram forte disenteria, debilitando-os para o trabalho.

Depois que os mateiros seguiram para a labuta, notei pelo bater das queixadas que uma vara de porcos avançava na nossa direção. Tomamos precauções, subindo num tronco. Daí a pouco, os porcos chegavam, marchando na frente um tâteto magro, ou mesmo esqueletico, com uma corridinha de moça encabulada; logo atraz os seus companheiros, de cabeça baixa, como envergonhados de uma grande falta, acompanhavam o ponteiro. Esperamos que a porcada desfilasse desordenadamente e, ao passar o ultimo, que geralmente é o que possui mais gordura, metemos-lhe uma paulada no chanfro. Não se deve atacar o primeiro porco, porque a vara, ficando sem o vanguardeiro, permanecerá no mesmo local, rodopiando, até que, a dentadas, seja eleito um novo guieiro. E' um cargo muito espinhoso e todos se sentem sem forças para exercê-lo...

Os paquidêrmes continuaram sempre de cabeça baixa, avançando numa róta incognita, chafurdando-se nos pantanos ou varando serras.

O pobre tâteto que matámos não chegou para o buraco de um dente. Foi consumido incontinentemente, pelos famintos mateiros, que consideravam o adiposo petisco como um presente de São Pedro, santo do dia.

Marcha lenta pelo movimentado do terreno...

30 de Junho:

Durante a noite caiu geada, matizando de branco a mata espessa. Duma anfratuosidade retirei enorme lamina de gêlo, o que afirmava ter a escala termometrica sido percorrida em sentido negativo.

Parecia que estavamos dentro duma geladeira. O frio tirára aos homens o animo para o trabalho. Mesmo assim, consegui que trabalhassem, avançando o nosso caminhamento.

1.º de Julho:

Com franqueza, estamos sem sorte... Forte aguaceiro surpreendeu-nos dormindo ao relento.

Alta madrugada organizavamos um abrigo onde tivéssemos o conforto de um bom fôgo.

A chuva não deixou que trabalhassemos.

2 de Julho:

Em grossas bâtegas a chuva continuava. Em virtude de só possuirmos generos para dois dias, inclusive fosforos, resolvi trabalhar, enfrentando o inclemente aguaceiro que não cessava.

Subimos e descemos uma elevação, marchando em seguida em um terreno plano, onde encontramos os imponentes pinheiros, que nos alegraram com seus portes altivos.

Infelizmente não estavamos mais na época do saboroso pinhão.

Marchámos mais dois dias, quando atingimos a fóz do arrôio Garaipo, no Santo Antonio. Possuíamos as coordenadas desse ponto; estávamos, portanto, com o nosso caminhamento perfeitamente amarrado. Podíamos regressar.

Os fosforos se acabaram. Guardávamos, com cuidado sacerdotal, um tição, mas um dia o fôgo se extinguiu, deixando-nos entregues á impiedosa geáda que caía.

Varios mateiros tentaram fazer o fôgo atritando duas pedras, sem resultado satisfatorio. A dificuldade estava em conseguir-se uma substancia completamente sêca.

Seguia eu sempre na frente, distanciando-me da turma, que marchava a pé, abatida pelo frio.

Acompanhava-me um cachorro, cuja carne é para a onça o mesmo que um bombomziinho é para uma pequena brejeira. De subito oiço uivos prolongados... Os meus ouvidos já estavam sintonizados com os gritos da natureza... Eram onças... Devo dizer que não sei bem si a minha conclusão foi devida ao meu bom ouvido, ou aos meus olhos míopes, que notaram o pobre cão tremendo de mêdo. Aproximei-me sorrateiramente do local donde partiam os uivos. Um casal de enormes felinos, em feliz idilio, fazia mil juras de amôr. Um friozinho me correu pela medula...

Os meus reflexos foram impotentes para trazer-me do cerebro uma decisão. Estava de tanga, como dizem na giria...

O amôr, porém, é cêgo: passei com a minha montada e o cachorro e os dois namorados continuaram naquelle enlêvo de amôr, como si fossem noivos que fizessem juras de eterna afeição.

Nunca imaginei encontrar na pujança das selvas Cupído frechando onças!...

A marcha ousada de CABEÇA DE VACA. Um grilo camarada. Nas cataratas do Iguassú. A diplomacia vence a ousadia. Chuva de raios. Noite escura — Visagem. — Na rua da amargura — “Non hay peligro” — “Terê-re”. Devastando a mata. Uma pagina de TAUNAY. Salto Canigoá. Matando a fome num laranjal. Deus dá o frio... No Salto do Leão. Ultimo arranco. Uma complicação na maquina celestial. Na casa de JOÃO CORRÊA. Regime dos ventos.

Dei um suspiro de alivio quando vi as aguas do Iguassú.

Atravessámos os animais restantes para a margem direita.

Com quatro companheiros singrámos o caudaloso rio, em busca da sua confluencia no Paraná.

Enquanto as aguas do rio carregam a nossa embarcação, vamos recordar a marcha do primeiro

civilizado que sulcou êsse mesmo curso dagua, seculos atraz.

A ambição desmedida dos hespanhóis pelos tesouros que deviam existir no coração da America do Sul, fez com que D. PEDRO DE MENDOZA, que havia enriquecido no saque de Roma, empreendesse uma arriscada viagem ao rio visitado por SOLIS e CABOT, que devia levá-lo á região do ouro e da prata.

MENDOZA fundou a cidade de Buenos-Aires. Adoecendo logo depois, morreu em viagem para a Hespanha, deixando como seu substituto JOÃO DE AYOLAS.

AYOLAS reuniu o que pode, subiu o Paraná e em seguida o Paraguai, fundando a cidade de Assunção, no local onde a grande nação Carijô possuia extensas plantações. Informaram os Carijós a AYOLAS que, além das suas fronteiras extendidas a 80 leguas pelo Paraguai acima, principiavam as terras dos Paiaguás. Que passado êste ultimo país, encontraria os Cascarisos habitando uma provincia, onde abundavam o ouro e a prata e que constituiam um pòvo tão instruído, como os estrangeiros.

Em vista destas fascinantes informações, resolveu AYOLAS ir em busca dos tesouros, deixando MARTINEZ DE YRALA em Candelaria.

Depois da chegada do corpo de D. PEDRO DE MENDOZA á Hespanha, Don ALVARO NUÑEZ

CABEÇA DE VACA requereu o lugar de “adeantado” nas terras que conquistasse.

Após ter gasto oito mil ducados nos preparativos, fez-se de largo com duas náus e uma caravela, no dia 2 de Novembro de 1540, levando 400 soldados.

Viajavam descuidadamente, quando o ruído agudo de um grilo os admoestou que estavam próximos da terra. De facto, olharam os descuidados marujos para o mar e viram a pouca distancia uns rochedos que infalivelmente os teriam tragado si não fosse o canto do minuscuro animal. Somente tiveram tempo de deitar ferro.

Seguiram depois, costeando até a ilha de Santa Catarina, onde desembarcaram.

CABEÇA DE VACA soube por intermedio de uns hespanhóis fugidos de Buenos-Aires, que **AYOLAS** morrera e que os estabelecimentos do Prata não tinham sido bem sucedidos. Por estes motivos e ainda porque desejava conhecer o país, aventurou-se a fazer temerosa marcha até Assunção.

Iniciou a marcha a 18 de Outubro de 1541, levando consigo dezeseis quintais de ferro em barra, distribuidos pelos soldados em porções de quatro arrateis para cada um (1 kg. 800). Onde faziam acampamento, uma forja era armada para fabricarem machados, facas, fateixas, etc.

Depois de dezenove dias de marcha por florestas e montanhas, chegaram ás aldêias dos indios Guaranís, que cultivavam o milho e a mandioca e

fabricavam farinha de pinhão, que muito agradou aos hespanhóis.

No dia 1.º de Dezembro a expedição varou o Iguassú ou Agua Grande e, dois dias depois, o Tibagi, que corre por um leito de rocha formado de lages quadradas, tão regulares como si artificialmente tivesse sido calçado. Levava, portanto, a caravana, a direção Noroeste. Neste mesmo dia os hespanhóis encontraram um indio, MIGUEL, que vinha de Assunção, o qual se ofereceu para lhes servir de guia.

CABEÇA DE VACA sendo sabedor de que a tribo dominante do Piquirí lhe preparava igual acolhimento dispensado á tropa portuguesa enviada por MARTIM AFONSO DE SOUZA (completamente trucidada), resolveu marchar para o Sul, chegando a 14 de Janeiro de 1542 ás margens do Iguassú, que êle comparou tão largo como o Guadalquivir.

Trocou com os incolas, habitantes da região, varias canôas por viveres e outros objetos.

Parecia que os selvicolas desejavam a morte dos expedicionarios, porquanto nada lhes disseram sobre as cataratas do Iguassú.

Pela nuvem de neblina que de longe se avista e pelo estrondo da agua, foi reconhecido o perigo que obrigou aos expedicionarios a vararem suas canôas por terra.

Poucos dias depois chegavam á foz do Iguassú, atravessando o rio Paraná, auxiliados pelos Guaranís, que habitavam ambas as margens do caudaloso rio.

Não estando acostumados com os redemoinhos que se encontram no Paraná, varias canôas sosso-braram, morrendo seus tripulantes.

Depois de atravessado o rio, seguiu CABEÇA DE VACA por terra, enviando os estropiados e doentes rio abaixo, em jangadas.

No dia 11 de Março de 1542 entrou em Assunção após uma peregrinação de cerca de seis meses.

Essa desabalada marcha pelo sertão paranaense entrou, de certo modo, as negociações sobre os nossos limites meridionais.

Afinal, a diplomacia venceu a ousadia. E a marcha do ousado explorador não teve o realce que poderia ter obtido.

CABEÇA DE VACA devia ter sofrido muito, porque nós em um só dia de viagem fluvial já estávamos com os pés esfrangalhados pelo esforço que desenvolvíamos para varar os pedaços rasos. O trecho do Iguassú que serve de linde entre o Brasil e a Argentina, é semeado de ilhas, tanto que os marcos divisionarios nelas se acham assentados.

Pelo tratado de 4 de Outubro de 1896 pertencem ao Brasil as ilhas Pesqueiro e das Taquaras e á Argentina a ilha Grande e a de San Agustín.

Nas proximidades das ilhas o rio se alarga; sendo a descarga a mesma, como consequência a profundidade diminue, acarretando para nós o trabalho insano de arrastar a nossa pesada chalana.

Na ilha Pesqueiro visitámos o marco, onde na face voltada para a Republica Argentina se vê o escudo das armas da Republica Brasileira.

Logo após a nossa visita ao marco, desabou tremendo temporal. Soprou fórte vento de Oéste para Éste e nesta direção um anjo maligno em furia semeava centelhas aterrorizadoras, que vinham em grande velocidade aproximando-se de nós. Ouviamos o trovão, efeito do choque de duas cargas electricas. O fenomeno físico é perfeitamente conhecido, mas nos momentos em que êle se manifesta, o cerebro deixa de raciocinar, e o misticismo invade-nos a alma, para recordar o tempo de criança, em que nossas carinhosas mãezinhas nos ensinavam serem o estrondo do trovão e o raio que centelha no singra o céu, a voz e o castigo de Deus, advertindo aos povos melhor conduta.

Á medida que para nós a tempestade avançava, as orações dos meus homens tornavam-se cada vez mais fervorosas, afim de que o Omnipotente, sempre bom e meigo, afastasse o perigo para longe. A rajada de centelhas remontou o rio, despejando raios. Depois começou a chuveisar intermitentemente.

A luz bruxoleante do dia se extinguiu rapidamente, deixando-nos completamente ás escuras.

Fizemos o possivel de conseguir o fôgo pelo atrito, mas sem resultado. Desalumiados como estavamos, os meus homens viam a todo momento

fantasmas, vultos e fêras. Não pareciam os mesmos homens: a falta de alimentação obriga o cerebro a concepções fantasmagóricas.

“Para o povo, ignorante e impiamente credulo, a noite é cheia de terrores, em cada folha que range na selva êle ouve um gemido de alma que vagueia na terra; em cada sombra de arvore solitaria que se balança com a aragem sente o mover de um fantasma; as exalações dos brejos são para êle luz de demonios, alumando folgares de feiticeiras.” (3)

Ao alvorecer continuámos a levar nossa cruz pela rua da amargura, arrastando entre as duas ilhas a nossa pesada embarcação, com as mãos calejadas e os pés sangrando nas asperezas do fundo do rio.

Depois de passarmos pelo arquipélago da ilha Grande, o nosso trabalho diminuiu, aumentando o perigo da viagem.

Estavamos com as forças depauperadas. Era preciso esgotar tambem o sistema nervoso, contornando pedras e vencendo corredeiras e saltos.

Pilotava a embarcação um paraguaio de nome AYALA. Eu ia na prôa, dando a direcção para nos desviarmos das pedras. Muitas vezes, de longe, eu lobrigava o borbulho da agua e, indicando a pedra, gritava:

(3) A. HERCULANO -- “Eurico”.

— Desvia para a Argentina, pedra á direita!
E o AYALA calmamente respondia:

— Non hay peligro, Señor...

Em algumas ocasiões, Deus ajudou e passámos sem novidade. De uma feita, porém, o AYALA acertou de rijo com a prôa numa pedra. A canôa começou a fazer agua. Pela confusão causada, os que não sabiam nadar afobados e com o instinto de conservação desenvolvido, quasi que viraram a embarcação. Contive o pessoal com uns berros, ao mesmo tempo que com uma camisa tapava o pequeno rombo produzido. Na margem, com um pedaço de taboa, remendamos a nossa chalana e prossegui-mos rio abaixo.

A fome nos atormentava. Já ha dois dias que trabalhavamos como escravos e só nos alimentavamos com um magro "terêrê" (mate feito com agua fria).

Agora acreditamos piamente nas qualidades alimenticias e terapeuticas da "ilex paraguayensis".

O Dr. SCHNEPP, ex-inspector das aguas de BONNES, assim se expressou:

"A herva-mate dá uma bebida aromatica e de bom sabor, que mitiga a sêde, ilude a fome e repara as forças sem fadiga nem excitação. Tomada com leite e açúcar é tão alimenticia como o chá da China e o café, com a vantagem, porém, de estimular brandamente o sistema nervoso sem produzir insonia."

“Só, independente de outro qualquer alimento, a infusão do mate sustenta as forças e o vigor durante dias inteiros.”

“Em medicina, o mate é aconselhado em todos os casos em que se trata de sustentar sem excitar as forças e nutrir sem fatigar o estomago.”

Na barra do rio Represa encontrámos a primeira “prancheada” de D. RAMON LOPES. Este súdito uruguaio conseguira do governo Estadual uma permissão para extrair da mata o cédro, que nos portos fluviais da Argentina êle vendia por bom dinheiro. Foi um mal esta concessão, porquanto o Brasil nada lucrou: recebemos por tóra da preciosa madeíra uns minguados mil réis, ficando a mata completamente devastada. A retirada de cada tronco de cédro era o sacrificio de centenas de arvores na abertura do pique, trilha e estradas carreteiras por onde o “ouro colorado” se escoava.

Do lado da Argentina notavamos a selva pujante e do lado do Brasil as margens núas, completamente depenadas.

Para que os leitores possam fazer uma magnífica ideia do que era a mata do caudaloso Iguassú, vejam o que escreveu o saudoso escritor da “Retirada da Laguna”, ALFREDO d'ESCRAGNOLLE TAUNAY:

“Nas margens, alteia-se copada vegetação, em que predominam, bem como por quasi todo o percurso do rio, inumeros **branquilhos**, elegantissimos **cambuís** e outras **mirtaceas**, **angicos** e varias **acacias**, os **tarumans**, de cerne quasi indestrutivel, mas de fórmhas tortuosas, e cujos frutos adocicados tão apreciados dos passaros, arvores, ali, menos que medianas, mas em Mato-Grosso possantissimos madeiros, os **cédros**, tão conhecidos na flora brasileira, de vez em quando muitas palmeiras **gerivás** e quasi sempre **pinheiros**, ora destacados, ora em grupos, ora formando verdadeiras florestas, já no campo, já no alto e nas encostas das eminencias, quasi um tanto distantes das bordas da agua corrente.”

“Combinem-se agora em densa cortina todas as folhagens dessas e de outras muitas plantas, com um verde, que cambia da côr quasi branca ao verde glauco e negro, passando por todos os matizes, desde o gaio e verde-parís até ao verde-crê e as mais apertadas tintas; sobre aquele majestoso manto atirem-se a flux festões de **malpigiaceas**, cujos **samaridios** vermelho-es-carlate fingem rosarios e fitas de flores; imaginem-se de permeio **bambús**, **taquaras**, **taquarissimas**, **poçaunas** e **caráas** a tremularem em graciosas curvas, mal aponta qualquer aragem; cubram-se aqueles troncos e galhos de

barbas de velho, umas cinzento-roxeadas, soltas como finos cabelos, outras miudas e compactas, pardacentas ou esbranquiçadas; contrastem-se as flexuosas folhas das palmeiras com a côma inteiriçada dos pinheiros; faça-se ressaltar de escuras sombras a coloração alegre, risonha, verde-amarela de infindos salgueiros e de longe, de mui longe, terá o leitor pálida idéia das paisagens que, a cada momento, se descortinavam aos nossos olhos.”

A ambição desmedida e cega pelo vil metal devastou, no ponto mais acessível ao turista, aquêlê ninho de paisagens bellissimas.

Sem novidade atravessámos a corredeira do Mateus ou Salto Canigá, onde o rio atinge uma largura de cêrca de dois quilometros. O elemento liquido não podendo trabalhar no sentido da profundidade em virtude da resistencia do terreno, orientou seu efeito erosivo no sentido da largura; porém logo á jusante dos saltos o sólo cede e o trabalho mecanico da agua se exerce novamente no sentido da profundidade, acarretando o estreitamento do rio.

Uma hora depois de vararmos o salto, abordamos á margem brasileira num laranjal abandonado. Foi uma festa, uma alegria indizível. As arvores se achavam pejadas de frutos. Saboreámos dulcissimas limas e laranjas, fartando-nos com o bagaço dos citricos, pois de ha muito não punhamos na bôca um

alimento sólido. Lembrei-me da chegada das forças retirantes de Laguna ao viçoso laranjal do GUIA LOPES...

Atufamos a nossa pequenina nave de frutas e continuamos a descer o Iguassú, que rolava serenamente...

De romanía nos chega ao auvido a zoada de uma cachoeira. Consentaneo com a prudencia, resolvi bivacar a montante da mesma, pois o lusco-fusco da tarde nos avisava da chegada da noite.

O frio condensava o orvalho, que em pequenos flocos ia matizando o verde da folhagem.

Diz o velho adagio que "Deus dá o frio conforme a roupa... Essa noite verificámos justamente o contrario: tivemos uma geada formidavel, chegando o nosso termometro a marcar quatro graus abaixo de zero e o nosso agasalho, levando em conta a relatividade, representava o zero em relação ao infinito.

Não tínhamos nem um nó de pinho que, arden-do, dimanasse no ambiente calorias confortantes. Tiritavamos, batendo os dentes com tal violencia, que parecíamos um bando de queixadas em busca de alimento.

Contando uma a uma as horas interminaveis da noite, alegrámo-nos, quando o colorido da aurora bordou o horizonte.

Esgotámos nossa embarcação, encorajando-a com alguns remendos para vencer o colosso que ia enfrentar — o Salto do Leão.

Remámos uma hora, ouvindo o “ronco” da cachoeira, que cada vez mais crescia de volume, impressionando o timpano dos nossos ouvidos. Ao ultrapassar uma curva, vimos ao longe o prateado da agua borbulhante, em luta com o pedral duro de roêr.

O AYALA, acabrunhado com os furos da sua chalana, aconselhou-me abordar do lado argentino e varar por cima do renque de pedras ali existente. Eu, porém, agia de idéia preconcebida contra tudo que me atrasasse a viagem e resolvi seguir o fio da agua.

Foi um momento terrível de emoção. Escoravamo-nos nas bordas da embarcação com a respiração suspensa, os olhos atentos e o coração agitado. Só um homem trabalhava por nós: o piloto, responsável pela vida de todos.

Deus foi por nós. Atravessámos o perigo em zigzague, sem roçar em uma pedra.

Depois da tempestade vem a bonança. Após a cachoeira, o rio é fundo e a navegação facil.

Pensavamos em atingir hoje a barra do Apipú, de onde um pique com meia legua nos levaria ao barracão do meu capataz.

Quando a vitoria está prestes, as forças revigoram o organismo combalido, como a “Fenix” mitologica renascia das proprias cinzas.

Do mesmo modo que os famintos soldados de NAPOLEÃO ao se aproximarem de Roma, os meus remadores sulcavam com o mesmo ardôr as aguas verdes do Iguassú, na ancia de chegar... ao barracão do JOÃO CORRÊIA.

Passámos pela barra do rio Indio, por um cordão de seis sarandís — ilhotas pedregosas — para chegar ao porto de Apipú.

Já eram 16 horas. Tendo nevado na noite anterior, era natural que o dia se mantivesse firme, confirmando o ditado de que “cerração baixa, sol que racha.”

Porém nós estávamos sendo perseguidos por uma azar incrível e havendo qualquer complicação na engrenagem celestial, forte vento soprava de plagas paraguaias.

Dizia o velho CAMILO que “quando o diabo está atrás da porta não vale a pena fechar a janela”.

O caiporismo não nos largou por termos deixado de viajar por agua, para andar por terra. Mal havíamos dado as primeiras passadas na picada, o vento recrudesceu, soprando de rijo, ao mesmo tempo que forte aguaceiro desabava sobre a terra.

O meu capataz escolheu a arvore mais grossa e se encostou a ela. Segui o seu exemplo: aquella arvore seria capaz de escorar as outras que caíssem sobre nós.

A oração é o pão dos aflitos. Todos rezavam, pedindo aos santos de suas devoções que acalmas-

sem a furia do vendaval. O CORNELIO fazia cru-
zes no ar, benzendo a tempestade...

O temporal foi amainando. Parece que o des-
cuidado operario cosmico regulou novamente sua
maquina.

A chuva cessou, o vento tambem, continuando
o friozinho implicante.

Como pintos encharcados, chegámos ao lar do
JOÃO CORRÊIA.

Uma casinha feita de lascas de pinho e coberta
de taboinhas da mesma madeira parecia para mim
um palacio, uma dadiva de Deus.

Durante o inverno o lugar mais confortador é
a cozinha, onde no chão arde uma fogueira. Pin-
tando o "verde", ninguem tem coragem de afas-
tar-se do fogo, enfrentando o frio rigoroso.

Dona MARIA, mulher de JOÃO CORRÊIA, ma-
tara um "chancho" para o jantar.

Fiquei parafusando o que seria "chancho" e
não acertando com a especie do animal que fôra
imolado, perguntei. Influenciados pelos costumes e
linguagem paraguaios, os habitantes daquele canti-
nho do Brasil usam um dialeto eivado de termos
absolutamente desconhecidos da nossa lingua.

Lá, ninguem diz porco, porque êste adiposo pa-
quidérme é conhecido por "chancho". Dizem "pro-
vista", referindo-se a generos alimenticios; desig-
nam barraca por "carpa"; menino por "mucha-

cho”, facão por “machête” e muitos outros termos que não registrei.

Aproveitando a oportunidade da ventania que nos tolheu na picada, devo informar algo a respeito do regime dos ventos na região perlustrada.

Comparei dados obtidos por mim proprio e pelas estações meteorologicas de Ponta Grossa e Guarapuava.

A direção predominante dos ventos é de léste, chamado pelos locais de vento do mar.

Os ventos do norte são quasi sempre acompanhados de chuva; os de oéste anunciam tormentas, donde o ditado: “a tempestade vem do Paraguai” e os do sul são frios. O morador do sertão afirma que não continua a chover, si começa a ventar do sul.

A maxima media observada na velocidade dos ventos pelas estações meteorologicas supra citadas foi de 4,3, que corresponde a um vento de 17 metros por segundo. Este vento é violento, sem ser contudo o de uma tormenta, que se caracteriza por uma velocidade de mais de 25 metros por segundo.

O vento contumaz é agradável e moderado.

VI

De Benjamin á Foz do Iguassú. A opinião de TAUNAY sobre a imigração. Paraná: — terra privilegiada. A cidade de Foz do Iguassú. Colonias militares. Um homem de maus bofes. O progresso introduzido pelo padre Monsenhor GUILHERME MARIA. Falta de bons hotéis. Bailaricos. Saltos de Santa Maria do Iguassú. Porto Aguirre. Turismo. Visitando os Saltos. Garganta do Diabo. Dados numericos. Vitoria, Niagara e Paulo Afonso. Sintese da descrição do Iguassú. Marco das três fronteiras. Porto Bertoni.

A estrada que deixámos em Benjamin, para fazer nossa digressão rumo da fronteira, continúa procurando o vale do Iguassú, em demanda da pequenina cidade de Foz do Iguassú. A rodovia se desenvolve na planicie, apresentando gibosidades inherentes á sua precaria conservação.

De caminhão fizemos um lance até a cidade fronteiriça. No caminho observei gostosamente o desenvolvimento das colonias alemãs, que se enga-

jam na luta de amainar a terra, retirando de cada safra o ouro com que enchem o mealheiro.

Lembrei-me então de uma pagina do nosso sempre citado TAUNAY, o homem que sabia lêr o livro extraordinario da Natureza.

Em 1886 o imortal escritor, após uma viagem pelo coração do Paraná, assim se externou:

“Quantas somas de dinheiro tem o Brasil perdido, quantas decepções sofrido e quantos males proporcionado a inumeros entes, com o pessimo e anticientifico sistema de levas de imigrantes em pontos invios, longe de todos os recursos e fóra de quaisquer relações sociais! A grande razão ha sido a fertilidade do sólo, quando, entretanto, esta é mais uma causa de desespero e furor para o europeu, que vê os frutos do seu trabalho inutilizados e inaproveitaveis.

Para quem tem que viver do trabalho diario, muito mais vale um lote de terreno ruim e acanhado junto a uma cidade, do que opulentissimas terras a cem leguas de qualquer centro de incitamento e socorro, porquanto os esforços do colono e lavrador têm de ser compensados sem demora, atuando o ganho sobre o seu moral”.

“Os nossos sertões e desertos só podem, só devem ser povoados — e o hão de ser — por imigração européa, que mui espontanea-

mente e por si caminhe da periferia para o centro, reflua do litoral e suas imediações para a zona do interior.”

“Os males, as peripecias e canceiras, que acometem o imigrante são tantos, tão diversos, tão grandes, que é necessario que êle não tenha, em terriveis momentos de desalentos, que acusar a ninguem e não possa atirar a responsabilidade de tudo quanto lhe succeda e de todas as esperanças falhadas, sinão sobre si mesmo.”

Com toda a razão diz o escritor DAIREAUX:

“Por mais belo e hospitaleiro que seja o país a que se acolha o imigrante, tantas são as decepções e dificuldades que aí o esperam, que emigrar, isto é, sair de sua patria para ir localizar-se em outras terras, constitue a mais penosa e arriscada empreza, a que se póde atirar o homem.”

Desejava que TAUNAY revivesse por um instante e percorresse agora aquelas mesmas paragens que êle no seculo passado palmilhou. Veria colonias ricas e florescentes, fazendeiros abastados e familias felizes, abençoando a fecundidade da nossa terra.

Ainda em 1930, encontrei-me com uma comissão japoneza que se abalançara das vulcanicas ilhas do Imperio do Sol Nascente, onde a fama da ferti-

lidade da nossa terra já chegára, para estudar as condições de localização de súditos amarelos na longínqua região de Campo Mourão.

O Paraná, além de ser o ninho de belezas naturais, é uma privilegiada zona eleita pelo Omnipotente.

Os seus produtos podem ser encaminhados para oéste, em busca das barrancas do Paraná, ou para léste, em demanda do Oceano Atlantico.

O oéste paranaense tem dois pontos de atração do seu comercio: Guarapuava, que regula as transações com o litoral e Foz do Iguassú, que faz o intercambio pelo rio Paraná.

Por Guarapuava se exporta o mate, o pinho, o gado, o porco e alguns cereais; por Foz do Iguassú, somente mate e madeiras.

Foz do Iguassú consome grande quantidade de produtos argentinos e paraguaios, que entram no Brasil, em sua grande maioria, pela porta larga do contrabando.

A cidade se acha localizada á margem esquerda do rio Paraná e a cinco quilometros acima da barra do rio Iguassú.

No centro de larga praça ergue-se o Grupo Escolar Bartolomeu Mitre, excelentemente construído com dois andares e com capacidade para abrigar quinhentas crianças.

Depois da exaustiva guerra de 1870, o Governo Brasileiro resolveu crear, á guiza de sentinelas ovan-

tes da nossa Patria, varias colonias militares, nas fronteiras.

Em 1880 foi fundada a de Fóz do Iguassú, que manteve o carater de Colonia, até que, por esforços gigantescos do Snr. JORGE SHIMMELFENG, o municipio de Foz do Iguassú foi desmembrado do de Guarapuava, sendo a colonia elevada á categoria de cidade, para servir de séde do novel municipio.

A cidade possui um porto servido por uma rampa muito bem construída, que nasce numa extensa praia de areia amarela. O porto fica num remanso, onde os redemoinhos, girando com excessiva velocidade, entram de certo modo a atracção.

Defronte do nosso porto ha o paraguaio Porto Franco, aberto recentemente por uma companhia de extração de madeiras.

O gerente da companhia, senhor MATTEUDA, informou-me ter conseguido exportar 1.000 vigas mensais.

Parece-me que o regime de trabalho adotado na tal companhia é o da escravatura.

Segundo informes obtidos, o gerente da companhia não tem coração muito bem formado. Praticava tais arbitrariedades que os trabalhadores, para fugirem á sua sanha diabolica, se arremessavam ás aguas do torvelinhoso Paraná, em busca das plagas brasileiras. Contra os infelizes era feito cerrado tiroteio, afim de caçá-los antes que atingissem o barranco brasileiro.

Depois que foi mandado para Foz do Iguassú o Monsenhor GUILHERME MARIA, a cidade muito progrediu espiritual e materialmente.

Este religioso, além de suas virtuosíssimas qualidades, é um digno emulo dos nossos ancestrais jesuitas. Além do seu enorme trabalho na cidade, que depois enumeraremos, não raras vezes êle monta a cavalo e vai ás sédes das empresas hervateiras, ás casas dos caboclos trabalhadores e até aos toldos dos incolas, pregar a pratica do bem, ensinando, aconselhando e confortando.

Quando o padre GUILHERME chegou á Foz do Iguassú, havia somente casas de madeira, quasi todas do tempo da Colonia Militar. Devido ao seu dinamismo, uma olaria foi organizada, produzindo atualmente excelentes tijolos, duros e tenazes, e magnificas telhas. Construiu o Grupo Escolar, o Collegio das Irmãs e a artistica igreja de S. João Baptista, padroeiro da cidade.

Em dias de festa a igreja regorgita de povo. São faladas varias linguas: o portuguez, o castelhano, o guaraní e o alemão.

Como catolico, visitei a bela igreja e assisti a uma missa. A singeleza do templo inspira mais devotamento aos que têm fé na religião de JESUS CHRISTO.

A mais linda moça da cidade, senhorinha JUDITH AGNER, com voz melodiosa, canta durante o santo sacrificio da missa e o seu canto atúa sobre

o coração daquela gente bôa, que se entrega inteiramente ao nosso bom Deus. Naquele momento, até os corações mais duros transvazam bondade.

Os sermões são pregados em três linguas: o guaraní, o castelhano e o português, havendo predicas em alemão e polonês.

Falta á pequenina cidade um bom hotel, para o turista sentir-se bem naquele ambiente. O hotel existente é muito modesto, apesar da ótima alimentação fornecida.

Ao som da sanfona, é comum haver "bailaricos", onde em promiscuidade dansam pessoas de todas as castas. Os brasileiros, isto é, as famílias brasileiras, geralmente, não freqüentam tais festas, porém o paraguaio é "bailarin" e, ao som de uma saltitante "ranchêra", dançam ricos e pobres, patrões e empregados.

É um prazer para o paraguaio usar sêda. Ele se aniquila no trabalho, desde que no domingo possa passear com seu lenço de sêda ao pescoço. Gostam de andar descalços, donde ser comum encontrar-se uma moça espalhafatosamente vestida de sêda e de pé no chão.

De Foz do Iguassú parte uma estrada para os maravilhosos saltos de Santa Maria, cuja fama, emparelhada á dos de Guaíra, Paulo Afonso, Vitoria do Zambése e Niagara, da America do Norte, corre mundo, aguçando a curiosidade dos que amam as belezas naturais.

Resolvi visitar o majestoso cênario, tão gabado pelos que sabem vêr. Depois de um percurso de 24 kms, chegámos aos saltos, onde nos extasiámos diante da miraculosa beleza que ali se encerra.

Não posso deixar de fazer aqui o meu veemente protesto contra o estado em que se acha a estrada que percorri e o sujo hotel que se encontra abandonado na barranca do Iguassú.

Constantemente visitados por estrangeiros de todos os países, constituem, pelo abandono em que se acham, verdadeiros fatores de descredito da nossa querida Patria no exterior, ao mesmo tempo que, em plagas argentinas, se vê magnifico hotel, ligado a Porto Aguirre por ótima estrada de automovel, trafegada por onibus.

Porto Aguirre é o ponto terminal da navegação no Iguassú, que só é navegado em pequena extensão dêste porto para baixo e no seu alto curso, entre Porto Amazonas e União da Vitoria.

Em 1901 a firma NUÑEZ E GIBAJA iniciou naquele recanto a exploração da madeira. Esta mesma firma fez propaganda dos saltos, conseguindo a sua reputação ultrapassar o Atlantico, conduzindo da velha Europa uma primeira leva de turistas, que constituiu o rastilho por onde se propagou a fama dos estupendos Saltos de Santa Maria.

Outros turistas vieram em maior numero, sendo por isto construído um grande hotel nas proxi-

midades dos saltos, onde nada falta. O conforto é absoluto.

Uma bôa estrada liga o hotel ao porto, num percurso de 17 kms.

O nome de AGUIRRE, dado ao porto, representa uma homenagem á senhorita VITORIA AGUIRRE, que contribuiu com 3.000 pesos para a abertura da estrada que dá acesso aos Saltos.

Três companhias de turismo, exploram a magnificencia dos saltos, aportando em Aguirre: a EX-PRINTER, a COMPANHIA NACIONAL DE TRANSPORTES EXPRESSO VILLALONGA e a COMPANHIA N. MIHANOVICH.

Todas três são argentinas e geralmente cobram o seguinte:

De Buenos-Aires a Corrientes .	\$149.25
De Corrientes a Posadas . . .	\$163.25
De Posadas a Porto Aguirre .	\$108
	<hr/>
Total	\$420.50

Tomando o valôr do pêsô a 3\$500, temos em moeda brasileira 1:471\$650 para uma viagem de ida e volta.

De Porto Aguirre os excursionistas seguem, de omnibus, para o Hotel Iguazú, localizado nas proximidades dos saltos, que cobra, "per capita", 16 pêsôs diarios, ou 56\$000.

O turista, geralmente, permanece quatro dias, visitando as cataratas; despende, portanto, 224\$000, que, somados á importancia da passagem, perfazem um total de Rs. 1:695\$000.

Enquanto na Argentina essas cousas são religiosamente consideradas, aqui jazem em completo abandono.

Aquela fronteira prodigiosa de belezas só é lembrada quando o "Touring Club do Brasil" faz a sua excursão, ou quando, com olhos invejosos, anunciamos um melhoramento introduzido pelos argentinos naquelas invias regiões. Fóra disso... silencio.

Como um berço de belezas naturais, póde o Paraná ser considerado. Além de sua magnifica flora e esplendida fauna, a constituição do seu sólo é tal que a todo momento se estão vendo majestosas fontes de hulha branca.

Acho que, si uma companhia fosse organizada, para executar o percurso que descreverei abaixo, o lucro seria compensador:

O excursionista saíria de Santos. Admiraria a portentosa obra de engenharia que constitue a estrada de ferro na subida da serra do Cubatão. Visitaria a bellissima cidade de São Paulo, seguindo em confortavel trem para Porto Epitacio, nas barrancas do Paraná, admirando neste percurso as fazendas e cidades da rica e progressista terra dos bandeirantes. Desceria o Paraná até Guaíra, maravi-

lhado com as belezas e pujança das nossas florestas. Em Guaíra haveria um parque com um hotel, onde os turistas poderiam, em varios dias, percorrer todos os recantos dos formidaveis saltos das Sete Quédas. Seguiria de trem até Porto Mendes, descendo o torvelinhoso Paraná, comprimido em um apertado canal rochoso, onde quasi todos os rios, da margem paraguaia, se despencam, formando lindas e pitorescas cascatas.

Ao chegar á Foz do Iguassú, seria hospedado em um hotel construído nas proximidades dos mais maravilhosos saltos do mundo. Depois de curta permanencia aí, seguiria em onibus para Curitiba, a cidade sorriso, gozando nesta viagem paisagens inéditas, ao descer, sucessivamente, os terraços paranaenses, admirando as florestas de esguios pinheiros e majestosos hervais. De Curitiba continuaria para Paranaguá, em estrada de ferro, galgando o ultimo degrau, constituido pela Serra do Mar.

Fecharia o circuito em Paranaguá, primoroso adorno da natureza, elogiado unanimemente por todos quantos a visitam.

Fica a semente; que ela germine nos cerebros dos nossos dirigentes e de algum capitalista, que verdadeiramente ame esta formosa terra de Santa Cruz.

Os saltos se desenvolvem em semi-circulo a partir da margem brasileira até alcançar a Argen-

tina, por onde se estendem. A maioria dos saltos é argentina, mas para vê-los o turista tem que vir ao Brasil. Na Argentina fica a arêna e no Brasil a arquibancada. O espectáculo sempre o mesmo: — a luta dos titans.

Picadas ligam o velho hotel a lugares aprasiáveis, onde se podem contemplar, em toda sua magnificencia, os saltos “Três Mosqueteiros”, que obrigam a agua a cair em dois lances, deslizando entre êles um negro patamar de cêrca de 100 metros.

Um pique nos levou ao alto do salto Floriano, onde se assiste, de cima do abismo, ao turbilhonar das aguas gementes pela quêda que vão sofrer.

Atravessando-se alguns canais com pouca agua, chega-se ao salto denominado “Garganta do Diabo”.

É uma verdadeira garganta, formada por uma depressão da rocha, avançando dois negros penhascos que limitam a guelã por onde a coluna liquida barulhosamente se despenca. Lá em baixo, um enorme poço recebe as aguas que saltam a grande altura, como se estivessem em ebulição. Ao negrume da rocha e ao prateado das aguas, adicione-se o vêrde de varias nuances das plantinhas que vicejam encrustadas na pedra, ou pendentes sobre o abismo, zombando do perigo, para ter-se o colorido quadro que se fotografa na nossa retina para todo o sempre. Diz o gongorista argentino, EMILIO MORALES:

“Em tão sublime momento, o sêr humano não consegue interpretar toda a impressão que

produz o tormentoso jôgo liquido com seus giros e envolturas. A meditação se aletarga, sentindo-se tremuras extranhas como si o proprio cerebro tambem rodasse para o abismo”.

“Enquanto se permanece naquele privilegiado lugar, pulverização suave e cristalina se eleva a grande altura, formando transparentes neblinas, que, por sua vez, refletem as côres do arco-iris.”

Observando-se o quadro magnifico, hesita-se entre o dizer de ALPHONSE DAUDET: “o sublime horror” e o do caboclo nortista: “que cachoeirão besta!”

Da margem brasileira pôde-se de um relance vêr os saltos Duas Irmãs, Bozeti, San Martin, Puyredon, Mitre, Rivadavia e Belgrano.

Muitos calculos se hão feito sobre o volume d'agua que se escôa atravez das formosas cataratas, sem que, contudo, se tenha chegado a uma ilação precisa. Não foi possivel calcular-se o trabalho mecanico, desenvolvido pela bela fonte de hulha branca, por não se conhecer cabalmente a descarga do rio.

A altura de quéda, que é um dos fatôres do numero de cavalos-força desenvolvidos, é de 80 metros.

As potencias desenvolvidas, isto é, os trabalhos desenvolvidos em um segundo são os seguintes:

Minima	132.491 H. P.
Media	1.214.807 H. P.
Maxima	6.985.170 H. P.

Os saltos se desenvolvem numa extensão total de 2.700 metros, dos quais 600 ms. pertencem ao Brasil e os restantes á Argentina.

Vamos comparar os saltos que descrevemos com os principais do mundo:

O rio Zambeze, que nasce na região montanhosa a lêste de Angola e desemboca no canal de Moçambique, fôrma, ao percorrer o territorio da Rodésia, o Salto Vitoria, que possui uma altura de quêda de 119 metros e uma largura de 1.600 metros.

O rio São Lourenço que serve de limites entre os Estados Unidos e o Canadá desagua o lago Ontario. Êste lago se acha em comunicação com o lago Erié, por meio dum profundo curso dagua onde se encontra a cachoeira de Niagára, com 330 metros de desenvolvimento e 47 de altura.

O rio São Francisco a 310 kms. da sua foz teve o seu perfil longitudinal quebrado pela cachoeira de Paulo Afonso. Dentro do nosso espirito de brasilidade vamos dizer algo a respeito desta formosa catarata.

“Paulo Afonso” tem uma diferença de nivel de 81 metros, entre as partes superior e inferior das diferentes Quêdas.

Nesse ponto, as aguas do S. Francisco, apertadas entre duas enormes muralhas de granito, derramam-se a principio sobre um plano inclinado e em seguida precipitam-se subitamente em três enormes quédas.

Quando o rio está cheio, a quéda fórma quatro grandes braços, separados por pitorescos grupos de rochedos. O principal salto fórma uma curva; a meia altura, o canal de pedras através do qual passam as aguas as impele contra as do outro lado da corrente, misturando-as.

Desde então é tudo espuma, vapor, nevoeiro e num salto imenso o cáos revólto das aguas precipita-se no abismo.

O canal tem 15 a 18 metros de largura, tornando-se notavel a impetuosa violencia da sua corrente.

Calcula-se que ela poderia fornecer mais de 1.000.000 de cavalos, se fosse utilizada como força motriz.

É de uma gruta, formada pela desagregação das rochas, que se avista melhor o aspecto selvagem e grandioso das quédas." (4)

Das cataratas mais importantes do globo, falta-nos falar da de Guaira. Mais para frente ela

(4) Barão HOMEM DE MELO.

terá a nossa visita, satisfazendo a curiosidade do leitor. Antes de deixarmos o Iguassú, vamos dizer mais alguma cousa a seu respeito.

O Iguassú, que nasce nas proximidades de Curitiba, corre inicialmente para sudoeste, até receber o rio Nêgro pela margem esquerda, depois do qual toma a direção geral de este para oeste, separando os Estados de Santa Catarina e Paraná até União da Vitoria.

Réga novamente o territorio do Paraná e por fim separa a nossa Patria da Republica Argentina, depois de receber ainda pela esquerda o Santo Antonio, até a sua desembocadura no Rio Paraná.

O Iguassú apresenta um desenvolvimento de 1.320 kms. desempenhando o papel politico de servir de fronteira numa extensão de 175 kms.; a diferença de nivel entre a sua nascente e a sua embocadura é de 809 metros.

O rio atravessa os três terraços paranaenses, resultando disso ser êle navegavel no primeiro terraço desde Porto Amazonas até Porto União, numa extensão de cerca de 333 kms. Depois de Porto União, o seu curso começa a desenvolver-se no planalto guarapuavano, onde a sua declividade é profundamente modificada, existindo grande quantidade de saltos e corredeiras, entre os quais podemos citar: os de Santiago, Osorio, Caxias, Faraday, Leão, Mateus, Irene e Santa Maria.

O trecho lindeiro pôde ser dividido em dois outros, separados pelos saltos de Santa Maria. No primeiro, isto é, entre a barra do Santo Antonio e os saltos, a largura do rio varia entre 550 e 1.000 metros, conforme o numero de ilhas que alarga o seu curso, diminuindo consideravelmente a sua profundidade.

Há neste trecho grande quantidade de ilhas, ilhotas, corôas e sarandís, sendo as mais importantes a do Pesqueiro (com marco brasileiro), o arquipelago da Ilha Grande (com marco argentino), o arquipelago das Taquaras (marco brasileiro) e a Ilha Só ou Santo Agustin, pertencente á Argentina.

Depois do gigantesco Salto de Santa Maria, a caudal corre perfeitamente encaixada numa largura de 250 metros, com barrancos a 30 metros acima da folha dagua.

Este segundo trecho tem 24 kms. 650 metros e é navegado, como vimos, por navios argentinos até Porto Aguirre.

Fazendo-se um percurso de três quilometros, chega-se ao marco das três fronteiras.

O marco é construido de pedra, tendo a fórmula de uma pirâmide com base losangular; na face sul voltada para a Argentina se vê o emblema da nossa Republica em bronze e a data 1903 gravada na pedra; na face voltada para o Paraguai se nota o autografo do General DIONISIO CERQUEIRA, Chefe da Comissão Demarcadora de Limites. Do marco

brasileiro vê-se o Iguassú confundir suas aguas com o Paraná e o vértice do marco argentino circundado pelo mato. Estendendo-se a vista para plagas paraguaias, localiza-se o porto Gibaja, de pitoresco aspecto. Á jusante dêste porto se acha o denominado Bertoni, no qual ha uma estação meteorologica, uma escola de agronomia e um parque botanico, organizados pelo Dr. MOISÉS BERTONI, de nacionalidade suissa e falecido ha quatro anos. Êste grande sabio, tão pranteado pelo pôvo paraguaio, fundou em 1905 uma estação agronomica que se foi desenvolvendo de acôrdo com o projeto de estudo da flora regional, que muito preocupava o grande naturalista.

Nos arredores do porto que tem seu nome, reuniu 7.500 especies de floricultura, 33.000 exemplares da região e 6.000 novidades do país.

Aclimatou o café e o plátano com otimos resultados.

Entre as novidades conseguidas por D. MOISÉS, há uma herva cujas folhas contêm açúcar. Basta colocar uma ou duas folhas no chá ou no café, para que êles se tornem adocicados.

Informaram-me que BERTONI conseguira êste precioso especimen da flora paraguaia, depois de muito tempo em contacto com os indios.

VII

No tranquinho do burro... Bela-Vista.- Tacurupucú. Um romance triste. Passo Cuê. Porto Ipiranga. Uma morte estúpida. O fatal "antecipo". O velorio. O "sereno". Em Sete de Setembro. A sésta. Em Santa Helena. Uma prosa agradável. O pinhão. Lope-y. Britania. Doze de Outubro. Uma farra. Don ALICA. Um monstro.

Para visitar Guaira podia tomar passagem num dos navios argentinos que navegam até ao Porto Mendes, porém, para conhecer-se uma região é preciso palmilha-la vagarosamente. Resolvi seguir em lombo de burro, costeando o caudaloso Paraná.

No tranquinho de um burro percorri bôa picada, atravessando com o crepusculo o rio Bela-Vista. Do vâu partia uma trilha; segui-a para logo empós, de um alto, avistar luxuoso laranjal verde escuro matizado de ouro dos frutos, cercando as habitações pintadas de branco com telhados vermelho vivo e mais além, encerrando o cênario, as casas de Tacurupucú, no meio de lindo herval, já em terra paraguaia.

Recebeu-me gentilmente o Snr. ALBERTO ALARCON, proprietario do porto, que hoje vive quasi na miseria, em companhia de sua esposa e um unico empregado. Tentou vender a produção do seu laranjal, mas teve prejuizo, apesar de conseguir, em Buenos-Aires, dez centavos por um fruto (trezentos réis).

As instalações da sua propriedade, agua encaçada, zorra de acesso ao porto, etc., mostram que ali já houve muita riqueza.

Contemplando a fisionomia daquele rapaz, descendente da casa de ALARCON, lobriguei o fio de um romance, quiçá muito triste. O sorriso sem côr da esposa confirmava o drama de miseria em que viviam naquela pujante terra...

Vis-á-vis ao nosso porto tinhamos o de Tacurupucú. Este complicado nome significa em guaraní: "cupim comprido".

Em Tacurú, como diz o povo do lugar, se acha localizada a Companhia Industrial Paraguaia, concessionaria de 1.000 leguas paraguaias (4.330 ms.) quadradas, com o fito de explorar o "ilex paraguaiensis".

A companhia tem feito progredir a fronteira paraguaia, construindo excelente estrada de automovel para Palmas, situada no rio Paraná, aguas acima, e para Itaquerí, onde a empreza tem seus depositos e administração.

No segundo dia de viagem fui numa trotada até ao porto de Ipiranga, passando pelos portos Osuna e Passo Cuê. Em Passo Cuê encontrámos o vestígio de um grande incendio, que tudo devastara. A palavra Cuê significa, em guaraní, foi, e também pôde significar uma cousa que não tem mais utilidade.

Defronte do porto por nós atingido, ha o de Palmas, onde se vêem lindas e extensas plantações de herva-mate.

Em Porto Ipiranga funciona uma "obraje", que é o nome dado ao lugar onde se faz a extração de madeiras.

O porto e a "obraje" pertencem á Empreza ALFREDO GIAMBELLI y Cia., de Rosario, Republica Argentina, que tem como gerente "in loco" o Sr. MARTINEZ. Este senhor convidou-me para, de automovel, visitar o seu trabalho.

A estrada méstra corre por um terreno que não apresenta a mais leve ondulação, permitindo aos vehiculos bôa velocidade. A plataforma se mantem sempre enxuta por ser pelos raios solares completamente batida.

Era desejo do senhor MARTINEZ ligar sua estrada á Foz do Iguassú, mas não houve entendimento com o Prefeito, que negara o mais comesinho auxilio.

Mal haviamos percorrido quatro quilometros, quando assistimos á morte de um paraguaio do modo mais estúpido possível.

Seguia na nossa frente um caminhão. De salto um homem cái no chão. Corri para socorrê-lo, porém sem resultado, pois como se fosse fulminado por elevada voltagem, nos meus braços exalou o ultimo suspiro.

Nos seus bolsos encontramos 72 pêsos argentinos (252\$000). Á noite o senhor MARTINEZ mostrou-me a escrituração de seus livros referentes ao morto, que possuia de saldo quasi um conto de réis.

Os empregados de Ipiranga não são escravos. O Snr. MARTINEZ revolucionou completamente os costumes do Alto Paraná.

As outras empresas conseguem empregados no Paraguai ou em Corrientes e levam-n'os para Posadas, onde possuem casas de negocio; aí fazem o fatal "antecipo", que é a corrente de ferro que os torna escravos. O desgraçado nunca mais paga o que recebeu e, quando não morre devendo, foge perseguido.

Durante a noite houve o velorio do coitado que falecera ao escurecer. É uma verdadeira festa. Ao som da harmonica cantam, dansam e sapateiam em redor do defunto, enquanto outro grupo, a um canto, pachorramente joga a "loteria"...

Em todas as empresas ha um homem que só "maquina", não trabalha: — é o "sereno". Todos desconfiam dele, pois sua função é analoga á do investigador de policia; êle sonda, provoca assunto nas conversas e logo depois vai dar ciencia de tudo

que viu e ouviu ao patrão. Durante o dia, enquanto seus companheiros trabalham, "sereno" procura as mulheres para obter segredos e espargir por todos os cantos a intriga.

Todo trabalho da empresa é feito com máquinas e tratores. A exportação é de cédro e lapacho, atingindo um total de 250 vigas mensais.

O lapacho pareceu-me ser o nosso ipê, com flores amarelo-rosa. É muito duro, excelente para construção de rodas e cavernâme de embarcações.

Na manhã do terceiro dia de viagem partimos, trilhando por um caminho sujo de mais. Apelávamos para o facão a toda hora e, apesar de não chover, estávamos totalmente molhados pelo aljofar que rorejava da folhagem.

Atravessamos o rio Ocohy, que se devia grafar "Oco-ü", pois "ocô" é o nome de um passaro raro, aquático, e "ü", significa água, em guaraní. Escolhemos para pouso a "obraje" Sete de Setembro, do Senhor EUGENIO CAFERATA, argentino.

O senhor CAFERATA trabalha com 120 homens, sendo 82 paraguaios e 38 argentinos. O único brasileiro existente neste recanto do nosso Brasil é um soldado de polícia ali destacado, que aliás é casado com uma paraguaia e seus filhos falam... o guaraní.

Vi a organização de uma balsa. A madeira é amarrada respeitando-se a proporcionalidade de

quatro tóras de cédro para uma de madeira não flutuante. A balsa é puxada por um rebocador.

Ao alvorecer do quarto dia, internámo-nos pela estreita picada que atravessa o arrôio Itacorá (curral de pedra) e desemboca no Porto Moledo, onde reside uma família argentina.

Quem viaja montado deve, ao meio-dia, parar um pouco, afim de que os animais possam sestar.

Estava eu descansando os costados na relva fresca, quando a silhuêta de uma paraguaia carregando um fardo á cabeça me feriu a retina. Os braços alevantados para segurar o fardo, fazia com que o corpo se tornasse esguio, ao mesmo tempo que os seios se empinavam e sacudiam na cadencia ritmada do movimento dos quadrís. Revi na selva um quadro que me tinha ficado gravado na imaginação depois que li "Fruta do Mato", onde uma garbosa mulata carregando uma lata dagua, em tudo se assemelhava á paraguaia que eu vi. (5)

Após o descanso, prossegui minha viagem, passando pelo porto Sol de Maio, atravessando o rio São Vicente, para pernoitar num acampamento de paraguaios. Pensei de neste acampamento obter informes interessantes, mas fui infeliz. Por mais que me esforçasse, os paraguaios se tornaram arredios e desconfiados. Perdi a cartada...

(5) AFRANIO PEIXOTO.

Na manhã seguinte, deixei ás 7 horas o acampamento; trilhei por um caminho bem cuidado que me levou ao porto Santa Helena, onde cheguei depois de duas horas de viagem.

Fica Santa Helena bem situada, impressionando alegremente a sua alameda de paineiras. A paineira é aqui conhecida pelo nome de Samú.

O colorido rôxo-roseo das flôres que caíam como verdadeira chuva pintava lindamente o chão da estrada.

Funcionam na localidade os escritorios da Companhia de Colonização Esperia da Companhia Barth e o do Snr. CAFERATA.

O padre JOSÉ, ao mesmo tempo que toma conta de sua igreja, ensina aos meninos dos arredores.

A Companhia de Colonização Esperia é capitalizada pelo Banco Francês Italiano da America do Sul. Antes da revolta de 1924, esta Companhia já havia localizado 200 familias de colonos alemães e italianos. Com o flagelo que assolou o "far-west" paranaense, elas emigraram, somente regressando 30, que atualmente habitam as terras da companhia.

É pensamento do Diretor aumentar para o dobro o numero de familias de colonos e intensificar a lavoura, exportando para a Argentina o arroz, o abacaxí e a banana. Cogita tambem de plantar canhamo, fabricar sacos para a exportação de herva-mate e organizar um frigorifico para industrialização de produtos suinos.

De porto Santa Helena para montante não ha picada costeando o rio e, sabendo disso, mandei que o meu caminhão me esperasse nesta localidade.

Don DOMINGOS BARTH era o maior herveiteiro da região. Depois de sua morte, seus filhos tomaram as redeas do negocio e, apesar de possuirem maior cultura, a empresa decaiu, já pela falta de pratica, já por não se sujeitarem a uma vida de sacrificios e renunciias no sertão.

A firma BARTH adquiriu em Santa Helena, São Francisco, Diamante e Barro Preto faixas de terra para o armazenamento do produto e, em Central BARTH, soberbo herval que se desenvolve para os quatro pontos cardeais.

Don RAUL BARTH chegara na vespera de Buenos-Aires a bordo do vapor "Salto" e vinha visitar os seus enormes latifundios, para estudar a possibilidade de aumentar a produção.

Em companhia de Don RAUL, que é um homem viajado e de prosa agradável, fiz um percurso de cerca de 100 kms., sem sentir e, quando menos esperava, topei com o barracão de Central BARTH, onde, como sempre, o Snr. JACOB BLENNER nos recebeu solícito.

Pelo percurso que fiz hoje, concluí pela inexistencia do pinheiro na mata marginal do Paraná. Percorri cêrca de 100 kms. e só vim encontrar a magestosa araucaria nas proximidades do barracão. O itinerario percorrido é rico em peroba.

Achei interessante como o caboclo assa o pinhão. Faz com a "grimpa" (rama) da "arvore al-tiva" uma fogueira onde coloca a saborosa semente e, depois que ela arde completamente, com um feixe de mato o caboclo bate o fôgo ficando no borralho os pinhões assados com as cascas arrebetadas.

De Central BARTH segui para Lope-y, através duma horrivel estrada, traçada no meio de lindo pinheiral. A plataforma da rodovia já não existe e em seu logar aparecem fundos fôssos e derrapantes soslaios.

Em plena mata sertaneja a povoaçãozinha impressiona bem, quer pelo asseio reinante, quer pela situação topografica.

Penso que o nome dado á linda localidade foi em homenagem ao filho de algum LOPES, ou, quiçá, ao proprio SOLANO LOPES, pois que "Lope" significa LOPES e a desinencia "y" leva o nome anterior ao diminutivo: LOPEZINHO ou LOPES PEQUENO.

De Lope-y continuámos a nossa viagem até a bifurcação que vai para os portos Doze de Outubro e Britania. Visitei o segundo, principalmente para respeitar a ordem geografica que seguia de sul para norte. É porto Britania propriedade da "Companhia de Madeiras do Alto Paraná", nome disfarçado da "Companhia Brasil Land de Mato-Grosso". O seu gerente, senhor MICHEL, suiso, foi muito gentil, mostrando-me todo o seu serviço.

Antes de chegar-se ao porto contempla-se belo herval, plantado metodicamente em fileiras.

A madeira extraída é transportada em autocaminhão com um retotrem, sobre o qual vem a madeira da mata, já falquejada e pronta para ser embalsada, até ao porto. Aí o rio Itambé, descrevendo lindos arabescos, em um alto salto, busca o Paraná.

Retrocedi para, na bifurcação, seguir o caminho do porto Doze de Outubro.

Conversei poucos momentos com o senhor AVELINO GIBAJA, um dos proprietarios da feitoria, que me pareceu não estar contente com a minha presença, apesar de me ter recebido em traje de banho.

O senhor GIBAJA estava apavorado com o novo imposto com que o governo argentino taxára a herva brasileira, visando assim proteger o mate da região missioneira, que, pela sua pessima qualidade, era muito mal cotado. Os hervateiros pagavam de imposto pela exportação de uma arrôba de 10 ks., 50 centavos; agora terão de pagar mais 50, perfazendo o total de um pêso (3\$500), que não deixa margem para grandes lucros.

Depois que lobriguei cinco ninfas também vestidas de traje de banho, compreendi o mal estar do senhor GIBAJA e retirei-me, afim de que êle pudesse cair na farra aquatica que tinha combinado.

Seguimos para porto Artaza ou Porto Alica. Nele reside o senhor JULIO TOMÁS ALICA, pro-

prietario de vastos hervaís e muito rico antes da revolução de 1924, que o arruinou por completo.

As instalações do seu porto atestam o surto de ouro que houve outróra nos cofres de Don ALICA. Uma usina geradora de luz elétrica, engenho, armazem construído com excelente material de alvenaria, magnífica casa de habitação ao lado de uma represa, onde em enormes bandos, patos e ganços singram suas aguas, caixa dagua e vasto estabulo.

Do seu porto parte uma estrada que, passando por Bôí Caê (carne frita) e Santa Cruz, vai ter aos Campos Mourão, depois de atravessar o Piquerí. Hoje esta estrada só é trafegada até Santa Cruz, sendo o trecho restante incorporado ao patrimonio da mata, do que se aproveitaram os indios guaranís para ao longo dela organizarem suas malócas.

O Snr. ALICA faz-me lembrar o PEDRO SEM da historia, pois apesar dos desenganos e dos sofrimentos, ainda é arrogante, ameaçando a Deus e aos homens.

Do seu porto, o Capitão CARLOS PRESTES (que de passagem se diga, é o coração mais bem formado que conheço) atravessou o Paraná para porto Adéla e, fazendo penosa marcha através duma picada, foi saír em porto Lindo, no rio Iguatemi, já em territorio matogrossense.

Como represalia ao auxilio que Don ALICA procurava dar ao governo de então, todas as suas pro-

priedades foram queimadas e o velho hervateiro até hoje espera a indemnização pelos danos sofridos.

Don ALICA ofereceu-me um “drink” saborosissimo, com um gosto agri-dôce. Mais tarde fui sabedor de que a gostosa bebida, preparada com uva e cana, para adquirir o sabor indefinivel que senti, era mistér que um pato morto fosse mergulhado nela por algumas horas. Succede com os excursionistas cada cousa!...

A propriedade de Don ALICA era citada como o padrão das barbaridades sofridas pelos seus “mensus”.

Mensu vem da palavra castelhana “mensual”, homem que trabalha por mês.

Hoje o velho ALICA ainda trabalha com 60 homens e pensa em abandonar por completo a extração da herva, para plantar, nas proximidades, batatas, mandioca e milho.

Falam que antigamente êle e seu cunhado SANTA CRUZ trabalhavam com cêrca de dois mil mensus e que, ao raiar da madrugada, de chicote em punho, faziam levantar os pobres homens a vergastadas. O trabalho insâno se desenvolvia de sol a sol e a alimentação muito parca era constituída pelo “lôcro” (comida feita com milho) e o “tererê” (mate cozido com agua).

SANTA CRUZ era um verdadeiro monstro. Ali naquele belo recanto, êle tiranisava pobres empregados, prostituindo esposas, estuprando muitas me-

ninas de 8 ou 9 anos de idade, vergastando a chicote as faces dos seus **mensus**, muitas das vezes quasi mortos de fome...

Muitos se internavam na mata, cansados de sofrer e não mais voltavam, nem deles se tinham mais noticias. Com certeza morriam na floresta á mingua ou caçados por alguma brava féra.

O símbolo da maldade humana é representado por **NÉRO**. Acho que a hediondez de **SANTA CRUZ** eclipsava totalmente a do Imperador **matricida**. **NÉRO** achou um punhal para deixar o mundo em socêgo, porém **SANTA CRUZ** para morrer, foi preciso que uma emboscada lhe fosse armada e que êle não tivesse o minimo tempo para se defender.

Num arrôio denominado Quatro Pontes, colocaram alguns pregos. Quando de automovel **SANTA CRUZ** passava, teve uma camara de ar furada. Achou o incidente banal e abaixou-se para substituir o "pneu" defeituoso. Nesse momento foi inopinadamente derrubado por um possante golpe, dado com uma barra de ferro. Caíu agonizante, sendo então sua morte consumada a faca. Quatro homens experimentaram o fio das suas facas na carcaça do tirano que morria.

Para ocultar o crime, jogaram em cima do cadaver enorme pilha de herva-mate e calmamente ganharam a fronteira...

VIII

Porto Mendes. Telegrafo errado... Estrada de ferro liliputiana. Guáira. A Mate Laranzeira. Os saltos admiraveis. Andorinhas espartas. Dados numericos. Na margem mato-grossense. Um ornitologo alemão trabalhando para os Estados-Unidos. O rio politico.

De porto Artaza já se ouve o silvo penetrante das locomotivas paradas em Porto Mendes e com a vista se faz a ligação perfeita entre as duas localidades. Aproveitei, para descansar das fadigas do dia, uma excelente cama que gentilmente me foi oferecida.

Depois das Sete Quédas, o rio Paraná não é navegavel até Porto Mendes; para não haver solução de continuidade a Companhia Mate Larangeira fez construir uma estrada de ferro numa extensão de cêrca de 60 kms., que são percorridos em quatro horas.

De Catanduvás parte um circuito telegrafico para Porto Mendes, passando por Lope-y, onde ha um posto telefonico instalado num casebre construído com lascas de pinheiro. Este circuito fun-

ciona, às vezes, por milagre de um santo poderoso. Os postes não existem mais, repousando o fio diretamente sobre a mata que nasceu na antiga picada. Além disto os telefonistas de Lope-y e Porto Mendes possuem pessima dicção, fazendo com que sejam transmitidos verdadeiros disparates nos poucos momentos em que a linha funciona.

Uma ocasião a Companhia Mate telegrafou para S. Paulo, pedindo com urgencia pernos de isoladores e recebeu como resposta quatrocentos réis. Conclusão: o telefonista transmitira preços em vez de pernos.

Outra vez o gerente Don OTTO ROHDE recebeu um telegrama de Buenos-Aires, que dava a entender haver falecido sua esposa; partiu imediatamente e quando chegou ao seu lar, teve a ventura de ver sua primeira herdeira...

Quando cheguei a Porto Mendes encontrei um telegrama para minha progenitora. Fiquei espantado; abri-o e verifiquei que o telegrama era para mim, passado por ela.

Garbosamente o trenzinho liliputiano se põe a mover, para fazer uma parada em Arrôio-Guassú e em seguida outra em Zoróró, onde existe enorme serraria.

Chegado que fui a Guaíra, hospedei-me no hotel da Companhia Mate Larangeira.

Acompanhado do administrador, percorri "a cidade", que impressiona bem, com suas largas ruas

arborizadas, apresentando esplendidas habitações de madeira com todos os requisitos da hygiene moderna: agua, luz e esgôto.

A organização da Empreza é a cousa mais bem estudada que se póde desejar. Num grande edificio funciona a Administração, onde impera a ordem e a mais perfeita organização burocratica. Possui bom hospital e num armazem ha tudo que se possa desejar. Constróem embarcações e fundem o ferro. Ha excelentes oficinas de mecanica e carpintaria.

Vamos agora visitar os saltos, começando pelos da margem paranaense.

Nuvens imensas de neblina se abrem para o céu, refletindo graciosos iris. A pedraria negra de basalto é reluzente.

A agua amarelada espuma em furia contra as arestas das rochas que a faz gritar um longo sussurro.

Em todo modelado do terreno temos linhas de cumiáda caracterizadas pelas elevações, serras e montanhas e linhas de aguadas representadas pelos corregos, arroios e rios. Ali, em Guaíra, se tem a luta das duas linhas que se encontraram devido a uma perturbação cosmica qualquer: Serra Maracajú versus Rio Paraná. O velho adagio: "agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura", é ali confirmado. A serra foi vencida pela caudal que desce das alterosas terras mineiras.

Em Guaira se tem mais impressão da velocidade de queda do que em Iguassú. A furia do liquido elemento é notavel e a sua ação mecanica e acida é constatada no pedral das margens, que se apresenta corroído e fendilhado.

Como retoques á obra do Sublime Artista, foram construídas lindas passadeiras sobre os canais, de molde que se pôde contemplar o gigante de cima do seu proprio dôrso...

Assisti a um fato interessante. Extasiado, sentei-me á beira de um dos saltos; embevecido, contemplava a caída da agua descrevendo no ar as mais caprichosas curvas, cujas equações NEWTON, LEIBNITZ, EULER e LAGRANGE se esqueceram de estabelecer.

De repente, pareceu-me que um sêr extranho havia furado a queda da agua para penetrar na rocha. Concentrei meu olhar e vi varias andorinhas furarem a caudal para penetrar nas tocas existentes na pedra, onde tinham os ninhos. O inteligente passaro sabia que ali estava resguardado contra qualquer intervenção de outro animal. A gaiata avezinha esvoaçava em torno da queda, como si estivesse procurando o local do ninho, depois como uma flecha, célere atravessava a massa liquida...

Si bem que o nome dos saltos seja "Sete Quedas", êlas são em numero de 18, sendo 5 na margem direita, 12 na esquerda e 1 no centro, caíndo as aguas no colossal "fjord" com 60 metros de lar-

gura, talhado à pique na rocha de basalto, onde se escôa toda a agua do portentoso Paraná. Das 18 quédas 7 são as principais, donde o seu nome.

O nome de Guaíra dado aos saltos já designava aquella região, onde campeava a valente tribu do cacique do mesmo nome.

Da extremidade inferior da comprida ilha de Sete Quédas, o Paraná começa a descrever pronun-
ciadissima curva, pela esquerda, banhando a "cidade" de Guaíra e formando imenso remanso.

O canal abaixo dos saltos se desenvolve, costeando a margem paraguaia e matogrossense, nele caíndo, por entre verdejantes ilhas, cinco quédas dagua. A sexta quéda cái na extremidade do canal, desenvolvendo-se as restantes pela esquerda.

Em virtude do grande remanso que o rio Paraná faz para a esquerda, esta margem apresenta maior numero de saltos, que se desenvolvem numa extensão aproximadamente o dobro da que se nota na margem direita.

Acima dos saltos, na extremidade inferior da ilha das Sete Quédas, o rio Paraná tem 4.100 metros; entre o porto de Guaíra e a margem do canal, a jusante dos saltos, foram medidos 3.057 metros; separando as suas margens ha 3.846 metros, contados do porto de Guaíra. O canal abaixo dos saltos tem 60 metros de largura e os paredões, entre os quais corre o rio, 34 metros de altura.

Segundo estudos feitos, o potencial utilizavel do rio varia entre 8.000.000 e 40.000.000 H. P., conforme a cheia ou vasante.

Parti de Guaíra numa lancha a gazolina, seguindo o canal entre a ilha Sete Quédas e o territorio paranaense. Neste trecho se vêem duas boias, onde são prêsas as sirgas, para se puxarem os navios e chatas que, devido aos seus pêsos, não possam vencer a correnteza.

Logo depois entrámos no canal Pacú, que se para a ilha do mesmo nome da de Sete Quédas, constituindo a unica passagem para o navegante que se destine ao nosso porto de partida.

Depois que se sái do canal do Pacú, nota-se que a embarcação custa a vencer a correnteza, devido a forte inclinação do alveo e, um defeito na maquina seria suficiente para, embarcados, saltarmos as belas cachoeiras do Guaíra.

O momento perigoso, porém, foi curto e começámos a navegar em um furo que circunda uma ilha.

Na agua quasi parada, ha grande quantidade de plantas aquaticas com lindas flôres rôxas, brancas, violetas e rosa, formando uma linda antologia.

Neste belo trecho vimos muitos passaros grandes, como a iuma e o manguarí e bandos interessantes de biguás que, sem o minimo temor, esperavam que nossa lancha passasse para serem embalancados no banzeiro.

Consumindo cêrca de uma hora, chegámos a um antigo posto de índios, hoje abandonado, onde saltámos. A existencia de selvicolas aí é atestada por duas velhas canôas, que estão no porto apodrecendo.

Cinco "mensus" com seus pesados e compridos "machêtes" foram na frente, derrubando o capim alto, que já ocupava o caminho que se desenvolve ao longo de grande banhado.

Depois de caminharmos 800 metros, começámos a transitar em terra firme, "no monte", como dizem os paraguaios, fazendo no final da caminhada um percurso de 2 quilometros e 500 metros.

O administrador de Guaíra me afirmou ser o ponto atingido a fronteira do Brasil com o Paraguai, mas toda tentativa em procura do marco foi sem resultado.

Chega-se no fim da picada a um sitio de onde se pôde contemplar a junção de duas gargantas. A agua vem velozmente deslizando por duas calhas de rocha. Separando-as ha uma fimbria negra, formada pelo pedral. Quando a agua dos dois braços se encontra, um estrondo permanente se produz, levantando-se para o céu densas nuvens de "fumaça".

Caminhando-se cuidadosamente pela margem, pôde-se chegar á beira do primeiro salto, para apreciar o tombão que a agua leva. Com o auxilio de uma corda pôde-se chegar ao fundo do pedregal da margem, visitando furnas interessantes, arcadas e colunas roliças de rocha, trabalhadas pela agua.

Vamos dar a palavra ao estilista EMILIO DE MENEZES para, em belos versos, dizer melhor o que se vê naquele recanto encantador:

“O SALTO DO GUAÍRA”

Largo oceano azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Leguas e leguas marulhoso e brando,
O rio enorme todo o céu retrata.

Subito as aguas, brusco, represando,
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indomito, raivando
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta.
Nada a brancura esplendida lhe turva,
Em tanto resplendor e gloria tanta.

E na apoteose em que a caudal se expande,
Do sól nos raios, multicôr se encurva,
Rutilo arco-iris, luminoso e grande...”

Acompanhou-me nesta visita o ornitologo alemão Dr. EMIL KEMPFER, que com sua esposa trabalhavam para o Museu de New-York. O Dr. EMIL, quando encontrava um passaro, tomava o seu caderno e anotava as atitudes da ave. Muitas vezes demorava tanto tempo no estudo do animalzinho que êste, cansado de esperar pelo tiro, fugia. O Dr. EMIL não descançava enquanto não achasse novamente a ave cubiçada. Desde que a topasse, atirava

com firmeza, matando-a. Sua senhora abria o passaro, empalhando-o, de sorte que no final ficasse na mesma attitude em que fôra observado. O ornitologo examinava cuidadosamente o bico, os olhos, os pés, a cauda e a côr para, finalmente, com etiqueta, classificá-lo.

O Dr. KEMPFER já possuia daquela região sessenta especimens diferentes.

Enquanto a lancha volta ao porto de partida, vamos dizer algo a respeito do rio politico: o Paraná.

O rio Paraná é formado pela reunião de dois importantes galhos: o Grande, que nasce na serra da Mantiqueira, e o Paranaíba, que desce da serra da Mata da Corda, ambos em Minas Gerais.

É um rio totalmente politico. Os seus formadores separam: o primeiro, o Estado de Minas Gerais do de Goiaz e o segundo, o grande Estado montanhês do prospero Estado de São Paulo, formando ambos o rico "triangulo mineiro".

Com o nome de Paraná, êle divide o Estado de Mato-Grosso dos de São Paulo e Paraná; serve de divisa entre o Brasil e o Paraguai e entre esta Republica e a da Argentina e, já em plagas argentinas, separa a Provincia de Santa Fé das de Corrientes e Entre-Rios, bem como esta ultima da de Buenos-Aires.

A atual grafia do Paraná não é correta. Devia-se escrever Paranã, palavra composta de "para" (rio) e "nã" (largo).

Podemos dividir o curso do Paraná em três trechos: o primeiro que vai da junção dos seus formadores até os saltos de Guaíra; o segundo desta bellissima catarata até Posadas e o terceiro daí para jusante.

No primeiro trecho, a caudal se caracteriza pelo grande numero de ilhas e canais, dando ao rio enorme largura, que, ás vezes, ultrapassa de uma legua. Da barra do Amambá até as proximidades de Guaíra, o Paraná corre por dois braços, separados pela Ilha Grande ou das Sete Quédas, numa extensão de cêrca de 80 kms.

Em Guaíra o rio apresenta cerca de 3.000 metros e, formando um verdadeiro funil, passa por um canal de 60 metros de largura somente.

O segundo trecho é perfeitamente canalizado, apresentando uma largura quasi uniforme, que varia no maximo de 200 a 300 metros.

No terceiro, o rio se alarga novamente, depois de receber o caudaloso Paraguai, surgindo novamente as ilhas, como no primeiro trecho.

Segundo o Capitão de Fragata CUNHA COUTO, o Paraná tem a extensão de 4.290 kms., assim distribuidos:

Desde a sua nascente até a foz do Paranaíba, onde perde o nome de Grande	1.138 kms.
Da foz do Paranaíba até receber o Iguatemi.	555 kms.

Da confluencia do Iguatemi até a do Iguassú	178 kms.
Da barra do Iguassú até Candelaria	186 kms.
De Candelaria até a Tranqueira do Lorêto	156 kms.
Desde a Tranqueira do Lorêto até as Três Bôcas, onde recebe o rio Paraguai	222 kms.
Das Três Bôcas até Buenos-Aires	1.466 kms.
De Buenos-Aires até a Ponta do Maldonado, onde toma o nome de Rio da Prata	389 kms.
<hr/>	
TOTAL	4.290 kms. (6)

Por sua extensão é o quinto rio do globo, sendo maiores que êle o Mississipi-Missouri, o Nilo, o Amazonas, o Ienessei e o Yang-Tse-Kiang.

O regime hidrografico do Paraná oferece muita semelhança com o do Volga e o do Mississipi, rios que levam em flutuação enormes quantidades de areias e argila, que obstroem os deltas respectivos.

As enchentes do Paraná adquirem sua maior intensidade de Dezembro a Março e têm suas origens nas copiosas chuvas que caem, durante a primavera e nos primeiros mêses do estio, nas regiões equatoriais do continente.

Têm-se observado crescentes extraordinarias, que se repetem periodicamente de dez em dez anos, coincidindo com o aumento de diametro das manchas solares.

O primeiro trecho do Paraná é perfeitamente navegavel por pequenos vapores entre o rebojo Jupia e Guaíra.

O segundo é navegavel a partir de Porto Mendes. A agua cava na rocha enormes caldeirões que dão origem aos perigosissimos redemoinhos, que dificultam um tanto a navegação. Nas proximidades de Porto Britania, os redemoinhos são tão fortes que, para vence-los, os navios adernam completamente.

O Paraná recebe em terras brasileiras inumeros tributarios, constituindo, os da margem esquerda, ricas fontes de hulha branca, ao passo que os afluentes da margem matogrossense são satisfatoriamente navegaveis, apresentando perfis perfeitamente equilibrados.

A importancia que o Paraná exerce na historia da America, se perde nas noites do tempo. Era por êle que os castelhanos subiam na ancia louca da ambição, em busca dos castelos doirados dos Incas. Ainda por êle desciam os masculos bandeirantes paulistas, á cata do ouro fascinante de Cuiabá, baixando o Tietê e subindo o Pardo.

IX

Os jesuitas. As voltas com uma inundação. Fundação de Vila Rica e Ciudad Real. Viagem dos missionarios até o Paranapanema. Lenda de um indio que resuscitou. Bravuras de TAIAOBÁ. Fundações do Tibagí. Conversão de TAIAOBÁ. Comendo a carne do sacristão. Apogeu do estado teocratico.

Os jesuitas que foram para Assunção, Capital da Republica do Paraguai, cumpriam sua santa missão de catequese adentrando-se desassombradamente pela mata, em busca de aldêias de aborigenes, onde a religião de CHRISTO pudesse ser pregada.

Viajando entre os selvagens, viveram muitos anos os jesuitas ORTEGA e FILDS. O campo de ação dêsses dois bravos apóstolos do bem foi a região denominada de Guaíra. Sob êste nome era designada a zona que tinha como limite sul o Uruguai, limite oeste o Paraguai, para leste as fronteiras indefinidas do Brasil e ao norte um matagal bravo e ignoto.

Numa das excursões que os dois missionarios executavam, foram inopinadamente colhidos por

uma inundação quando palmilhavam uma região compreendida entre dois rios. Pensavam os religiosos com seus neofitos escapar, caminhando com agua pela cintura em procura dum terreno mais elevado. O nivel da agua subia cada vez mais, obrigando-os a trepar em arvores, aguardando o fim do diluvio. As esperanças de salvação iam se sumindo á medida que as aguas cresciam, continuando inclementes o temporal e o aguaceiro.

Muitas fêras que haviam sido surpreendidas, boiavam no lago infinito e com elas uma enorme serpente que se aproximou da arvore em que ORTEGA estava encarapitado; enroscando-se num galho começou a subí-lo. Á proporção que o reptil subia, os olhos do religioso se arregalavam de terror na iminencia do perigo. DEUS ajudou ao pobre ORTEGA, fazendo que o galho se quebrasse, desviando o rumo do monstro que nadou para outra arvore.

Dois dias passaram na galhada das arvores, sem que o temporal cedesse. No meio da segunda noite, nadando, veio um indio avisar ao jesuita que seis dos seus companheiros sentiam aproximar-se a hora da morte e desejavam ser batisados e confessados. Iluminado o caminho das arvores, onde se achavam os moribundos, pelo clarão de um relampago, para lá se dirigiu ORTEGA. Logo que terminou de ministrar os sacramentos pedidos, aos incólas, cinco deles caíram mortos no fundo da enchente.

Depois da terrível aventura pôde ORTEGA e seu companheiro voltar para Assunção, informando sobre a docilidade dos autoctones, que habitavam aquele invio recanto.

Os selvagens habitantes da região que estamos focalizando, pediam ao governo de Assunção providencias contra a intervenção de portuguezes e de tupís nos logares onde suas tribus campeavam.

Governava, em Assunção, IRALA, que se apresou em percorrer todo o territorio marginal do Paraná, afim de tomar posse da terra para a corôa de Castela.

Sendo muito bem recebido pelo cacique Guaíra, deu á terra o nome do seu valente chefe.

De regresso, tomou IRALA a decisão de fundar no Paraná um estabelecimento bem no amago do nosso atual Brasil, de modo que as naus que viessem dá Europa pudessem até lá navegar, como já faziam até Assunção.

O escolhido para cumprir a importante missão foi VERGARA. Baixou o Paraguai e remontou o Paraná até as Cachoeiras Grandes (Sete Quédas). Essa cachoeira complicou a missão de VERGARA, que achava a distancia abaixo dos saltos muito curta para fundar ali um estabelecimento. Resolveu varar o obstaculo e esquecendo-se que as naus da mãe patria não podiam fazer o mesmo, foi fundar a futura cidade de Outiveros, a montante dos saltos. Corria o ano de 1554.

Três anos mais tarde, a três leguas mais acima, onde o Pequerí desagua no Paraná, foi fundada a Ciudad Real, sendo Outiveros abandonada.

O avanço dos castelhanos continuava e em 1576, vinte anos mais tarde, RUF DIAS MELGAREJO funda Vila Rica, na confluencia do Corumbataí, no Ivaí.

Os jesuitas se achavam divorciados dos aventureiros hespanhóis, o que era natural por serem diametralmente opostas as aspirações dos dois grupos. Os religiosos desejavam a conquista espiritual, a incorporação do gentio á civilização, a conquista de uma raça com todos os seus predicados, á guisa do que fizera no Japão o sapientissimo S. FRANCISCO XAVIER. Os castelhanos possuíam uma aspiração material, dourada como o ouro e riquezas que cubiçavam.

Em vista de tão diferente modo de pensar, resolveram os jesuitas agir isolados e de Vila Rica rumaram, por terra, até ao Paranapanema, seguindo o curso dêste rio pelos bosques de cédro que ornavam suas margens até á barra do Pirapó. Aí encontraram cêrca de duzentas familias cristianizadas por ORTEGA e FILDS e com elas organizaram um aldeamento, a que se deu depois o nome de Lorêto e que com facilidade prosperou.

Os jesuitas não pararam. Continuaram suas peregrinações num raio de 80 leguas aproximada-

mente, incorporando á redução varias tribus que vagavam pelo sertão.

Tornou-se Lorêto tão populosa que os religiosos se viram obrigados a fundar outra redução que, em homenagem ao patrono da Companhia, recebeu o nome de Santo Inacio. Esta novel redução demorava cêrca de seis milhas da de Lorêto e foi fundada no anno de 1610.

Á medida que a população crescia, novas reduções eram creadas.

Si não houvesse intervenção extranha, os jesuitas incorporariam á civilização aquella raça pura e sem vicios. O regime era o comunista. Todos trabalhavam para o bem comum, para o progresso da redução. Não existiam as ambições pessoais; a doutrina de JESUS imperava, conduzindo para o bem aquella gente bôa.

Conta ANTONIO RODRIGUES MONTOIA que um indio de bôa indole um dia o procurara, pedindo para confessar-se. Atendeu-o imediatamente e ao terminar a confissão, o incola morria em seus braços.

Quando iam em meio os preparativos do enterro do pobre selvagem, êle resuscita e pede para falar com MONTOIA.

Ao jesuita, o incola narra que, assim que sua alma se desprendera do corpo, o satanaz, rindo de contente, agarrou-a dizendo: "Ês minha!". Retorquiu-lhe a alma de que estava pura, por ter se confessado antes de deixar a terra.

O diabo objetou-lhe, porém, que êle iria para o inferno, por se ter esquecido de relatar haver-se embriagado duas vezes.

A alma protestou com veemencia, assinalando que fôra por mero olvido.

Ia a discussão acalorada, quando São Pedro, acompanhado de dois anjos, aparece, pondo o tihoso em fuga.

O santo, chaveiro do paraíso, cobriu-o com seu manto e fendendo os ares, levou-o para um sitio, de onde se avistava uma cidade totalmente iluminada. Estendendo a dextra, o discipulo de JESUS disse:

— Olha a cidade de DEUS, onde com ÊLE moramos, mas o momento de tambem entrares não é vindo ainda. A tua alma cumpre volver ao corpo e passados três dias irás á igreja.

Ditas estas palavras, tudo se escureceu e o indio recuperou sua saúde perfeita.

O aborigene bebeu, comeu, passeou e numa grande róda contou aos seus semelhantes a viagem pelo céu. No terceiro dia fez nova confissão, não se esquecendo dos dois pecados que o diabo anotara e logo após, em plena paz do Senhor, deixava novamente o mundo.

Sendo os jesuitas felizes na invasão para o norte, animados, desenvolveram esforços para o oriente. Foram nas margens do Tibagí, afluente do Parapanema, erigidas as reduções de São Francisco

Xavier, em 1623, São Miguel e São José, em 1624 e Encarnacion, em 1627. Como uma reserva de forças pronta para acudir ás duas direções — norte e léste — foi organizada a fundação de Santa Maria, em 1626, nas proximidades das cataratas do Iguassú.

Depois de ter sofrido umas humilhações por parte dos hespanhóis, o cacique guaraní TAIÁOBÁ tornou-se um inimigo figadal desse povo.

Sem o minimo temor, o valente cacique lutava, impedindo que as relações entre as diferentes reduções se fizessem com normalidade.

MONTOIA veio de Lorêto com o fim exclusivo de conseguir a amizade de TAIÁOBÁ.

As façanhas desse chefe indigena foram tais que o cognominaram de Guazú (Grande) e sua raiva pelos brancos era tão grande, que ao desmamar as criancinhas, o primeiro alimento que lhes dava era... carne do inimigo.

Com alguns indios, internou-se MONTOIA na mata. De repente uma nuvem de flechas caiu sobre o grupo do jesuita, que se pôs em fuga.

“Sete dos seus indios ficaram mortos, o missionario fugiu com o resto e os selvagens, devorando os que tinham caído, mostraram-se pesarosos de não poderem naquela festa provar carne de padre, tendo por taça o craneo do jesuita.” (7)

(7) ROBERT SOUTHEY.

Depois desta escaramuça, começou a influir no animo de TAIAOBÁ a fama da bondade dos missionarios, e para imbuir-se da verdade, mandou dois de seus filhos visitarem a redução de S. Francisco Xavier. Ali foram recebidos por Fr. FRANCISCO DIAS TAÑO, que gentilmente lhes mostrou toda a redução e para bem orientá-los em uma nova visita, mandou o missionario fornecer-lhes roupas e presentes.

Esta visita animou MONTOLA em empreender nova missão junto ao chefe rebelde. TAIAOBÁ, bem informado pelos filhos, recebeu condignamente o jesuita e ofereceu-lhe uma solida aliança de amizade.

Mandou MONTOLA demarcar sobre o rio Guebaí nova redução, que recebeu o nome de Sete Arcanjos, investindo TAIAOBÁ de todas as honras de chefe.

Foram o cacique e seus vinte e oito filhos batizados e todos os incolas de sua tribu convertidos á religião christã.

TAIAOBÁ tornou-se o maior soldado na defêsa dos direitos dos jesuitas.

Algumas tribus não concordaram com a conversão de TAIAOBÁ e resolveram fazer-lhe guerra.

Sabendo MONTOLA que os indios não carregavam flechas de sobresalente, pois se remuniavam com as apanhadas no campo da luta, ordenou aos seus catequistas que não flechassem.

A horda agressora chegou com impeto, desfechando suas flechas, sem que os defensores respon-

dessem. No fim de pouco tempo os assaltantes foram obrigados a bater em retirada, por falta de... munição.

No retraimento deixaram os inimigos um enorme vaso cheio de um ensopado de milho com carne.

Trouxeram o unico troféu da facil vitoria e, pensando que fosse de caça, o sacerdote comeu a carne.

No fundo do vaso encontraram uma cabeça e mãos humanas, que o jesuita reconheceu como sendo do seu sacristão, que caíra prisioneiro dias antes.

Vimos, assim, como os jesuitas conseguiram dilatar os limites das suas terras para o nascente, até o Tibagí e para o norte, até o Paranapanema, progredindo depois pelo sul de Mato Grosso, até ás cabeceiras do Pardo, onde fundaram a redução de Itatines.

O Estado teocratico atingiu depois da fundação desta ultima redução, o seu verdadeiro apogeu.

Fundação de S. Paulo. MANOEL PRETO. Viagem de Don LUIZ CÉSPEDES através do Brasil. ANTONIO RAPÔSO TAVARES. Destruição das reduções do Tibagí. MANSILLA e MACÊTA, heróis do cumprimento do dever. Encomiendas — Destruição de S. Inacio e Lorêto. Ocupação de Ciudad Real e Vila Rica. Raias livres.

JOÃO RAMALHO casou-se com uma filha de TIBIRIÇÁ, um dos chefes dos Goianazes e residia nos campos de Piratininga. Utilizando-se de sua intelligencia, manobrava a amizade dos selvicolas em proveito proprio.

Conseguiu RAMALHO, de TOMÉ DE SOUZA, a autorização de fundar, onde habitava, uma vila com todos os privilegios inherentes, a qual chamarse-ia Vila de Santo André, sendo êle, RAMALHO, o alcaide-mór.

Os campos de que falamos receberam a denominação de Piratininga, em virtude de serem regados pelo rio do mesmo nome que desagua no Tietê,

e que depois das cheias deixava cozinhando ao sol grande quantidade de peixes daquele nome.

O padre MANUEL DA NOBREGA, que acompanhara TOMÉ DE SOUZA, primeiro Governador Geral do Brasil, resolveu transferir de São Vicente para Piratininga o collegio de jesuitas e para isso escolheu uma elevação entre os arroios Tamanduateí e Anhangabahú, a três leguas de Santo André. Calhando ser a primeira missa celebrada no dia em que se comemorava a conversão de São Paulo, recebeu o local o nome do santo.

A contragosto de RAMALHO, NOBREGA conseguiu de MEM DE SÁ, terceiro Governador Geral do Brasil, a transferencia do pelourinho para São Paulo, sob o pretexto de que Santo André, situada na extremidade do campo, estava exposta ás invasões que se infiltrassem pela mata proxima.

Foi assim que surgiu a formidavel capital dos bandeirantes, talhada a servir de berço a gigantes pela valentia, pela energia, pela cultura e pelo direito.

De São Paulo irradiou para todo o Brasil a energia de seus filhos, como de uma antena promanam as ondas hertezianas. Qualquer que seja a direção, em territorio brasileiro, se encontrarão as pégadas dos bandeirantes, que com valentia souberam dilatar os horizontes fronteiriços da patria.

O povo de São Paulo nunca deixou de ser bandeirante. Ontem êle sobraçava a bandeira da conquista, hoje êle carrega a bandeira do direito.

Pelo idéal humano, os paulistas são tão grandes como o terreno que galhardamente conquistaram.

Os indios litorâneos ou se achavam escravizados ou fugiam para o seio da selva.

A guerra com os holandezes impedia que o elemento negro viesse da Africa; os engenhos se multiplicaram; pelo máu trato os indios morriam facilmente e os braços para a labuta iam se extinguindo.

Urgia uma providencia. Foi adotada a do menor esforço: a caça do indio.

Essa necessidade com duas outras nortearam as bandeiras: indios, pedras e ouro.

Já em 1628 MANUEL PRETO, á frente de uma bandeira, atacava Encarnacion, no Tibagí. Achando-se MONTOIA E TAIAOBÁ com força, obrigaram-no a tomar outro rumo.

Afim de evitar atritos com os incolas, a côrte de Hespanha tornára o caminho do Paraguai obrigatorio por Buenos-Aires, evitando fazer a viagem por terra, através do Brasil.

Don LUIZ CÉSPEDES, nomeado Governador do Paraguai, conseguira licença para fazer a travessia proibida.

Ao chegar em São Paulo deparou com a organização de uma bandeira forte de 900 paulistas e 2.000 tupís que, sob a direção ferrea de ANTONIO RAPOSO TAVARES, marcharia para expulsar os jesuitas de terras portuguesas.

Seguiu CÉSPEDES até Lorêto, onde contou o que acabava de presenciar. Os sacerdotes supplicaram cedesse o Governador parte de sua tropa. Don LUIZ negou-as, sob o pretexto de que, viajando, precisava da força para sua defêsa.

Não desejavam os bandeirantes executar o ataque sem um motivo. Começaram a caçar os indios nas proximidades das reduções, sem contudo enfrentá-las até que a causa da agressão apparecesse.

Um dia SIMÃO ALVARES caçou o cacique TOTAURANA, que em viagem logrou fugir.

ALVARES entrou em entendimento com o jesuita MOLA, diretor da redução, exigindo a entrega do prisioneiro.

O sacerdote altivamente respondeu-lhe que não podia entregar á escravidão um homem que nascera livre. Incontinentemente, SIMÃO comunicou a nova a RAPOSO, que de ha muito a aguardava.

MOLA nada mais podendo fazer, resolveu baptizar todos os catecumenos e tão cansado ficou, que por ultimo não podia mais levantar o braço. Enquanto isto, a tropa de RAPOSO marchava com vontade para a luta.

Não houve tomada de contacto, porque o assalto já de longe vinha preparado. Tudo destruído; quem resistiu foi morto e a caçada rendeu 2.500 escravos.

Apesar dos jesuitas saírem de cruz alçada ao encontro dos paulistas, nada respeitaram, destruindo mais três reduções.

Tangidos como gado, debaixo do látigo de couro crú que cortava como faca, vinham os pobres selvagens, sofrendo como JESUS, no aclive do Calvario.

O sofrimento desses índios e a valentia dos bandeirantes eram o incenso que se queimava no altar da Patria em formação.

Atraz, consolando os moribundos, marchavam com o coração sangrando os padres MANSILLA e MACÊTA.

“Nada turbava aquelas fontes calmas,
 Nada curvava aquelas grandes almas
 Voltadas pra amplidão...
 No entanto êles só tinham na jornada
 Por couraça — a sotaina esfarrapada...
 E uma cruz — por bordão”. (8)

Após nove meses de lutas a expedição chega a São Paulo, deixando no caminho mil cadáveres.

Os jesuitas apresentaram-se ao Governador, pedindo a liberdade dos seus neofitos. Apesar de haver vontade da autoridade, falecia-lhe contudo força.

(8) CASTRO ALVES — “Espumas flutuantes”.

Uma duvida enraizou-se no cerebro dos aborigenes: os jesuitas os aldêaram para mais facilmente serem seguros pelos paulistas.

Como um incendio, esta idéia lavrou nos corações dos selvagens uma châma de odio contra os religiosos.

Por felicidade MACÊTA conseguira dos vencedores que fossem postos em liberdade o cacique GUIRAVERA, sua mulher e mais seis pessôas.

Até nos corações dos selvagens se abriga um sentimento que se châma gratidão. E êsse sentimento salvou os religiosos da furia dos incolas. MONTOIA pedia, com urgencia, que Don LUIZ CÉSPEDES mandasse socorros. Don LUIZ não era amigo dos sacerdotes e quiçá gozando intimamente a desgraça alheia, fazia ouvidos de mercador.

Nos estabelecimentos de Vila Rica e Ciudad Real havia soldados que sob as ordens de seus chefes trabalhavam independentemente dos jesuitas, sob o regime das "encomiendas".

"Um jurista del siglo XVII define asi esta institucion:

"Es un derecho concedido por merced real a los benemeritos de las Indias, para percibir y cobrar para si, los tributos de los indios que se encomendaren para su vida y de un here-

dero, conforme a la ley de sucession, con cargo de cuidar del bien de los indios en lo espiritual y temporal, y de habitar y defender las provincias que fueron conquistadas." (9)

Fizeram os paulistas nova invasão, sendo uma redução destruída e outra evacuada.

Devido ao antagonismo de vistas em encarar a questão, os fugitivos das reduções eram caçados pelos hespanhóis. Dilema de ferro: escravo de portugueses ou de hespanhóis.

Os "encomenderos" não perdiam vasa para aumentar as suas posses.

Resolveu, então, Fr. FRANCISCO TAÑO ir a Assunção reclamar em nome de El-Rei um socorro em favor de Guaíra. Don LUIZ CÉSPEDES tratou-o com desprezo, pois desejava que o sistema dos jesuitas fosse substituído pelo das "encomiendas", que dava mais lucro, ao mesmo tempo que o caldeamento das raças ia sendo feito, juntando-se os soldados a quantas mulheres desejassem.

Não havia fugir, os dias das reduções estavam contados.

Da primeira investida, os jesuitas rumaram do Tibagi para Santo Angelo e São Tomé, no Corumbataí (1628).

(9) RICARDO LAVENE — "Historia Argentina".

Depois da batida de RAPOSO, em 1630, os jesuitas resolveram abandonar Guaíra, atravessando o Paraná.

As duas reduções mais antigas, Lorêto e S. Inácio, que contavam a primeira 800 famílias e a segunda 900, ainda existiam.

As igrejas eram maiores que as de Assunção e as alfaias mais ricas.

Os conversos possuíam enormes plantações, onde cultivavam o algodão com que faziam seus vestidos, além do milho e da mandioca com que se alimentavam.

Os rebanhos de gado também haviam prosperado com rara felicidade.

Os paulistas chegaram lá e os que não fugiram rio abaixo, caíram em poder dos bandeirantes, que levaram as suas conquistas até Itatins, em 1632, expulsando os jesuitas de toda zona ocupada no atual território do Brasil.

Os paulistas tinham um fito e êste não era certamente o de hostilizar os jesuitas e sim vasculhar o nosso território de todo aventureiro intrometido.

Os hespanhóis que deshumanamente assistiram á derrocada de uma obra formidável, haviam agora de experimentar também a vontade de ferro dos bandeirantes.

Em 1631, os paulistas caem com fantastico "elan" sobre os "encomiendas" e destroem totalmente Ciudad Real e Vila Rica.

O gesto chucro dos bandeirantes dilatou as nossas fronteiras, matando de umà vez por todas as tentativas de invasão do nosso territorio.

Assunção, que servia de ligação entre as conquistas andinas e platinas, estacionou, ao mesmo tempo que Buenos-Aires florescia rapidamente.

XI

Viagem de NESTOR BORBA aos saltos das Sete Quédas. Vestígios dos antigos colonizadores. Organização da Empresa Mate Laranjeira. Desvio da importação da herva do Paraguai para o Paraná

Depois que os hespanhóis foram expulsos pelos bandeirantes, toda aquela privilegiada região se fez deserta.

Os tesouros de maravilhas naturais ficaram guardados pelas chaves da Natureza por mais de dois seculos, até que NESTOR BORBA, em 1876, pronunciasse para o mundo o celebre "abre-te Sésamo", na porta do tesouro fechado pelos paulistas em 1632.

No dia 1.º de Janeiro do ano citado, partiu NESTOR BORBA de Jataí, situada á margem do rio Tibagí. Baixou o Tibagí, para no dia 3 entrar no Paranapanema e a 10 no Paraná.

Desceu o Paraná pela margem direita, chegando a 16, ás 8 horas, nas proximidades dos gigantescos

saltos. Deu-lhes o nome de Sete Quédas porque, de longe, êle avistara sete colunas de neblina.

Como seja interessante, vou transcrever um trecho do diario do intrepido capitão.

“No dia 14 continuamos a navegar por esta costa que tem enseadas lindissimas; em uma delas, desagua o Itaquaraí (agua de pedra redonda). Logo que cheguei ao Itaquaraí, onde pretendia almoçar, entrei no mato levando minha espingarda para caçar mutuns, que havia com abundancia; a poucos passos encontrei as ruinas de uma povoação; conhecem-se estas pelos montes de terra regularmente alinhados, que com dificuldade se vêem; porque nos lugares onde foram povoações, a floresta é espessa, como em outra qualquer parte; em nenhuma das ruinas encontradas nas costas do Paraná e de seus afluentes que faziam parte da Provincia de Guaíra, se vê ainda vestigio algum de construção de pedra e cal; seus edificios ou eram de pau a pique barreado ou de taipa.”

A povoação visitada por NESTOR BORBA foi Outiveros ou Ciudad Real, porque não tive elementos para identificar o tal rio Itaquaraí.

Na confluencia do Piquerí nada foi encontrado que prove haver existido ali uma “cidade”.

Seis quilometros acima da atual Guaíra vi uma arvore exotica na região: — o imbú. A presença

desta arvore levou-me a concluir que de fato ali existiria outróra o civilisado.

Numa segunda viagem que fiz á região, encontrei uma turma de trabalhadores cavando o leito do prolongamento da estrada de ferro Guaíra-Porto Mendes.

A curiosidade aguçou o meu espirito indagador e fui feliz. Contou-me o Snr. OTO ROHDE, gerente de Guaíra, que havia encontrado vestigios e com um cuidado religioso êle guardava um prumo achado. A minha previsão estava certa.

Alguns mapas assinalam a povoação de Outiveiros na foz do Taquarí ou São Francisco, abaixo das Sete Quédas, o que me parece um absurdo.

Emfim, tudo é caótico e cada vez que nos aprofundamos na questão, mais confusão encontramos.

Antes que o tempo tudo destruísse, não seria convinavel que se estudasse aquela região?

Saber-se-ia como, onde e quando foram edificadas as reduções, de que constaram e qual a mentalidade e numero de seus habitantes.

Enquanto com interesse acompanhamos as escavações no Egito, na Persia e na propria Italia, nos contentamos apenas com ligeiras reminiscencias do nosso passado, não nos preocupando com êste legado de honra deixado por nossos avós.

Depois da guerra de 1870 o senhor LARAN-GEIRA, que era fornecedor das tropas aliadas, encontrou no sul de Mato-Grosso grande quantidade

de “yerba”, que os guaraníes chamam de “caa”. Propôs mais tarde ao sr. FRANCISCO MENDES, capitalista estabelecido em Buenos Aires, para, juntos, explorarem os herbais encontrados.

A empreza foi bem sucedida e o Brasil muito lucrou com o impulso que ela deu ao progresso da região do sul de Mato-Grosso e oeste do Paraná.

Vejam os que diz o General MALAN d'ANGROGNE, em seu opusculo “A região sul de Mato-Grosso”:

“A outra linha de travessia do pantanal fronteira Porto Murtinho. Foi construída pela Empreza Mate Larangeira, lançando em 1906 um Decauville entre essa povoação e S. Roque (22 kms.), afim de assegurar a saída da herva proveniente do municipio de Ponta Porã: o mate acondicionado em sacos (bolsas) era transportado em carretas por trajectos ultrapassando 60 léguas, mas os veículos primitivos não podiam vencer o trecho alagadiço onde, mesmo na sêca, permanecem corixas, valas, atoleiros, no terreno inconsistente, formando, embora diminuto o transito, sumidouros e atoleiros de perigosa travessia.”

“Era pelo Porto Murtinho que se fazia toda a exportação da Mate Larangeira; e a Companhia assegurava, em seu proveito direto, a conservação da longa estrada carreteira que de Patrimonio Caiuás, rumava Cabeceira do Apa, pelo

divisor Dourados, S. Maria, descia a serra da Limeira e, buscando o apartador das aguas do Apa e do Miranda, cruzava por Margarida — forte estancia da Empreza — e se destinava á ferrovia S. Roque-Porto Murtinho.”

“Mais tarde, em 1915, um homem de raro arrôjo e de empreendimento invulgar, o Presidente da Empreza, FRANCISCO MENDES, conseguia encaminhar pela bacia do Paraná a maior soma da produção hervateira: aproveitava habilmente o curso, ao sabor da corrente, dos rios Amambá e Iguatemi, para transportá-la até Guaíra — o extremo sul navegavel do Alto Paraná superior. Por um Decauville de 60 km., levava-a a Porto Mendes; aí por um plano inclinado de mais de 60 metros de diferença de nivel, embarcam as bolsas em navios argentinos, destino a Buenos Aires, via Posadas.”

A empreza inaugurou em 1930 esplendida estrada de automovel, ligando Campanario ás barrancas do Rio Paraná, onde se acha Porto Don Carlos. Daí, o maximo que se gasta para atingir Guaíra, em lancha, são três horas.

XII

O hotel. Conversa "après diner". Costumes guaiárenses. A herva-mate. Um esculapio entendido em mineralogia. A instrução no sertão paranaense. O Itararé e sua lenda indígena. Um escossês que tinha medo de baratas.

O hotel destinado aos visitantes em Guaíra é a coisa mais bem acabada que se possa desejar naquela longitude.

Água encanada nos quartos, banheiro completo, vastissimo salão-refeitorio, lindo jardim de inverno e agradável varanda, onde, á noite, os excursionistas animadamente palestram.

Conversando com um funcionario federal que se achava em Guaíra, soube de muitas informações.

Disse-me êle que aquele recanto seria um seio de Abraão, si a população não fosse tão heterogenea. Havia os paraguaiois que possuíam costumes quasi antagonicos aos nossos; os argentinos que usavam modos de viver diferentes dos brasileiros e dos paraguaiois e finalmente sisudos ingleses que se isola-

vam completamente dos restantes, quiçá julgando-os uma ignara massa.

A melodiosa lingua portuguesa ha muitos dias não era ouvida, ao passo que o guaraní e o castelhano feriam o seu timpano durante todos os instantes, como si em extranha terra estivesse.

Sentia a nostalgia da sua patria dentro da propria patria; ancioso estava para abandonar todas aquelas belezas em busca de um recanto mais brasileiro.

Todas as transações pecuniarias eram feitas em pêsos argentinos ou paraguaios, sendo quasi desconhecido o nosso dinheiro, que ali é vasqueiro. A propria Empresa realizava seus pagamentos em moeda estrangeira, o que constitue, si veridica fôr a noticia, franca arbitrariedade, que deve ser combatida.

Os comandantes não arvoravam o nosso lindo pendão nos mastros de seus navios, quando nos nossos portos tocavam, agindo como si em suas aguas estivessem.

Todos esses fatos revoltaram o meu coração de patriota e cheguei a desejar mal áquela linda terra, que só no mapa é brasileira. E' mistér abrasillear aquele rincão, fazendo com que a nossa lingua seja falada obrigatoriamente, os nossos costumes introduzidos e a moeda nacional, circulando de mão em mão, substitua a estrangeira.

A nossa roda de conversa aumenta, e sobre a riqueza da terra descamba o nosso assunto.

Fiquei sabendo que a bolsa de Buenos Aires cóta melhor a "yerba" de Mato Grosso e Paraguai, depois a do Paraná e por ultimo a missioneira, por ser a mais pobre em mateina.

A Argentina é o nosso principal consumidor de mate.

Alguns hervateiros, desejando dar um tombo no nosso mercado de herva-mate, resolveram fazer uma metodica plantação no Territorio de Misiones, tentando repetir o golpe que os ingleses utilizaram para porfirizar a nossa exportação de borracha.

Porém o "ilex" foi mais nosso camarada que a "hevéa". Esta facilmente se aclimatou no Ceilão e nas Indias Neerlandesas, ao passo que aquele, fóra do seu "habitat", degenerou, tornando-se pobre de substancias de poupança.

Enquanto em Misiones, apesar do cuidado, a "yerba" desalenta o hervateiro, aqui, no sertão paranaense, o mate é nativo e viceja lindamente ao lado do pinheiro, no planalto e nas vertentes das elevações.

O hervateiro não precisa ter preocupação alguma com o herval, somente respeitar as pódas que devem ser feitas de três em três anos. Aparecem dia a dia novos hervais: após uma queimada, o mato que brota no chão prodigioso, juntamente com a samambaia, a chapuma e a urtiga, é... a herva mate!

Os hervais são podados em Abril e Maio, em seguida os ramos levados para o "barbaquá", onde

são sêcos e depois triturados em cilindros, peneirados e depositados em sacos de aniagem.

Análises químicas demonstraram que, em igualdade de pêsos, o mate contém tanta teína quanto o chá da Índia e o dobro da contida no café.

O preço de uma arrôba oscila de cinco a quinze mil réis, dando um excelente lucro.

Da agradável conversa ficou-me gravada na memória haver um medico baiano, que lá estava, afirmando existir mercurio nas barrancas do Iguassú.

Apesar de serem pequenas as possibilidades de um esculapio no terreno da mineralogia, resolvi depois da palestra verificar a veracidade da afirmação.

Conta SEBASTIÃO PARANÁ, em seu util livro "Corografia do Paraná", que uma mulher lavando roupa num correjo denominado dos Castelhanos, afluente da margem direita do Iguassú, encontrou nas rugas da roupa grande porção de azougue. Encheu um frasquinho com o metal liquido e ofereceu-o ao Imperador D. Pedro II, quando da sua visita em 1880 á Provincia do Paraná.

Cinco anos mais tarde os engenheiros FRANCISCO e JOSÉ KELLER fizeram a exploração da mina, chegando a resultados positivos.

O Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, no dever de desvendar as riquezas do nosso sub-sólo, mandou em 1902 os Drs. F. DE PAULA OLIVEIRA

e EUGENIO ELMO fazerem um exame rigoroso da região estudada pelos irmãos KELLER.

Apesar das investigações serem negativas, o Dr. ELMO encontrou alguns grãos de um mineral que depois de analisado revelou sulfureto de mercúrio-cinabrio.

Em 1908, o Dr. EUZEBIO DE OLIVEIRA visitou o mesmo local e declarou que o cinabrio ou o mercúrio devem provir da destruição da jazida, de terreno metamórfico, sendo inútil toda pesquisa na região com intuito de encontrar jazida de mercúrio com valor comercial.

Afinal, deu em água de barrêla a informação do esculapio e o achado da lavadeira...

Um dos pontos da paróla animada "après diner" foi a instrução do sertão paranaense.

Em muito poucos Estados da confederação brasileira há tantas escolas disseminadas pelo sertão, como no Paraná. Pudemos dizer que de 30 em 30 quilômetros, ao longo das estradas, encontra-se uma escola pública funcionando, admiravelmente aparelhada; excelentes carteiras, grande número de livros e de material escolar.

Apesar disso, o coeficiente de analfabetos é enorme, primeiro porque poucos são os adultos que fóra da cidade sabem lêr e, em segundo lugar, porque quasi todos os professores que regem as aulas das escolas não estão á altura da função de que foram investidos.

Si os professores que dirigem essas escolas, que em tão grande numero estão espalhadas pelo oéste paranaense, fossem competentes e trabalhadores, num futuro muito proximo, teriamos ali uma nova mentalidade, que muito contribuiria para a formação do Brasil novo, que deve ser tão grande pela cultura do seu pôvo, como o é pela vastidão de seu territorio.

A nossa conversa foi prolongada e, estando-se no Paraná, o celebre rio Itararé tem que vir á balha.

O Itararé é o tipo do rio revolucionario. Nasce na serra Parapiacaba, nas proximidades do mar, e corre para o coração do continente, confundindo suas aguas com as do Paranápanema.

O seu curso é singularissimo. Muitas vezes as suas aguas, como verdadeiros hercules, lutaram contra as serras e, como não nas puderam transpôr, furaram-nas, vencendo-as molécula por molécula. O seu leito se apresenta ora correndo em profundissimos grotões, ora alargando-se em alvissimas praias, quando não desaparece de subito, percorrendo um tunnel, para cair mais adiante, dum altissimo despenhadeiro.

Quem de longe procura o Itararé não distingue o seu leito. Nota, no panorama que descortina, somente uma tenuissima fimbria que representa o seu curso acidentado e interessante. O nome Itararé significa pedra em que ruge a agua.

A respeito dêste rio, conta OSCAR GUANABARINO uma lenda, que aqui procuraremos sintetizar, embora sob o risco de a desmerecer.

No tempo em que as bandeiras se embrenhavam no seio da floresta, em busca do ouro, entravam constantemente em luta com os incolas, donos da terra, que vendiam caro a pósse dos seus págos. Num dêesses encontros, ás margens do Itararé, caíu prisioneira uma formosa caboclinha de nome JAÍRA, que era o encanto da tribu.

O Conselho dos pagés se reuniu. Seria impossível, numa luta peito a peito, vencer os guerreiros brancos que invadiam a floresta. Resolveram, então, usar dum ardil. Um cabôclo partiria com um filtro; apresentar-se-ia na hoste civilizada, como um desertor da tribu, oferecendo os seus serviços. Entregaria o filtro a JAÍRA e, com o poder dele, o chefe dos brancos ficaria caíldinho de paixão por ela, do que JAÍRA se aproveitaria para conduzir sua tribu contra os bandeirantes, em ocasião propicia.

O amôr, porém, é arma de dois gumes, com a qual não se deve brincar. E... JAÍRA apaixonou-se também pelo guerreiro branco, ficando prêsa a êle pela flecha de Cupido. Êsse gurí travesso estragou completamente o plano dos pagés.

O incola que trouxera a miraculosa beberagem resolveu fugir para sua taba, crente na deslealdade de JAÍRA.

Era, porém, o guerreiro branco casado e aos ouvidos de sua esposa chegaram os rumores das cenas de amôr, representadas por seu marido e a linda bugrezinha. Resolveu partir para o Itararé. Assim que ela chega, a indiazinha fôge, convidando o seu bem amado para gozar uma vida mais feliz na imensidão da mata.

O civilizado hesita em atendê-la. JAÍRA, no auge do desespero, precipita-se nas aguas do Itararé e morre com o seu amôr. O branco procura-a por toda parte e termina tambem afogando-se nas aguas do rio.

Nesse momento uma tempestade se desencadeou. Choveram, como granizo, raios. A terra tremeu, abriu-se e tragou o rio que, daí em diante, começou a correr subterraneamente.

Diz a lenda que quem, de noite, descer a uma das grutas do Itararé, verá a linda moreninha, sentada, completamente núa, com uma corôa de flôres de maracujá á cabeça, tendo ao côlo, recebendo mil caricias, o seu adorado bandeirante.

A tendencia revolucionaria do rio que terá de trabalhar varios séculos para adscrever-se aos pontos do seu perfil longitudinal de equilibrio, parece possuir uma certa atração pelos movimentos revolucionarios.

Esta querencia encaminhou para as barrancas do Itararé a revolução federalista, a marcha liber-

tadora de 1930 e o movimento constitucionalista de 1932.

Que êsse íman existente no Itararé, perca a propriedade de atraír movimentos revolucionarios, são os votos do Brasil.

Em silencio, ouvia, um escossês, a nossa conversa animada e variada. Parecia que estava zangado, porque em Guaira havia "lêi sêca"...

Uma baratinha apressada correu pelo ladrilho. O britânico deu um pulo, gritando: — "cucuracha"... "cu... cu... racha..." — com os olhos esbugalhados.

Deram um "chute" no bichinho e o escossês acalmou-se.

Perguntei-lhe, então, porque chamara a barata em castelhano e êle respondeu-me:

— Min terra no tem cucuracha, bicha sováge. Esse ilhéu era capaz de matar um tigre...

XIII

Itinerarios que irradiam de Guáira. A extração da madeira. Fumo forte. A caça de um veado pelo magnetismo. Miséria e imundície. Vinho de morango bravo. M'Bôpicuá — Ruínas de Santa Cruz. Índios desconfiados. Vigília. Uma quasi tragedia. Nas barrancas do Piquerí. Consultando EDMUNDO MERCER.

Para o regresso se podiam escolher varios caminhos:

- 1.º — Tomar um navio argentino e descer em rumo de Posadas, Buenos-Aires, fazendo o trajeto dos colonizadores hespanhóis.
- 2.º — Embarcar em navio para Porto Epitacio, onde se acha a ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana.
- 3.º — Subir embarcado até Porto Don Carlos, atravessar o sul de Mato-Grosso, de automovel, até Porto Murtinho e baixar o historico Paraguai.

- 4.º — Seguir por terra, de automovel — passando por Lope-y, Catanduvás e Guarapuava.

Sendo o meu fito estudar o oeste paranaense, escolhi um quinto itinerario: Porto Artaza — Santa Cruz — Piquerí — Campo Mourão — Pitanga — Guarapuava.

Segui, de caminhão, por uma estrada regular que de Porto Artaza parte para leste. Topámos logo com os caminhões da Companhia de Madeiras do Alto Paraná, que já iam buscar as vigas de cedro a 32 kms. de distancia.

O processo de extração da madeira é interessante e consta das seguintes operações:

- 1.ª) a descoberta;
- 2.ª) abertura da picada méstra;
- 3.ª) abertura de ramais para as arvores;
- 4.ª) “derruba” e falquejamento da viga;
- 5.ª) transporte até a picada méstra;
- 6.ª) condução ao porto.

PRIMEIRA:

Para a descoberta das arvores, homens habéis se internam na mata, fazendo um pique, ligando as diferentes arvores que servem para o córte; depois de se internarem uma legua mais ou menos, voltam e marcam, numa estaca fincada na bôca do pique, o numero de madeiras encontradas.

SEGUNDA E TERCEIRA:

Numa direção media é traçada a picada méstra ou “maestra”, como chamam, com três metros de largura. Dela partem diferentes ramificações para as arvores que devem ser abatidas.

QUARTA:

A madeira é cortada e lavrada a machado, por homens habéis, aproveitando todo o comprimento da arvore, apesar das curvas.

QUINTA E SEXTA:

Para o transporte da viga, empregam os carros de “alzaprimas”, com suas enormes rodas, que conduzem até ao ponto em que se faz o baldeamento para os auto-caminhões que, céleres, demandam em busca da “prancheada”.

Atravessámos os arrôios Paragem Porã, Curvado, Mastrille Cuê e Quatro Pontes.

No momento em que transpunhamos o Arróio Guassú, resolvi interromper a viagem.

Neste arróio ha um deposito de herva-mate e algumas casas de “mensus”.

Fiz a parada para conversar com os habitantes.

Num lindo cercado, lobriguei uma luxuosa plantação de fumo com folhas espessas, bem verdes e felpudas.

Manifestei o meu prazer em ver fumo tão bonito.

O paraguaio gentil, incontinenti ofereceu-me um charutinho feito com o fumo de seu roçado.

Achei a principio o gosto bom, mas depois parecia que a minha cabeça rolava mais que as aguas de Guaíra. Só havia uma solução: enfurnar para não cair vencido por um simples charutinho.

No dia seguinte, ao acórdar, quasi desmaio. Na minha frente a "muchacha" do paraguaio, com certeza zombando de mim, fumegava um charuto que mais parecia uma acha de lenha acêsa.

Tratei de continuar a viagem, antes que o paraguaio me oferecesse outro charuto...

Vadeámos os arrôios Boi Caê e Paragem-y. Neste ultimo arrôio matámos um veado de uma maneira incrível: ia o nosso caminhão em movimento, quando na mata notámos o lindo e altivo ruminante.

Mandei parar o auto; um caboclo pulou e com um vasto H. O. enfrentou o veado que esperava prêso ao terreno, como se fôsse uma rã atraída pelo olhar duma cobra. O caboclo mira e faz fôgo quatro vezes, para no fim apanhar o veloz animal, que caíra abatido por suas balas.

Causou estranheza não ter o veado fugido incontinenti.

Animado com a facil caçada, felicitei o caçador magnetico, indagando o seu nome.

Respondeu-me:

— Adão, sim senhor.

Concluí: o bicho com certeza pensou que estava no paraíso.

Sobre uma ponte que abarca o arrôio Ponte Grande, passámos, para deixar á direita um casobre com o nome de Memoria, onde um arrôio tem cabeceira.

A miseria e a imundicie ali chegaram ao auge. O alimento quasi que não existe, sendo o pinhão um consôlo para aquella pobre gente. O berne e o bicho de pé atacaram aquele pôvo, deformando-lhes os pés e as mãos.

Andrajosos, tiritam de frio, procurando aquecimento numa fogueira que arde dia e noite.

Transpusemos o arrôio do Relógio, vencemos duas chapadas, para chegar num arrôio limpido, onde em abundancia medrava o morango do mato. Descemos e chegámos a colher um chapéu de frutos, que são dulcissimos e agradaveis.

Com esses morangos fizemos um vinho excelente, adicionando açúcar e agua. Tomei o vinho com um certo receio, porque sei que do gravatá agreste tambem se faz uma bebida agradável, que no fim deixa a bôca de quem a bebe completamente cortada e uma ardencia incomodativa na garganta.

O nosso vinho era inofensivo.

Subimos depois fórte rampa, que nos levou á longa chapada, na extremidade da qual se achavam dois depositos de “yerba”, denominados M’Bôpi-cuá.

“M’Bôpi”, em guaraní, significa morcêgo e “cuá” — buraco.

M’Bôpi-cuá — casa ou buraco de morcêgo.

No rio do mesmo nome que corta a estrada, construíram uma ponte em dois lances, aproveitando como suporte uma ilha de natureza aluvionica.

Lógo depois, numa elevação, avistámos as ruínas da Central Santa Cruz.

Lindos predios de madeira e depositos de herva estão caíndo. Parece que foram abalados por fórte tormenta, soprada do sul, pois estão completamente adernados para o quadrante oposto.

Foi logo depois da tempestade creada uma lenda. Rezam os moradores das redondezas que logo após sua morte, SANTA CRUZ apareceu no logar na ocasião do temporal e com um regimento de diabinhos quebrou tudo, para que ninguem se aproveitasse do que era seu.

A lenda creou vulto e hoje os viajantes preferem dormir ao relento, a pernoitar na casa mal assombrada.

O monstro, que mandava naquele recanto a seu talante, infundia, mesmo depois de morto, pavôr aos humildes “mensus”, que alí ficaram prêsos á terra onde sofreram. . .

De Santa Cruz saíam: uma estrada para Central-y, outra para Centenario, ambas fechadas pela mata e uma estrada para o rio Piquerí, tambem com-

pletamente atravancadas por páus que cafram durante as tempestades.

Um pouco afastados do ar maligno do barracão do SANTA CRUZ, fizemos o nosso pouso.

O marcador do nosso caminhão acusava um percurso de 117 kms.

Organizei uma turma para seguir pela estrada que, com rumo nordeste, passa o Piquerí e vai aos famosos Campos Mourão.

Consegui dois animais: um de sela e outro cargueiro e em companhia de dois crioulos reforçados, o RAMIRO, e o ADÃO, parti.

Logo na bôca da estrada, encontrámos uma ponte de 85 metros de vão e 12 de altura, que infelizmente foi destruída durante a revolução de 1925. Com mil peripecias, conseguimos passar por baixo dela.

Depois de uma marcha de uma hora, chegámos a dois toldos de índios guaranís. Infelizmente não pude entrar em entendimento com êles.

Mal chegavamos ás malocas, fugiam para a mata, abandonando tudo que estavam fazendo. Visitei assim mesmo as palhoças onde viviam, deixando alguns presentes para mostrar-lhes as minhas boas intenções.

Num côcho se achava a "quiréra" de milho, que ainda não fôra totalmente socada; dependurados numa tripeça, mólhos de herva-mate sapecados pelo fôgo e num canto do toldo raizes de aipim...

A fuga fôra precipitada, pois encontrei uma ca-
baça com chimarrão ainda quente. A bomba é subs-
tituída por um carriço.

Disse-me o RAMIRO que os índios sofreram
muito com a revolução e por isso agora de tudo
temem.

Possuem alguma plantação de milho, mandioca
e banana.

Debalde chamámos os selvicolas fugitivos que,
com certeza, da mata ocultamente nos espreitavam.

Prossequimos nossa róta atravez de pessimo ca-
minho. Depois da revolução de 1925 o Snr. ALICA
deixou de extrair o mate nos lados de Piquerí e Mou-
rão. Com as tormentas que ali são muito frequen-
tes, enormes troncos caíram, obstruindo totalmente
a estrada.

Às vezes tínhamos que passar sob tuneis aber-
tos a facção, no taquaral que se debruçara sobre o
caminho.

Eram dezesseis horas, quando acampámos para
fazer a nossa primeira refeição e passar a noite.

A noite foi de vigilia, pois com receio, aliás sem
fundamento, dos incolas, não nos entregamos a Mor-
feu, despreocupadamente.

Continuámos a nossa viagem com a mesma di-
ficuldade, ora derrubando um taquaral aqui, ora con-
tornando um gigantesco tronco acolá.

A não ser o trabalho estafante, tudo correu
bem e, quando fizemos o nosso pouso, a fadiga nos
permitiu dormir.

Armámos uma fogueira e ao lado dela estiquei o meu pelêgo, fazendo da séla o travesseiro, cobrindo-me com a capa “oriental”.

Fiz as primeiras horas de alcatéa, ordenando que os guias dormissem. Findo meu tempo de ronda, acordei o RAMIRO, que roncava mais alto do que uma onça.

Apesar do sono solto, ao ser acórdado, o moleque deu um salto, indagando:

— Indio?

O RAMIRO, pitando um cigarro ordinario, sondou os arredores e logo voltou para a beira do fôgo, onde dormiu novamente, deixando-nos inteiramente entregues á vontade do Destino.

Ao amanhecer censurei acremente o procedimento do meu empregado e êste teve a petulancia de retirar da capa o seu facão. Instintivamente saquei o “Colt”, quando o ADÃO tomou o meu partido.

O ADÃO é um creoulo espadaúdo, fôrte, de olhar sereno, que infunde respeito

Guardei meu revolver, ordenando energicamente ao RAMIRO que embainhasse o facão, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Somos dois contra você e a luta agora é a páu!

O insolente e máu companheiro resolveu desculpar-se, pelo que decidi continuar a marcha para frente.

Durante a jornada, êle não sabia como me agradar, tornando-se um auxiliar prestimoso.

Depois de umas três horas de marcha encontramos a estrada mais limpa, parecendo-me existir nas proximidades algum toldo de indio, pois o terreno se acha bastante trilhado.

As 15 horas chegámos ás barrancas do Piquerí, que sobre um fundo de pedra desliza, apresentando no local uma largura de cêrca de 110 metros.

Oùtróra aí existira uma balsa, destruída depois da campanha que teve por teatro de operações o rico oêste paranaense.

“A 40 quilometros ao norte de Guarapua-va, onde a Serra deflete num angulo muito agudo, em direção do oêste, nasce a mais de 900 metros de altitude o rio Piquerí, contravertido com as aguas que correm para o vale do Ivaí”.

“Avança aquele rio primeiramente para oêste correndo parelhas com o ramo da “Serra da Pitanga” que, com os diferentes nomes de “Serra de S. João”, do “Serro Verde”, Serra do Juquiá”, “Cavaco”, “Cantagalo”, “Larangeiras”, “Chagú”, etc., se prolonga até o chapadão de “Catanduvras”, dividindo nesse novo curso a bacia do Iguassú da do Piquerí”.

“Depois de receber, pela margem esquerda da fralda septentrional dessa cordilheira — o rio do Cobre e muitos outros afluentes, o Pi-

querí, já engrossado, baixa em rapidos sucessivos e segue a direção geral de N. O. até sua embocadura no Paraná. Aos 10° de longitude mais ou menos e aos 24°25' de latitude sul entra pela margem direita o rio "Cantú", o seu maior tributario".

"As cabeceiras do "Cantú" descem da vertente oriental da "Serra da Pitanga", contravertendo com os rios Marrequinhas e Pitanga, ambos da bacia do Ivaí".

"Aos 900 metros de altitude tem o "Cantú" 25 metros de largura e daí, ora despenhando-se em quédas bruscas, ora em rapidos perigosos, corre, embrenhando-se entre dois altos espigões, até que, aos 390 metros acima do nivel, confunde suas aguas com as do Piquerí, com a largura de 80 metros".

"Da barra do "Cantú" para baixo é o Piquerí já um grande curso fluvial com a largura media de 200 metros".

"Pouco abaixo da foz daquele rio recebe o Piquerí pela mesma margem, outro bellissimo afluente, o "Treis Coiores", assim denominado pelos paraguaios que exploravam herba mate na zona".

"Êste tributario deriva tambem da "Serra da Pitanga" e desce paralelamente ao Cantú. Ao juntar-se com o Piquerí fórma a 300 metros acima da fóz uma catarata de mais de 20

metros de altura, cujos vapores, pela refração da luz, ostentam, a certa hora do dia, as cores do arco-iris. Daí a sua sugestiva denominação castelhana de “Treis Coiores”.

“De Catanduvras para norte, numa altitude de 650 metros para menos, desdobra-se ainda outro vastissimo chapadão, coberto em bôa parte por pinheirais e hervais e que, em leve pendente vai morrer na margem do Paraná, nas Sete Quédas, numa altura de 250 metros acima do mar. Pôde-se avaliar essa chapada em mais de 900.000 hectares”.

“São muitos os afluentes que dela derivam e que vão, pela margem esquerda, engrossar o já caudaloso Piquerí, o qual a 12 kms. para baixo do “Treis Coiores” recebe, na sua margem direita um lindo riacho — o “Goio Erê” (Rio do Campo) que nasce no tabuleiro do Campo Mourão, a 37 kms. a N. O. do povoado dêste nome”.

“A oitocentos metros abaixo da foz do “Goio Erê” perde o Piquerí a majestade de sua largura e o encanto de suas ribanceiras, até então cobertas de uma vegetação vigorosa, para sumir-se em um grande cañon, num verdadeiro “fiord” de 25 metros de largura, de paredões rochosos, e a pique”.

“Ha aí mui justamente apelidado o “Salto dos Apertados”, onde o rio, após uma qué-

da de 10 metros, se expreme por $\frac{1}{2}$ quilometro num canal estreitissimo de 20 metros de largo”.

“Entre os paredões se debatem as aguas céleres, em remoinhos indescritiveis, em luta infernal para retomar o despraiado de seu leito e o caminho para o seu rumo sempre imutavel de N. O. . . Esse salto é tão semelhante, em aspecto, ao das Sete Quédas que, dir-se-ia, a natureza fê-lo passar ali por um ensaio para depois, lá mais em baixo, repetir a cêna, em proporções fantasticamente grandiosas, nas catadupas do famoso Guaíra”.

“Depois dos Apertados, o rio Piquerí alarga-se e nalguns lugares, como na “Corredeira do Parí”, chega a alcançar a notavel largura de 800 metros. E, sem que ofereça nada mais de impressionante, lança-se no Paraná pouco acima da extremidade inferior da ilha das Sete Quédas e a 15 kms. acima dos saltos de Guaíra, com um curso navegavel de 25 kms., após a passagem da cachoeira da “Nha Barbara”. (10)

(10) EDMUNDO MERCER — “Almanaque do Municipio de Guarapuava”.

XIV

Um problema. A docilidade do incola. Forragem de folha de palmeira — A luta com os mosquitos — Nuvens de borboletas — Rancho Pensamento — Em sinhá ANNA COITO — Em Campo Mourão — Uma cêrca de herva mate. Invasão paulista.

Tínhamos um problema a resolver, do qual dependia a nossa entrada para nordeste: — a travessia do Piquerí.

Pensavamos em fazer uma jangada com madeira e cipó e com auxilio dela atravessarmos para a margem oposta.

Iniciámos o trabalho catando a madeira e colocando-a nagua para que flutuasse na posição natural, afim de amarrá-la nas melhores condições de equilibrio.

A nossa faina era estafante. De repente, um indio se aproxima de nós e, em castelhano, perguntanos si queriamos atravessar o rio.

Respondemos afirmativamente. Um sorriso se esboçou nos labios do selvicola, traduzindo o seu

contentamento de nos vêr pelas costas. Finda a ligeira palestra, êle desapareceu para voltar, agora por agua, com três pirogas e uns dez companheiros.

A indole do indio é bôa. Depois que tiveram a certeza de que a nossa intenção era de paz, espontaneamente vieram nos ajudar, fazendo desaparecer o receio que nos acompanhava de que poderíamos ser agredidos de um momento para outro.

A travessia foi facil e no dia seguinte continuamos a nossa viagem.

E' uma verdadeira temeridade um homem com fracos recursos internar-se pela mata. Quanto mais agreste fôr a região, tanto mais de recursos se necessita. Os sofrimentos são indisiveis e as cancelas incalculaveis.

No fim de dois dias, chegámos ao acampamento abandonado Vuelta.

Os nossos animais estavam esgotados pelos atoleiros que tiveram de vencer; parecia que a terra estava se desmanchando.

Os generos eram escassos, mas fosforos e sal não faltariam, mesmo que a jornada ingrata durasse um mês.

Faltava era alimento para os animais. Os pobres quadrupedes cheiravam o mato com fome e nada encontravam que servisse. Derrubámos uma palmeira e pareceu-me que a sua folhagem constitue bom pasto, visto a facilidade com que ela foi aceita pelos muares.

Estavamos com as mãos, o pescoço e as orelhas já em carne viva, em virtude da enorme quantidade e variedade de insetos.

Os mosquitos incomodativos castigavam principalmente a mim, obrigando-me a, de vez em quando, acender um cigarro para espantá-los com a fumaça.

Uma vez por outra encontravamos enormes nuvens de borboletas, que, esvoaçando em torno de um ponto, ofereciam um belo espetáculo. Esses lipidopteros são quasi sempre da mesma côr, variando em cada bando, desde o amarelo palha até a côr de abobora. O nosso tormento continuava, consumindo-se o nosso alento na subida da Serra do Cantú.

Tudo estaria bem, si os anofelinos implicantes nos deixassem em paz.

As minhas orelhas inchavam assustadoramente e a minha temperatura já não era normal. De dentro da mata nada ou quasi nada se podia observar, de sorte que a unica preocupação era marchar.

Mais quatro dias, chegavamos ao rancho Pensamento, tambem abandonado.

Todas as noites assavamos as nossas jacutingas caçadas durante o dia; num espeto e com salmoura jogada ao calór do fôgo.

O RAMIRO, dando gostosas gargalhadas pelas proprias historias que contava, disfarçava um pouco o meu sofrimento.

O ADÃO, sempre calado, resolveu conversar na tarde que acampámos em Pensamento. A sua conversa era, porém, para fazer-me uma proposta.

Dizia-me êle:

— O que está atrasando a nossa viagem são os burros, pois temos que abrir um pique largo para que êles passem com a cangalha. Si o senhor concordar em abandonar aqui os animais, nós iremos mais depressa. Eu e o RAMIRO fazemos uma trouxa com o indispensavel e num rumo certo vou sair na casa de Sinhá ANA COITO.

Com tristeza acedi ao seu convite, deixando ali para morrerem á mingua os pobres animais e alguns objetos de valôr: selim, cangalha, pelêgo, etc.

De fato, o plano do ADÃO produziu efeito, e no fim de dia e meio de caminhada chegamos á casa da velha ANA COITO. Esta velhinha fazia questão do "COITO" e não COUTO. Era a mais rica proprietaria da região, apesar do aspecto miseravel de sua casa, onde tresanda um forte almiscar de couro pôdre.

A bôa velhinha cria todos os orfãos da região, quer sejam selvagens ou civilizados. O lugar onde mora é conhecido pelo seu nome. Há ali além de viçoso cafesal, o mais lindo herval da região.

ANA COITO foi prodiga em gentilezas, cativando desde o inicio a minha simpatia pelo seu coração de ouro.

Conseguimos animais emprestados para continuar a viagem até ao Campo Mourão, enquanto três rapazes, pelo nosso pique, iriam vêr si encontravam novamente os objetos e os animais deixados na mata.

Com alguma velocidade córta a estrada o rio Mourão ou da Vargem, afluente do Ivaí.

O terreno do rio da Vargem até o Campo Mourão é fracamente ondulado e de coloração vermelho rôxo, excelente para agricultura. A vegetação é baixa e pouco cerrada, atravessando-se de vez em quando extensos e altos samambaias que cobrem um homem a cavalo. Depois de um terreno limpo costumam aparecer a samambaia, o fumo bravo, o jué, o arre-benta cavalo, a herva santa, a urtiga, e muitas vezes a herva mate.

Os habitantes empregam o cozimento da herva santa para a cura de feridas e a agua do caule da urtiga para as impurezas do sangue.

O Campo Mourão tem 19 kms. de extensão e 2 de largura, apresentando como pasto o capim limão e a barba de bóde.

É um lugar de grande futuro em vista da exuberancia de suas terras e do saluberrimo clima que ali se gosa.

O nome de Mourão dado aos campos foi uma homenagem prestada ao senhor morgado de Mateus, D. LUIS ANTONIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, que inteligentemente governou a capitania de

São Paulo, quando ordenou que se fizessem expedições para a exploração do nosso vasto sertão.

Pelo que vi e pelo que me informaram, as terras são fertilíssimas, produzindo já em larga escala o café, o milho, o arrôz, o feijão e todas as espécies de frutas.

Afirmam que o café produz melhor ali do que em São Paulo, pois nunca houve geada na região do Mourão.

As frutas são lindíssimas, adquirindo, principalmente o abacaxí, tamanho, perfume e sabôr surpreendentes.

Nas proximidades do campo existem magníficos hervaís. Vi uma cousa interessante: — uma herveira comprida, caíra pelo efeito de uma tormenta e do seu tronco rebentaram 42 herveiras, constituindo uma verdadeira cerca de herva mate.

Os habitantes plantam e colhem, mas não progredem, porque as comunicações são assás difíceis. Com Guarapuava ha o trajeto penoso de 256 kms, chegando o produto lá, mais caro do que o vendido no local.

Parece-me que se fizessem commercio com São Paulo, pelo rio Paraná, esta região prosperaria em pouco tempo.

Entre Porto Xavier da Silva, no Paraná e o Campo Mourão, ha 148 kms. mais ou menos, em terreno completamente plano. Bastaria uma bôa balsa no rio Ivaí, que tem cerca de 100 metros de largura

no passo, para que de automovel se pudesse ir do Campo ás barrancas do Paraná comodamente.

Os paulistas de hoje, como os de outróra, invadiram esta região, representando a maior parcela do total dos habitantes, sendo as outras constituídas por paranaenses e mineiros.

Todo alimento consumido, com exceção do sal, é produzido ou fabricado na região.

O mal daquele recanto é a fabricação da aguardente. É raro se vêr um homem que não esteja anormalizado pelo alcool.

A região precisa do auxilio do Governo para prosperar. Urge uma providencia em favor dêste povo trabalhador e desamparado.

Historia singela de uma picada. No divisor de aguas. Carinhos de urtiga — Otimo observatorio. Um enterro extravagante — Massiço do Pitanga — Novamente de automovel — O xaxim — Reservas da Patria — A falta de uma estrada de ferro. Como entendo a politica.

O Coronel MANUEL MENDES DE CAMARGO, desejando comprar gado em Mato Grosso, fez uma viagem á fazenda do Coronel QUINCAS NOGUEIRA, situada no grande Estado Central.

Comprou o gado e o levou com mil sacrificios, através do sertão, até Guarapuava, tendo, como era de prever, enorme prejuizo monetario. Propôs ao Presidente do Estado aumentar as relações comerciais com Mato Grosso, rasgando na mata um picadão até ás barrancas do majestoso Paraná. O seu trabalho seria pago em terras e o Estado reconhe-cê-lo-ia como empreiteiro da construção de uma estrada de rodagem de Borboleta ao Campo Mourão.

Foi assim que o senhor MENDES CAMARGO pôde trazer suas boiadas com um lucro compensa-

dor, sendo êle o unico fazendeiro paranaense que visitou a região pastoril de Mato Grosso por tão invios atalhos.

O esforçado boiadeiro achou mais comodo encarregar o serviço da construção da estrada ao senhor JOÃO BENTO, que aliás é um otimo mateiro.

Este famoso mateiro do Mourão ia fazendo o serviço como podia, podendo-se mesmo dizer "á la diable", em virtude de não possuir os conhecimentos técnicos necessarios.

É esta a historia da picada que vamos percorrer.

De volta ao terreiro de Sinhá ANA COITO tivemos a satisfação de encontrar os nossos animais.

Prosseguimos a viagem por excelente planalto, passando por Estiva, onde habitam quatro familias. O planalto onduladamente se estende para o sul, onde cái abruptamente com o nome de Serra do Mosquiteiro e com êste nome separa as aguas do Cantú das do Góio-Bang ou Treis Coiores. A descida é custosa, pois em 1338 metros se descem 108.

Da fralda da serra para o sul, o terreno cavado pelos arroios tributarios do Piquerí, movimentava-se extraordinariamente.

Pela serra do Cantú, apartador das aguas Piquerí-Avaí, transitámos. Depois do rio das Barras, afluente do Corumbataí, o caminho é pessimo, prenhe de atoleiros. Constantemente o taquaral caído nos obrigava a fazer prodigiosa ginastica de

séla, do que se aproveitavam as urtigas com suas belissimas umbelas rôxas, para acariciar-nos com uma comichão, quando não eramos seguros pelo aguçado espinho do inhapindá.

Quando ameaça chuva aparecem nuvens de mosquitos, bariguis chupadores e incomodativas borboletas, que impedem até de comer-se e mesmo de respirar-se com vontade.

No rio Liso visitei uma familia de polacos e fiquei constrangido de vêr como, principalmente as creanças e senhoras, são castigados pelos insetos.

Depois de transposto o Liso, galga-se a serra do Imbú. O senhor JOÃO BENTO locou muito bem a picada nesta serra. Sobee-se contornando a face oéste, atinge-se a crista e desce-se ladeando a vertente léste, usufruindo-se nesse trajeto magnificos panoramas.

Depois desta serra, o terreno é desigual e movimentado. Com chão pedregoso e atoleiros hiantes, galgavamos uma eminencia em serpentina, desciamos até ao rio reunidor das aguas e preparavamos-nos para subir nova elevação.

Ha um momento que o caminho passa pela linha de cumiáda de uma serra. O mato foi derrubado, servindo o lugar de otimo observatorio, de onde a vista se espraia de um lado pelos pinheirais do Ivaí e de outro se alarga pela mata pujante do Piquerí.

Do Rio Quinze de Novembro parte uma estrada carreteira até Borboleta, melhorando as condições de nossa viagem com animais estropiados.

Já neste trecho de estrada passou por nós um enterro.

Um homem carregava o caixão ao ombro. Outros iam ao seu lado de reserva e logo atraz um outro com uma cruz de madeira, enfeitada, e por ultimo o sequito a cavalo.

Achei desconcertante não possuir tampa o caixão do defunto.

Bebemos agua do historico Corumbataí, que córta a estrada com 26 metros de largura, para em seguida suá-la na subida do divisor das aguas dêste rio, das do Ivaí, em virtude de termos de marchar a pé, em consequencia do esgotamento total das nossas montadas.

O divisor citado se destaca da serra do Pitanga que, como um verdadeiro macisso, irradia elevações, separando as aguas do Iguassú das do Piquerí e não deixando que êste ultimo beijassee o Ivaí.

Extenuados, chegámos a Borboleta, onde a estrada carreteira se alarga, para aparecer a de automoveis. O caminhão com impaciencia nos esperava; pela demora, temiam que algo de anormal nos houvesse sucedido.

Por uma tuta e meia vendemos os muares que garbosamente venceram tão rude caminhada e, rin-

do de contente, continuei em demanda de Guaruapuava.

Passámos por Pitanga, um povoado com cêrca de umas vinte casas espalhadas assimetricamente. A importancia de Pitanga reside na quantidade formidavel de herva-mate que produz.

Beirando a estrada é comum encontrar-se um vegetal denominado xaxim. Apresenta uma estipe como a palmeira, mas mole. As suas folhas são como as da samambaia.

O caule é muito utilizado nos tabuleiros das obras darte provisórias e muitas pessoas confeccionam com êle porta-vasos interessantissimos.

Aproveitando o pinhão, os fazendeiros, habitantes de Palmeirinha, possuem enorme criação de suínos, que tem crescido ultimamente com otimo resultado.

Visitámos novamente o capão historico do Atalaia, berço do "Oéste Paranaense", para chegar a Guarapuava fechando o nosso circuito através do sertão.

O oéste paranaense é uma reserva inexgotavel de riquezas: representará ouro na balança financeira da Nação, quando fôr convenientemente explorado.

Com vias de comunicações deficientes, aquele rico recanto assás acidentado não poderá progredir; com boas rodovias êle poderá transformar-se em ce-

leiro, onde as regiões menos privilegiadas irão encontrar tudo de que necessitarem.

Para ligar Guarapuava á linha S. Paulo-Rio Grande, são precisos cêrca de 238 kms. de estrada de ferro. Esta ferro-via é uma necessidade e será a alavanca que levantará a tampa da catacumba que asfixia aquele povo laborioso e fôrte, talhado para a riqueza e para as lutas gigantescas contra os agrêstes elementos.

Em 1930 esta estrada já havia sido iniciada e em passadas lentas caminhava; hoje, não sei em que pé se acha a questão.

É preciso que o gigante de ferro ligue o coração do Paraná ao resto do Brasil por um laço formidável, como os duros e pesados trilhos de aço.

Basta o silvo da locomotiva, para que daquela região brote o ouro de que tanto necessitamos, do mesmo modo que da rocha do Horeb jorrou a cristalina agua, pelo simples toque da vara magica de MOISÉS.

Ali, no oêste paranaense, a frase do inolvidavel BARÃO DO RIO BRANCO se confirma: "é uma colmeia onde sobra o mel."

É mistér que os politicos de nossa terra, levantando os olhos para o altar da Patria, trabalhem somente em proveito desta terra, esquecendo-se das paixões partidarias e do bem estar pessoal.

"Devemos entrar "no dominio da politica, mas de politica como a definiu SARMIENTO: — una

energía que educa y construye” — expressão e força motriz da vida coletiva — agente dinamico que, como um imortal coração, pulsa, lateja, trabalha incessantemente através dos anos e das decadas, preparando, presidindo, orientando a evolução ascendente dos Estados; força inteligente, heroica e vigilante, que por meio dos seus grandes órgãos — a policia, a justiça, a escola, a assistencia, o governo enfim — disciplina, protege, educa, desbrava naturezas e espiritos, prepara e garante os surtos de trabalho, combate a barbaria e o mal, persegue o germen daninho nas zonas paludicas e nas almas que sofrem no desamparo. Tal é a politica — aquela mesma politica que elabora orçamentos e faz eleições e cobra impostos — só que naquelas funções ela desenvolve uma ação construtiva superior, na qual um fôrte espirito moral deve agir por presença, produzindo uma constante depuração do organismo coletivo, uma incessante eliminação de impurezas; sem o que a politica como um sangue poluido, satura-se de venenos e os Estados, como corpos enfermos, em vês de progredirem em força, em saúde, em beleza moral, definham em miseria e decadencia.” (11)

(11) MANUEL BERNARDEZ — “O Coração do Brasil”.

XVI

As duas vias de comunicações penetrantes. Hulha branca — Candoy — Algodão — Trigo. Estradas transversais — Um milagre — A rodovia São João. Barracão. A vitória do Barão do Rio Branco e a justiça de GOVER CLEVELAND.

No oéste paranaense duas vias de comunicações buscam a fronteira, desenvolvendo-se mais ou menos paralelamente ao vale do Iguassú. A do norte foi percorrida por nós até Foz do Iguassú e a do sul, construída pela engenharia militar, tem inicio na estação ferro-viaria de São João, passa por Palmas e Clevelandia, estreita-se em Conrado, metamorfoseando-se, daí em diante, até Barracão, em uma tortuosissima picada. Ligando estas duas rodoviãs, uma transversal rasgada nos campos guarapuavanos, manchando de vermelho o verde palha campesino, atravessa a mata marginal do Iguassú, corta este curso dagua por cima duma solida balsa e serve aos povoados de Mangueirinha e Covó.

É esta estrada freqüentada pelas pessoas que procuram as Aguas de Santa Clara, nas barrancas do rio Jordão, onde encontram, nas propriedades terapeuticas das fontes, alivio para os males do aparelho digestivo e da péle.

O rio Jordão cái no Iguassú, formando bellissima cachoeira. É este rio um reservatorio inesgotavel de hulha branca. Num pequeno salto distante seis quilometros da cidade, é a energia potencial duma quéda transformada em energia dinamica que, em fórma eletrica, ilumina Guarapuava. No seu medio curso, o salto Curicará, nome de um passaro barulhento que infesta os campos, pôde ser apresentado como uma pagina colorida do magnifico livro natural do Paraná.

Grande parte dos campos atravessados pela estrada toma o nome do Candoy, como uma homenagem ao bravo chefe indigena dêste nome, da tribu Camé, primitivo dono daquele lindo recanto.

O terreno, que liga o campó ao Iguassú, se apresenta em largos degraus, desenvolvendo-se a estrada, ora em fortes declives, ora em extensos patamares.

O ponto onde o Iguassú córta a estrada é conhecido por Porto Santa Maria. Outróra esta região marginal recebeu o nome de Distrito Algodoeiro, em virtude da grande plantação do "gossypium herbaceum", que facilmente florescia. Não é

de estranhar que o algodão medrasse naquelas paragens com facilidade, pois sabemos que esta planta textil é nativa e do Brasil foi exportada para outros países. Apesar disso o algodão feneceu, porque é menos trabalhoso extrair herba-mate...

Alguns agricultores se entregam ao cultivo do trigo.

As sementes foram importadas da Argentina. O trabalho no cultivo do trigo é penoso e exige que se não semeie dois anos consecutivos na mesma terra, afim de que ela adquira os elementos vitais ao desenvolvimento do cereal.

Segundo dados divulgados pela Inspetoria Agrícola do Estado do Paraná: — um hectare produz 20 a 30 alqueires sem trato cultural e sem adubação de especie alguma. Nos campos um hectare pôde produzir 800 litros de trigo e nos terrenos de mata a produção aumenta para 1.200 litros.

Sem querer ser S. Tomé, que para acreditar na ressurreição do Divino Mestre, desejava meter o dedo nos buracos feitos, nos pés de JESUS, pelos pregos que os ligaram ao sagrado lenho, devo dizer que não acredito nos numeros citados acima. Não assisti a nenhuma colheita e os agricultores dêsse bemdito grão não me afirmaram de um modo categorico haverem haurido lucros compensadores.

Visitei o posto experimental de trigo em Ponta Grossa, e fiquei desolado em saber que um saço de

trigo produzido ficava mais caro do que o adquirido em Buenos Aires, devido ao preço do adubo empregado.

A estrada de que falámos é perfeitamente trafegada por automoveis, todavia no córte do Lageado Grande é preciso que o motorista se cuide, afim de que o diferencial do veículo não bata em alguma pedra.

Acompanhando a linha telegrafica que liga Guarapuava a Mangueirinha, uma estrada sulca os campos até aos seus confins, onde estes tomam o nome de "da Reserva"; daí, fazendo companhia á linha, parte uma picada que vai morrer no povoado citado, de nome diminutivo.

Uma ponte abarca as margens do rio da Reserva a montante de uma bela cachoeira.

Dominando os arredores, de cima de um outeiro, uma capelinha branqueia com um perfil elegante. Este pequeno templo tem sua historia. Contam que, quando não havia ponte, um senhor tentou atravessar o curso dagua sobre a cachoeira. De chôfre foi arrastado pela corrente, rodopiando com a montada. De relance viu que estava perdido no auge de ser tragado pelo abismo que, como uma bôca hiante, estava prestes a sorvê-lo.

Desejou, como bom catolico, morrer pensando em N. S. da Aparecida e com o coração transbor-

dando de bondade concentrou sua imaginação na milagrosa santa.

Sem saber como, notou o viajero que o seu cavalo se enroscara num pau que, preso numa fresta da rocha, pendia para o abismo. A santa o atendera...

Gritou desesperadamente, até que alguém viesse retirá-lo daquela situação angustiosa.

Salvou-se. Como reconhecimento á graça que lhe fôra feita, construiu a mimosa capelinha que de longe é avistada.

No limite dos campos com a mata termina a estrada de rodagem com um desenvolvimento de 120 kms.

Os campos de que falamos receberam o nome de "da Reserva", porque foram reservados aos índios que habitavam a região guarapuavana.

A picada, depois que se atravessa o Iguassú, encarapita-se por uma ingreme e pedregosa serra. Os animais arfam de cansaço e os pedestres sentem as pernas fracas de tanto subir em ziguezague. Algumas vezes os animais caem, escorregando em largos lagados. Além de constituir grande barbaridade subir esta serra a cavalo, é uma enorme imprudência, em virtude dos perigos a que se fica exposto. Há uma cruz bem no meio da subida, indicando aos afoitos que ali já havia sucumbido um.

A estrada que, beirando o limite entre o Paraná e Santa Catarina, liga a povoação de Conrado á estação de São João dos Pobres, tem um percurso de 208 kms.

Esta rodovia, partindo da gare citada a 1.200 metros de altitude, desenvolve-se a principio por um divisor secundario que descamba para o rio Jangada, onde uma ponte, em concreto armado, com 86 metros de vão, vence o obstaculo. Depois de transpostos os rios Souza, Xavier e Iratim, a estrada galga a Serra Papuã, para atingir, em Horizonte, os famosos campos de Palmas. Até esse logarejo a via atravessa espessa mata, onde excelem a imbuia e o cédro.

Correndo pelo divisor geral das aguas dos rios Chapecó e Chopim, a rodovia atinge a cidade de Palmas, onde se gosa um admiravel clima de altitude (1.115 metros) depois de um percurso de 124 kms.

De Palmas a linha segue pelo grande divisor mencionado até Clevelandia, que dista 170 kms. de S. João. Prossegue a rodovia até Conrado, onde a revolução de 1930 sustou os trabalhos de construção.

Esta estrada se destinava a ligar o longinquo povoado de Barracão ao nosso eixo de comunicações São Paulo-Rio Grande. Acharam os estrategistas que esta rodovia era uma arma de dois gumes em caso de guerra. Desta maneira ficou, entre Barracão e Conrado, um trecho servido somente por uma picada que atravessa região alcantilada e agreste.

De Barracão e Santo Antonio, povoados da fronteira, a Argentina fez construir duas estradas até aos portos Esperança e Segundo, nas barrancas do rio Paraná.

Resulta desta solução de continuidade, serem os produtos extrativos da região fronteiriça escoados completamente pelo Territorio de Misiones.

Tendo preponderado o ponto de vista militar ao economico e educacional, ficou o povo habitante daquela região completamente desamparado, vivendo mais bafejado pela Argentina do que pelo Brasil.

A região Sul do Paraná e Norte de Santa Catarina a oeste dos rios Jangada e Chapecó foi por muito tempo uma nuvem pedrenta no céu da paz americana.

A fixação dos nossos limites com a Republica Argentina foi um ato de habilidade do saudoso chanceler BARÃO DO RIO BRANCO.

A duvida sugerida pela Argentina quanto á identificação dos rios Peperí-Guassú e Santo Antonio foi o pomo de discordia que fez estremecer a amizade entre os gloriosos aliados da Triplice Aliança.

Por um triz foi o limite atual aceito pelo general URQUIZA que, na cidade do Paraná — Capital de Entre-Rios — governava a Confederação Argentina.

O general URQUIZA, desejando que o Brasil interviesse em suas questões internas, esperava, para decidir sobre os limites, que nós o ajudássemos a submeter Buenos-Aires, que não queria incorporar-se á Confederação.

O tratado negociado entre a Confederação Argentina e o Brasil e denominado "Tratado do Paraná", após discutido e aprovado pelo Senado e pela Camara argentina em 1858, não chegou á troca de ratificações por ter sido declarado nulo em 1859.

Segue-se a guerra do Paraguai, que não nos permitia tratar de limites.

Em 1881 a Argentina declarou que considerava os rios Chopim e Chapecó como se fossem o Peperí-Guassú e o Santo Antonio, dando áqueles os nomes dêstes. Pelo Tratado, os dois rios limitrofes nasciam na mesma elevação e corriam para o Uruguai e Iguassú.

Foi nomeada uma Comissão mixta brasileiro-argentina para estudar o território litigioso, que trabalhou de 1887 a 1890, decidindo que o rio que contraverte com o Chapecó é o Jangada e não o Chopim.

Antes da Comissão terminar seus estudos, a Argentina propôs dividir ao meio o território contestado, o que o ministerio Ouro Preto não aceitou, em virtude da certeza que tínhamos da questão.

Com a proclamação da Republica, QUINTINO BOCAIUVA quis ceder á vontade da Argentina, mas felizmente não foi atendido, sendo a questão entregue á justiça do Presidente dos Estados-Unidos da America do Norte, GOVER CLEVELAND, escolhido para arbitro da eterna questão.

O laudo do Presidente CLEVELAND reconheceu o nosso direito, fazendo passar a linha divisoria pelo sistema ocidental (Peperí-Guassú-Santo Antonio) e não pelo oriental (Chapecó-Jangada), como almejavam os argentinos, sendo vitorioso o advogado dos brasileiros, o grande BARÃO DO RIO BRANCO.

XVII

O asceta JOÃO MARIA. O “santo” JOSÉ MARIA atíça os animos dos jagunços no Contestado. A morte heroica do Capitão JOÃO GUALBERTO nos Campos de Iraní. Campanha do Contestado.

Peregrinando pelo sertão do sul, em 1876, viveu um velho asceta de origem francêsa, conhecido pela alcunha de JOÃO MARIA DE JESUS.

Esse ancião de cabelos hirsutos e longas barbas era um ente inocuo na pratica dos seus preceitos religiosos. As farandulas que o visitavam eram sempre aconselhadas para o bem, resultando disto um prestigio total para o peregrino.

As suas resas, os seus remedios e conselhos valeram-lhe o epiteto de “santo”, conferido pelos seus fanaticos.

Um dia morre o “São” JOÃO MARIA, deixando aquele imenso rebanho sem pastor espiritual.

As ocasiões são dos expertos. Em 1912, surge, na zona contestada, pelo Paraná e Santa Catarina, um individuo intitulado-se irmão do falecido “santo” e designado por Deus para continuar a sua obra

sagrada. Esse pulha, MIGUEL LUCENA, desertor da policia paranaense e ex-soldado do Exercito, começou a ser conhecido pelo cognome de "São" JOSÉ MARIA. Tipo finorio, explorava a credulidade dos caboclos, vendendo fetiches, fitas com o comprimento do seu corpo, beberagens e mil outras bugiangas, ao mesmo tempo que dava pasto ao seu instinto sensual doentio, dormindo no mesmo catre com duas donzelas menores de onze anos. Essas meninas eram renovadas de tempos em tempos, constituindo uma honra para um progenitor, ser sua filha escolhida para "virgem do santo".

A vida abandalhada que misticamente gozava, não satisfazia ao seu cerebro ôco. Desejava o ex-policia subir, dirigir "povos", como dizem na gíria os sertanejos. Para isto aliciou pessoal, armou-os até aos dentes, afim de investir contra a vila de Curitibanos.

A policia catarinense, dirigida pelo Dr. SALVIO GONZAGA, enfrentou a horda de cangaceiros, obrigando-os a tomar outro rumo.

O bando sinistro capitaneado pelo "santo" rumou aos campos de Iraní, nas proximidades de Palmas.

O governo paranaense envia, para combater o emulo de ANTONIO CONSELHEIRO e precursor de LAMPEÃO, o intrepido Capitão JOÃO GUALBERTO GOMES DE SÁ, uma luzidia esperança do Exercito Nacional.

Era o Capitão JOÃO GUALBERTO o comandante da Força Publica do Paraná e, para cumprir sua missão, fez-se acompanhar do Dr. VIEIRA CAVALCANTE, Chefe de Policia, e de uma força de 400 homens.

De trem, em um dia, venceu o percurso de Curitiba a Porto União, iniciando a marcha para Palmas incontinenti.

O bravo Capitão não desejava parar. A valentia impelia-o para a frente, em busca do perigo:

No dia 19 de Outubro chegava a força miliciana ao lugar denominado Felipe Bueno, onde acampou, para no dia seguinte progredir na direção dos Campos do Iraní, com 58 homens apenas.

O restante da força, sem que se saiba cabalmente, si por incuria ou covardia, ficára de longe aguardando o resultado da ação do destemido capitão.

Marchava GUALBERTO resolutamente ao encontro dos fanaticos, quando duma restinga de mato surgem os jagunços em numero de trezentos.

A tropa se estende em linha de atiradores, ao mesmo tempo que a metralhadora que levaram era montada. A luta se inicia por uma chuva de balas de rifles e de fuzis. Anciosamente os soldados aguardavam que o infernal barulho da metralhadora fizesse os caboclos dispararem, como o fizeram os incolas ao ouvir o tiro de Caramurú.

A matraca não funcionava: — emperrada. Os fanaticos, superiores em numero, progrediam a arma branca, até que a luta corpo a corpo se trava.

Por um curioso capricho do Destino os chefes se defrontam. De um lado um homem culto, estoico; de outro um parvo acretinado.

GUALBERTO utilizando um pequenino revolver acerta duas balas na carcassa do bandido: uma na bôca, outra no peito. No estertor da morte, o "santo" consegue acertar uma pranchada na cabeça do Capitão. O comandante cái desacórdado, enquanto o jagunço morria quasi ao seu lado.

Assim que os milicianos se sentiram sem chefe, debandaram numa fuga louca...

Ficou no campo da luta, agonisante, o Capitão JOÃO GUALBERTO.

Um estolido caboclo que acudia pelo nome de DELFINO PONTES consumou a morte do distinto official, rachando sua cabeça a golpes de facão.

Com a morte do "monge" parecia que o sertão voltaria á sua paz habitual; comtudo, isto não succedeu, pois o "santo" havia plantado, na consciencia daquele pôvo simples, a semente da rebelião. Assim é que, antes de começar a luta com a força do heroico capitão JOÃO GUALBERTO, êle reunira seu sequito e doutrinara:

“Si eu morrer, ressuscitarei e trarei força de Cavalaria dos Céus para matar todos os peludos e todos os que não forem da lei da Monarquia; os irmãos que morrerem ressuscitarão e poderão brigar com dez soldados da Republica e hão de vencer.” (12)

Como os portugêses, que até hoje esperam a volta de Don SEBASTIÃO, a jagunçada se armou para a refréga, aguardando a sentença proferida pelo “santo”.

A onda de rebelados ia aumentando. As tropelias e desordens no sertão depunham contra a nossa civilização!

Foi organizado um verdadeiro exercito para dar cabo dos jagunços. Vidas preciosas foram perdidas, grande quantidade de ouro esbanjada.

A espada e a bala levaram a morte áquela região, para que o povo voltasse ao trabalho produtivo da paz. Este desideratum de concordia seria obtido, si a sã politica, aquela que JOSÉ BONIFACIO dizia ser filha da moral e da razão, houvesse encaminhado, para aquelas plagas, livros e professores que, sem nenhum estrago, conseguiriam a paz, como as armas e os soldados o fizeram.

FIM

(12) CAMPANHA DO CONTESTADO — HERCULANO d'ASSUMPÇÃO.

FAC. EDUCAÇÃO - BIBLIOTECA



*Um lindo recanto de
PARANAGUÁ.*



*Estrada Paranaguá-Curitiba
Obra prima da engenharia
nacional.*



Um trecho da maravilhosa Estrada Paranaguá-Curitiba.



A magnífica cascata VÉO DE NOIVA, cuja água se despenha em busca do vale do Ivaí.

Interessante salto do Lagoado Grande nas proximidades de Guarapuava.





Um arrabalde de Curitiba sob a neve.

O sêro Morungaba, em fôrma de chapéo, acha-se isolado da Serra Esperança e é visto de Prudentópolis.





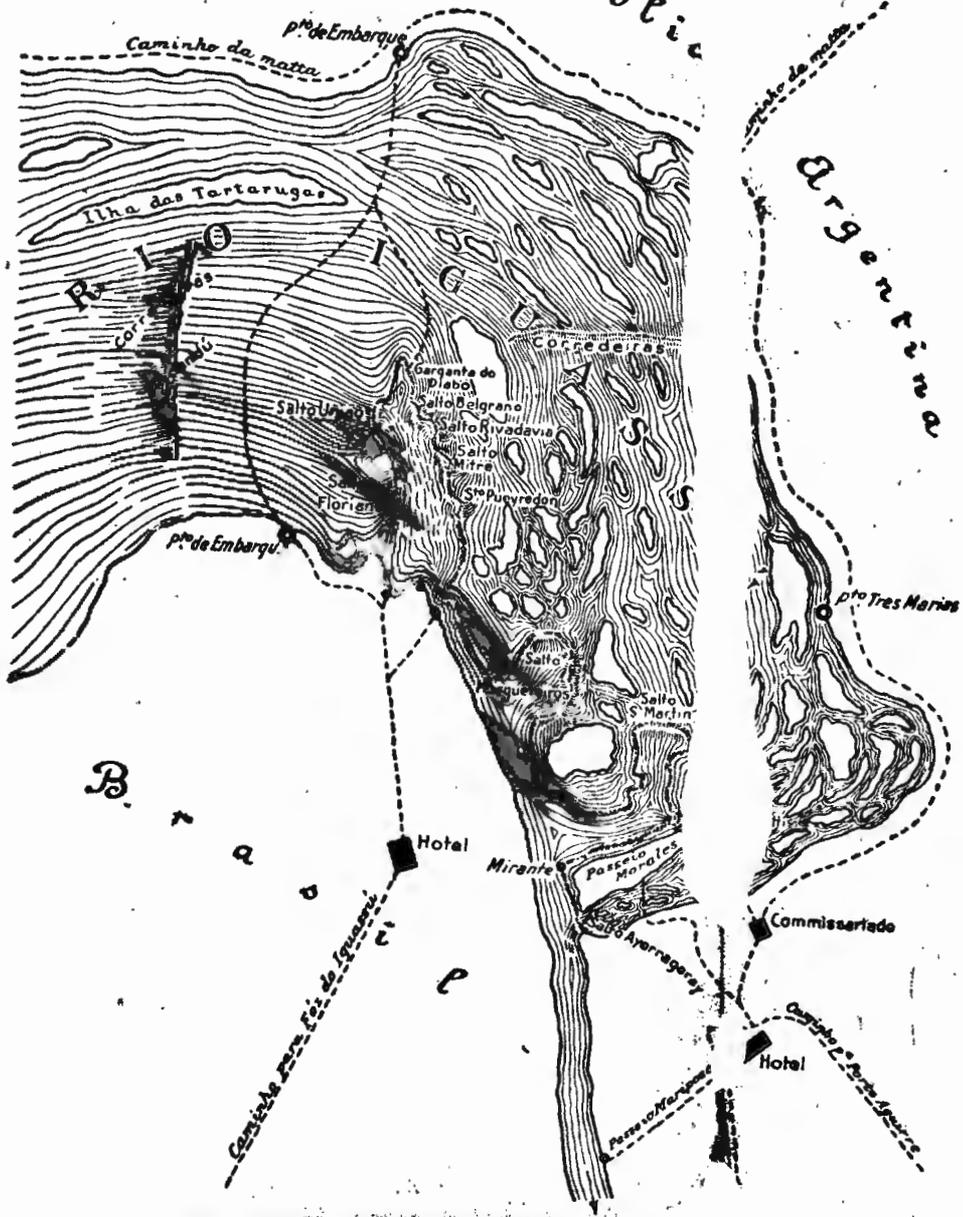
Gado franqueiro, da região de Guarapuava

B li tipo de bú.



Republic

Argentina





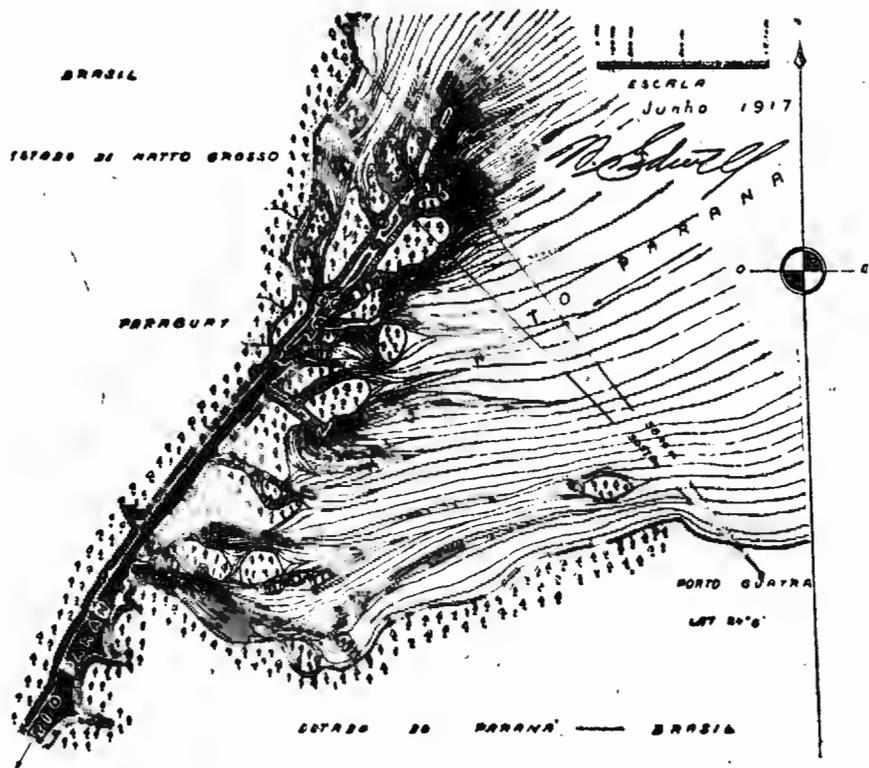
Porto Santa Helena — Rica aléa de paineiras.

Ruínas de porto



*de Santa Maria — O ponto marcado por
esta indica o inicio da formidavel Garganta
do.*

*Salto Floriano, o unico dos famosos saltos do
Iguassú, que é inteiramente brasileiro.*



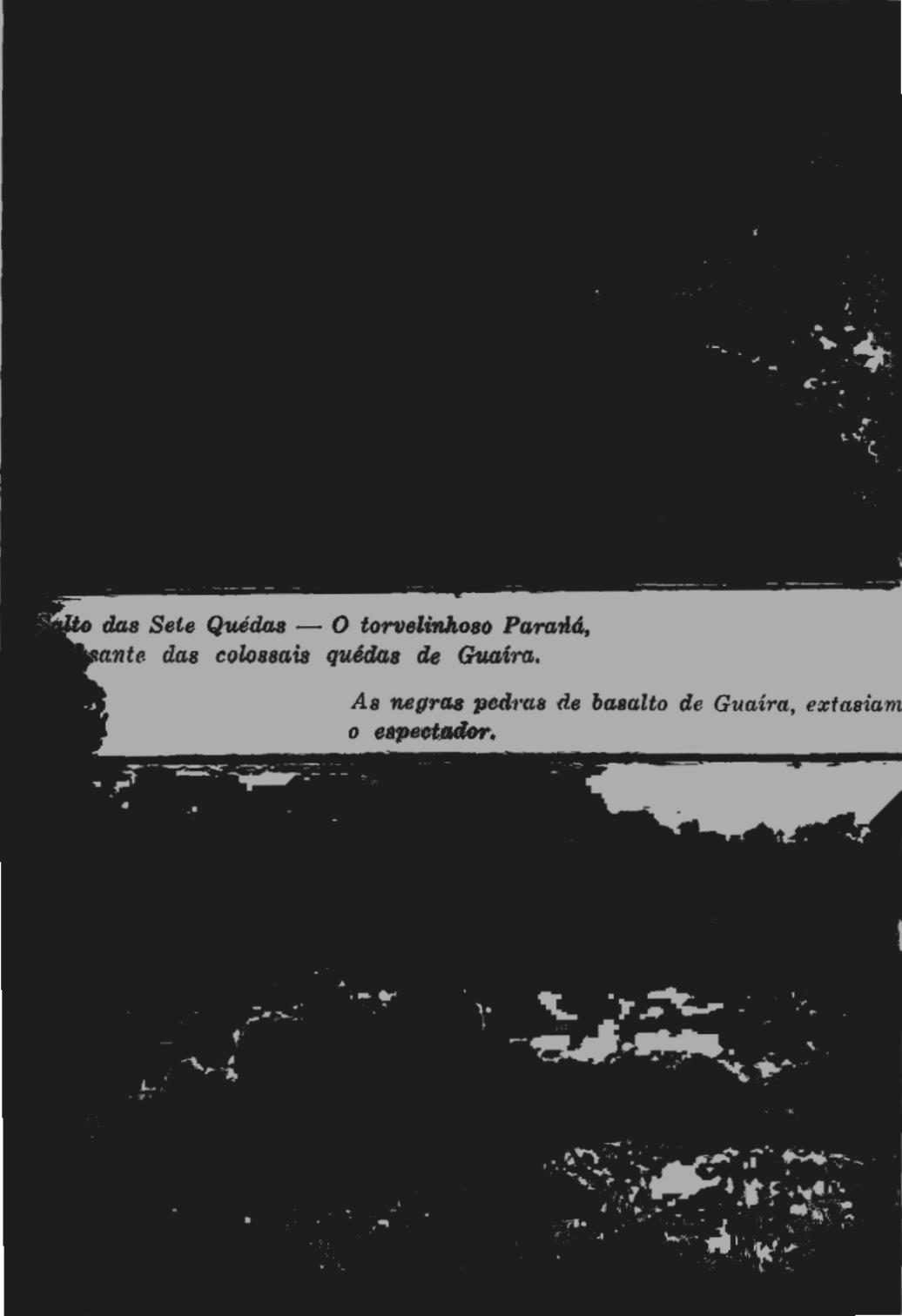
Plano do Salto Guayra



*Estrada Pitanga-Guarapuava — Soberba fonte
de hulha branca.*

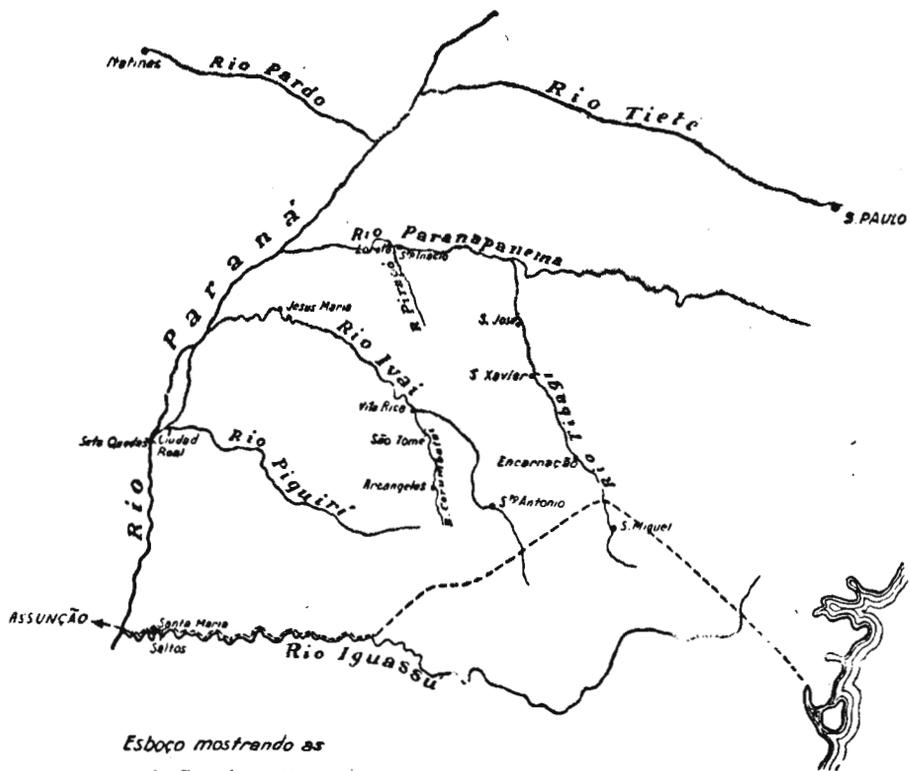
Aspecto da parte superior da catarata





*Salto das Sete Quédas — O torvelinhoso Paraná,
passante das colossais quédas de Guaira.*

*As negras pedras de basalto de Guaira, extasiam
o espectador.*



*Esboço mostrando as
reduções jesuíticas*

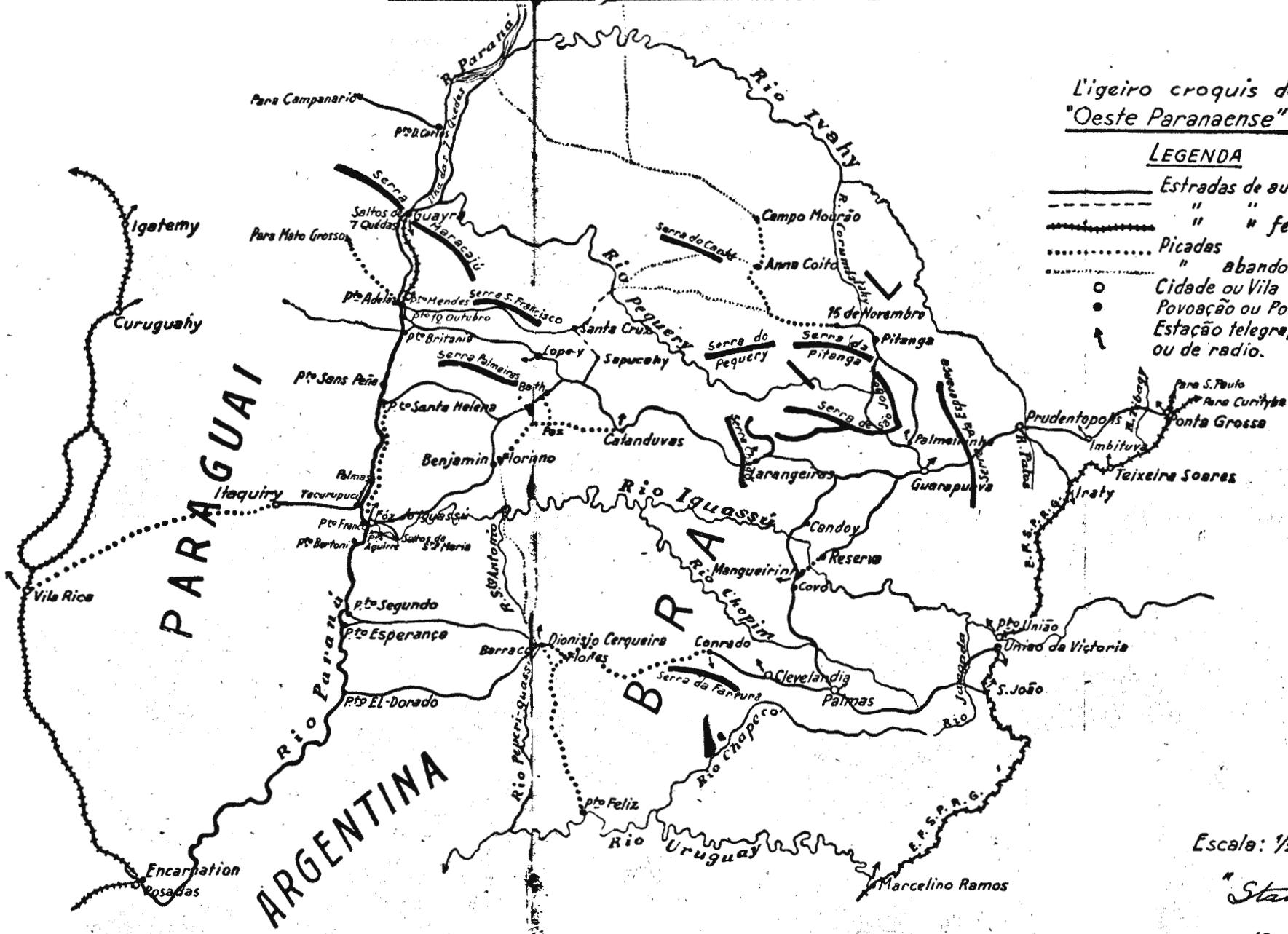
*----- provavel itinerario
de Cabeça de Vaca*

*"Stanley"
1934*

L'igeiro croquis do
"Oeste Paranaense"

LEGENDA

- Estradas de automovel
- - - " " " abandonadas
- ⋯ " " ferro
- ⋯ Picadas
- ⋯ " abandonadas
- Cidade ou Vila
- Povoação ou Porto
- ↑ Estação telegraphica, telephonica ou de radio.



Escala: 1/2.000.000

"Stanley"

1934